SHIRLEY JACKSON

SEMPRE VIVEMOS NO CASTELO



SUMA de letras

SEMPRE VIVEMOS NO CASTELO

SHIRLEY JACKSON

Tradução
Débora Landsberg

SUMA
de letras

Para Pascal Covici

SUMÁRIO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
Sobre a autora

1

Meu nome é Mary Katherine Blackwood. Tenho dezoito anos e moro com a minha irmã Constance. Volta e meia penso que se tivesse sorte teria nascido lobisomem, porque os dois dedos médios das minhas mãos são do mesmo tamanho, mas tenho de me contentar com o que tenho. Não gosto de tomar banho, nem de cachorros nem de barulho. Gosto da minha irmã Constance, e de Richard Plantagenet, e de *Amanita phalloides*, o cogumelo chapéu-da-morte. Todo o resto da minha família morreu.

Da última vez que dei uma olhada nos livros da biblioteca que estavam na prateleira da cozinha, o prazo deles já estava mais de cinco meses vencido, e me perguntei se eu escolheria diferente caso soubesse que seriam os últimos livros, aqueles que ficariam para sempre na prateleira da nossa cozinha. Raramente mudávamos as coisas de lugar: os Blackwood nunca foram uma família muito ativa ou inquieta. Trocávamos os objetos transitórios de pequenas superfícies, os livros, as flores e as colheres, mas embaixo deles sempre tivemos uma base sólida de objetos estáveis. Sempre devolvíamos as coisas ao seu lugar. Tirávamos o pó e varríamos debaixo das mesas e cadeiras e camas, dos retratos e tapetes e luminárias, mas os deixávamos no mesmo lugar; as caixinhas em padrão tartaruga na penteadeira da nossa mãe nunca se mexiam mais que uma fração de centímetro. Os Blackwood sempre moraram na nossa casa e mantiveram suas coisas em ordem; assim que a nova esposa de um Blackwood se mudava, achava-se um lugar para seus pertences, e então nossa casa foi ficando mais pesada com as camadas de bens dos Blackwood, elas a mantinham firme contra o mundo.

Foi numa sexta-feira no final de abril que eu trouxe os livros da biblioteca para a nossa casa. Sextas e terças eram dias terríveis porque eu tinha de ir ao vilarejo. Alguém precisava ir à biblioteca e ao mercado; Constance nunca andava além do próprio jardim, e o tio Julian não podia. Então não era o orgulho o que me levava ao

vilarejo duas vezes por semana, nem mesmo a teimosia, mas a simples necessidade de livros e comida. Talvez fosse o orgulho que me levasse a entrar na cafeteria da Stella para tomar uma xícara de café antes de voltar para casa; eu disse a mim mesma que era o meu orgulho e que não evitaria entrar lá independentemente do quanto quisesse estar em casa, mas também sabia que Stella me veria passar caso não entrasse, e talvez pensasse que eu tinha medo, e essa ideia era insuportável para mim.

"Bom dia, Mary Katherine", Stella sempre dizia, esticando o braço para limpar o balcão com um pano úmido, "como você está hoje?"

"Muito bem, obrigada."

"E Constance Blackwood, está bem?"

"Muito bem, obrigada."

"E como é que *ele* está?"

"Bem, na medida do possível. Café puro, por favor."

Se mais alguém entrava e se sentava no balcão, eu largava o café sem dar a impressão de estar com pressa e ia embora, acenando com a cabeça para me despedir de Stella. "Se cuida", ela sempre dizia mecanicamente quando eu saía.

Escolhia os livros da biblioteca com cuidado. Tínhamos livros em casa, é claro; o escritório do nosso pai tinha duas paredes cobertas de livros, mas eu gostava de contos de fadas e livros com temas históricos, e Constance gostava de livros de culinária. Mesmo que o tio Julian nunca pegasse um livro sequer, gostava de observar Constance lendo nos finais de tarde enquanto ele próprio se debruçava sobre seus papéis, e às vezes virava a cabeça para olhá-la e assentia.

"O que você está lendo, minha querida? Uma bela visão, uma dama com um livro."

"Estou lendo um livro que se chama *A arte de cozinhar*, tio Julian."

"Admirável."

A gente nunca fica quieta por muito tempo, é claro, com o tio Julian por perto, mas não me lembro de Constance e eu termos sequer chegado a abrir os livros da biblioteca que continuam na prateleira da nossa cozinha. Era uma bela manhã de abril quando saí da biblioteca; o sol brilhava, e as falsas promessas gloriosas da primavera estavam por todos os lados, destacando-se da sujeira do vilarejo de um jeito estranho. Eu me lembro de ter parado na escada da biblioteca com os livros nas mãos para observar por um instante o verde-claro se insinuando nos galhos contra o céu, desejando, como sempre, que pudesse voltar para casa pelo céu em vez de cruzar o

vilarejo. Da escada da biblioteca eu poderia atravessar logo a rua e andar do outro lado em direção ao mercado, mas assim teria de passar pela mercearia e pelos homens que ficavam sentados ali na frente. Nessa cidadezinha os homens permaneciam jovens e faziam as fofocas, enquanto as mulheres envelheciam com seu cansaço colorido por uma maldade cinzenta, esperando em silêncio que os homens se levantassem e fossem para casa. Eu poderia sair da biblioteca e percorrer a rua deste lado até chegar ao mercado e então atravessar; isso era preferível, apesar de ter de passar na frente do correio e da casa Rochester, com as pilhas de latas enferrujadas e os automóveis quebrados e as latas de gasolina, os colchões velhos e as instalações hidráulicas e os tanques de lavar roupa que a família Harler levava para casa e — acredito sinceramente — amavam.

A casa Rochester era a mais bonita da cidade e antigamente tinha uma biblioteca revestida com lambris de nogueira e um salão de festas no segundo andar e um monte de rosas espalhadas pela varanda; nossa mãe tinha nascido ali, e por direito o lugar deveria ser de Constance. Resolvi, como sempre, que seria mais seguro passar pelo correio e pela casa Rochester, apesar de não gostar de ver a casa onde nossa mãe nasceu. Este lado da rua geralmente ficava deserto de manhã, já que fazia sombra, e de qualquer maneira depois de entrar no mercado eu teria de passar pela mercearia para voltar para casa, e passar por ela indo e vindo ia além do suportável.

Saindo do vilarejo, na Hill Road e na River Road e na Old Mountain, gente como os Clarke e os Carrington haviam construído casas novas muito bonitas. Precisavam atravessar o vilarejo para chegar a Hill Road e River Road porque a rua principal também era a estrada mais conhecida para cruzar o estado, mas os filhos dos Clarke e os meninos dos Carrington frequentavam escolas particulares, e a comida nas cozinhas de Hill Road vinha das cidadezinhas próximas e de uma cidade maior; a correspondência era levada de carro da agência do vilarejo, passando pela River Road e subindo até Old Mountain, mas o pessoal da Mountain postava suas cartas nas cidadezinhas, e o pessoal da River Road cortava o cabelo na cidade grande.

Sempre me intrigou que as pessoas do vilarejo, morando em suas casinhas imundas na estrada principal ou na Creek Road, sorrissem e assentissem e acenassem quando os Clarke e os Carrington passavam de carro; quando Helen Clarke entrava no Mercado do Elbert para comprar a lata de molho de tomate ou o meio quilo de café que a cozinheira tinha esquecido, todo mundo lhe dava "Bom dia" e dizia que o tempo

hoje estava melhor. A casa dos Clarke é mais nova, mas não é melhor do que a casa dos Blackwood. Nosso pai trouxe para casa o primeiro piano que o vilarejo já viu. Os Carrington são donos da fábrica de papel, mas os Blackwood possuem todas as terras entre a estrada e o rio. Os Shepherd de Old Mountain deram ao vilarejo a sede da prefeitura, que é branca e pontuda e construída em um gramado verde com um canhão na frente. Teve uma época em que conversaram sobre estabelecer leis de zoneamento no vilarejo e derrubar os barracos de Creek Road para reconstruir o vilarejo inteiro combinando com a prefeitura, mas ninguém moveu uma palha; talvez imaginassem que os Blackwood passariam a comparecer às reuniões municipais se fizessem alguma coisa. Os moradores tiram suas licenças para caçar e pescar na prefeitura, e uma vez por ano os Clarke e os Carrington vão à reunião municipal e votam solenemente pela retirada do ferro-velho dos Harler da Main Street e pela retirada dos bancos na frente da mercearia, e todos os anos os moradores os vencem alegremente. Depois da prefeitura, virando à esquerda, fica a Blackwood Road, o caminho de casa. A Blackwood Road forma um grande círculo em torno do terreno Blackwood, e cada centímetro dela é fechado por uma cerca de arame farpado levantada pelo nosso pai. Não muito longe da prefeitura fica a enorme pedra preta que marca a entrada da trilha onde destranco o portão e o tranco logo depois de passar e atravesso o bosque e chego em casa.

O pessoal do vilarejo sempre nos odiou.

Eu fazia uma brincadeira quando ia às compras. Pensava nos jogos infantis em que o tabuleiro é dividido em quadradinhos e cada jogador mexe as peças de acordo com os dados: sempre havia riscos, como "fique uma rodada sem jogar", "volte quatro casas" e "volte ao ponto de partida", e ajudinhas, como "avance três casas" e "jogue mais uma vez". A biblioteca era meu ponto de partida e a pedra preta era meu objetivo. Tinha de descer por um lado da Main Street, atravessar e depois subir pelo outro lado até chegar à pedra preta, e assim eu vencia. Comecei bem, fazendo uma virada segura pela calçada vazia da Main Street, e talvez esse acabasse sendo um dos dias ótimos; às vezes era assim, mas nem tanto nas manhãs de primavera. Se fosse um dia ótimo, depois eu faria uma oferenda de joias num gesto de gratidão.

Comecei andando rápido, respirei fundo para continuar e não olhei ao redor; estava com os livros da biblioteca e a sacola de compras, e observava meus pés se movendo,

um depois do outro; dois pés nos velhos sapatos marrons da nossa mãe. Senti que alguém me olhava de dentro do correio — não aceitávamos correspondências, e não tínhamos telefone: ambos haviam se tornado insuportáveis seis anos antes —, mas eu conseguira aguentar uma rápida olhadela vinda do correio; era a velha srta. Dutton, que nunca encarava ninguém às claras como outras pessoas, somente por entre as persianas e de trás das cortinas. Eu nunca olhava para a casa Rochester. Achava insuportável pensar na nossa mãe nascendo ali. De vez em quando me perguntava se a família Harler sabia que morava em uma casa que deveria ter sido de Constance; no quintal deles havia sempre tanto barulho de metal batendo que não conseguiam me ouvir andar. Talvez os Harler imaginassem que aquela barulheira sem fim espantasse os fantasmas, ou talvez gostassem de música e achassem o som agradável; talvez os Harler vivessem lá dentro como viviam ali fora, sentados em banheiras velhas e jantando com pratos quebrados apoiados na carcaça de um velho Ford, chacoalhando latas durante a refeição e conversando aos berros. Sempre havia uma mancha de sujeira na calçada em que os Harler moravam.

Atravessar a rua (perca a sua vez) vinha em seguida, para chegar ao mercado exatamente do outro lado. Eu sempre hesitava, vulnerável e desprotegida, na beira da rua enquanto os carros passavam. O tráfego na Main Street era quase sempre rápido, carros e caminhões cruzando o vilarejo porque era isso o que a estrada fazia, então os motoristas raramente olhavam para mim; eu podia identificar os carros dos moradores pela olhadela desagradável do motorista e me perguntava, sempre, o que aconteceria se eu descesse do meio-fio para a pista; haveria uma guinada rápida, quase involuntária, na minha direção? Só para me assustar, talvez, só para me verem dar um salto e me esquivar? E depois a gargalhada, vinda de todos os lados, de trás das persianas do correio, dos homens em frente à mercearia, das mulheres espreitando da porta do mercado, todos assistindo e tripudiando ao ver Mary Katherine Blackwood correndo para sair da frente de um carro. Às vezes eu perdia duas ou até mesmo três rodadas porque aguardava atentamente que a pista se esvaziasse em ambas as direções antes de atravessar.

No meio da rua, saí da sombra e entrei no claro, enganoso sol de abril; em julho a superfície da pista já estaria mole do calor e meus pés grudariam, tornando a travessia mais perigosa (Mary Katherine Blackwood, o pé preso no piche, encolhida enquanto o carro avançava em sua direção; volte ao início, comece tudo de novo), e as casas

ficariam mais feias. O vilarejo todo era de um tipo, uma época e um estilo; era como se as pessoas precisassem da feiura do vilarejo e se nutrissem dela. As casas e as lojas pareciam ter sido montadas com uma pressa desdenhosa só para oferecer abrigo aos desmazelados e aos desagradáveis, e a casa Rochester e a casa dos Blackwood e até a sede da prefeitura talvez tenham sido levadas para lá por acidente vindas de alguma cidadezinha distante e adorável onde se vivia com elegância. Talvez as casas bonitas tivessem sido capturadas — talvez como castigo aos Rochester e aos Blackwood e seus corações secretamente malvados? — e estivessem aprisionadas no vilarejo; talvez a vagarosa putrefação delas fosse um sinal da feiura dos moradores. A fileira de lojas na Main Street era invariavelmente cinza. Os donos moravam em cima delas, numa fileira de apartamentos de segundo andar, e as cortinas na linha uniforme de janelas do segundo andar eram pálidas e sem vida; aquilo que planejava ser colorido logo perdia a vontade no vilarejo. A desgraça do vilarejo nunca partira dos Blackwood; os moradores faziam parte do lugar, e o vilarejo era o único lugar conveniente para eles.

Eu sempre pensava em putrefação quando me aproximava da fileira de lojas; pensava em uma putrefação preta, ardente e dolorosa que corroía por dentro, ferindo terrivelmente. Era o que eu desejava ao vilarejo.

Tinha uma lista de compras para o mercado; Constance a fazia para mim todas as terças e sextas antes de eu sair de casa. O povo do vilarejo não gostava do fato de que sempre tínhamos muito dinheiro para comprar o que quiséssemos; havíamos tirado nosso dinheiro do banco, é claro, e eu sabia que falavam do dinheiro escondido na nossa casa, como se houvesse montes enormes de moedas de ouro e Constance e tio Julian e eu nos sentássemos à noite, os livros da biblioteca esquecidos, e brincássemos com elas, passando a mão nelas e contando-as e empilhando-as e girando-as, zombando e escarnecendo a portas fechadas. Imagino que havia muitos corações apodrecidos no vilarejo cobiçando nossas pilhas de moedas de ouro, mas eram covardes e tinham medo dos Blackwood. Quando tirei a lista de compras da sacola peguei também a bolsa para que Elbert do mercado soubesse que eu estava com dinheiro, e ele não poderia se negar a vender para mim.

Nunca importava quem estava no mercado. Eu sempre era atendida imediatamente; o sr. Elbert e sua pálida esposa gananciosa sempre vinham de onde estivessem na loja para buscar o que eu queria. Às vezes, quando o garoto mais velho estava ajudando durante as férias escolares, corriam para garantir que não fosse ele a me atender, e

uma vez quando uma menininha — uma criança estranha ao vilarejo, é claro — chegou perto de mim no mercado, a sra. Elbert puxou-a com tanta força que ela berrou e então houve um longo minuto de imobilidade enquanto todo mundo esperava, até que a sra. Elbert tomou fôlego e disse: "Mais alguma coisa?". Eu sempre ficava bem ereta e rígida quando crianças chegavam perto porque tinha medo delas. Tinha medo de que tocassem em mim e as mães me atacassem como uma revoada de falcões com garras; era sempre essa a imagem que eu tinha em mente — aves descendo, colidindo, ferindo com as garras afiadas. Hoje tive que comprar muitas coisas para Constance, e foi um alívio ver que não havia crianças na loja nem muitas mulheres; jogue mais uma rodada, pensei, e disse ao sr. Elbert, "Bom dia".

Ele assentiu para mim; não poderia ficar totalmente sem me cumprimentar e além disso as mulheres na loja estavam observando. Virei as costas para elas, mas podia senti-las paradas atrás de mim, segurando uma lata ou um saco de biscoitos cheio só pela metade ou um maço de alface, sem vontade de se mexer até que eu tivesse atravessado a porta outra vez e a onda de conversas começasse e fossem arrastadas de volta às próprias vidas. A sra. Donell estava em algum canto ali no fundo; eu a vira ao entrar, e me perguntei assim como tinha me perguntado antes se ela entrou de propósito quando percebeu que eu estava chegando, porque ela sempre tentava dizer alguma coisa; era uma das poucas pessoas que falavam.

"Um frango para assar", eu disse ao sr. Elbert, e do outro lado da loja a esposa gananciosa abriu a vitrine refrigerada e pegou um frango e o embrulhou. "Uma pata de cordeiro pequena", eu disse, "meu tio Julian sempre fica com vontade de comer cordeiro assado nos primeiros dias da primavera." Não devia ter falado isso, eu sabia, e uma arfada percorreu a loja como um grito. Poderia fazê-los correr feito coelhos, pensei, se eu lhes dissesse o que eu queria de verdade, mas apenas se reuniriam de novo lá fora e me observariam de lá. "Cebolas", pedi educadamente ao sr. Elbert, "café, pão, farinha. Nozes", eu disse, "e açúcar; nosso açúcar está quase acabando." Em algum lugar atrás de mim ouvi uma risadinha horrorizada, e o sr. Elbert olhou para além, rapidamente, e depois para os produtos que organizava sobre o balcão. Em um instante a sra. Elbert traria meu frango e minha carne, embrulhados, e os colocaria ao lado das outras coisas; eu só precisaria me virar quando estivesse pronta para ir embora. "Uma garrafa de leite", eu disse. "Meio litro de creme, meio quilo de manteiga." Os Harris tinham parado de nos entregar laticínios fazia seis anos, e agora

eu comprava leite e manteiga no mercado. "E uma dúzia de ovos." Constance se esquecera de colocar os ovos na lista, mas só tinha dois em casa. "Uma caixa de pé de moleque", eu disse; tio Julian mastigaria e faria barulho em cima da papelada dele esta noite, e iria para a cama melado.

"Os Blackwood sempre puseram belas mesas." Foi a sra. Donell, falando claramente de algum ponto às minhas costas, e alguém deu risadinhas e outra pessoa disse "Shh". Nunca me virava; já bastava senti-los todos atrás de mim sem ver seus rostos cinzentos e impassíveis com olhos cheios de ódio. Queria que todos vocês estivessem mortos, pensei, e senti ânsia de falar em voz alta. Constance dizia, "Nunca deixe que eles vejam que você se importa" e "Se você der alguma atenção, a situação só vai piorar", e era provável que fosse verdade, mas eu queria que estivessem mortos. Gostaria de entrar no mercado uma manhã e ver todos eles, até os Elbert e as crianças, deitadas ali, chorando de dor e agonizando. Então pegaria os produtos por conta própria, imaginei, pisando em seus corpos, tirando o que quisesse das prateleiras, e iria para casa, talvez com um chute na sra. Donell, ali deitada. Nunca sentia remorso quando tinha pensamentos como esse: só queria que se tornassem verdade. "É errado odiá-los", Constance dissera, "só serve para enfraquecer *você*", mas eu os odiava mesmo assim, e me questionava até mesmo por que eles tinham sido criados.

O sr. Elbert pôs todos os meus produtos juntos sobre o balcão e esperou, olhando para além de mim, para algo distante. "Por hoje é só isso", eu lhe disse, e sem me olhar ele anotou os preços em um bloco e somou, depois me entregou o bloco para que eu me certificasse de que não havia trapaceado. Eu sempre fazia questão de verificar os números com cuidado, embora ele nunca se enganasse; não havia muitas coisas que eu pudesse fazer para me vingar deles, mas fazia o possível. As compras encheram minha sacola e também outro saco, e eu só poderia levá-las para casa carregando. Ninguém jamais se ofereceria para me ajudar, é claro, mesmo se eu quisesse aceitar.

Fique duas rodadas sem jogar. Com os livros da biblioteca e as compras, indo devagar, precisava andar pela calçada da mercearia para entrar na Stella. Parei na porta do mercado, buscando dentro de mim algum pensamento que me deixasse segura. Às minhas costas, começaram os burburinhos e as tossidelas. Preparavam-se para falar de novo, e na outra extremidade da loja os Elbert provavelmente reviravam os olhos, aliviados. Enrijeci o rosto. Hoje eu iria pensar em arrumar nosso almoço no

jardim, e apesar de manter os olhos abertos só o bastante para ver aonde ia — os sapatos marrons de nossa mãe subindo e descendo —, na minha imaginação eu arrumava a mesa com uma toalha verde e levava os pratos amarelos e morangos em uma tigela branca. Pratos amarelos, pensei, senti os olhares dos homens enquanto seguia em frente, e tio Julian comeria um belo ovo mole com torradas quebradas, e vou me lembrar de pedir a Constance que ponha um xale nos ombros dele porque a primavera está só no comecinho. Sem olhar eu conseguia ver os sorrisos e os gestos; queria que estivessem todos mortos e eu andasse sobre seus corpos. Raramente dirigiam a palavra a mim, mas sempre uns aos outros. "Essa é uma das meninas dos Blackwood", ouvi um deles anunciar em voz aguda, zombeteira, "uma das meninas dos Blackwood, da Fazenda Blackwood." "Uma pena o que aconteceu com os Blackwood", disse outro, alto o bastante, "uma pena para essas pobres meninas." "A fazenda é uma beleza", eles disseram, "um bom terreno para cultivar. Um homem poderia enriquecer cultivando a terra dos Blackwood. Se tivesse um milhão de anos e três cabeças, e não ligasse para o que brotaria, um homem ficaria rico. Manter o terreno bem trancado, é isso o que os Blackwood fazem." "Um homem ficaria rico." "Uma pena o que aconteceu com as meninas da família Blackwood." "Nunca se sabe o que vai brotar no terreno dos Blackwood."

Caminho sobre seus corpos, pensei, almoçamos no jardim e tio Julian usa seu xale. Eu sempre segurava firme minhas compras ao passar ali, pois numa manhã tenebrosa a sacola de compras caiu e os ovos quebraram e o leite entornou e eu catei tudo enquanto eles gritavam, dizendo a mim mesma que de jeito nenhum eu sairia correndo, enfiando latas e caixas e açúcar derramado na sacola de compras como uma louca, dizendo a mim mesma para não sair correndo.

Em frente à Stella havia uma fissura na calçada que parecia um dedo apontando para alguma coisa; a fissura sempre estivera ali. Outros marcos, como a impressão da mão que Johnny Harris deixara no cimento da sede da prefeitura e as iniciais do menino Mueller na entrada da biblioteca, foram implementados em épocas de que me recordava; eu estava na terceira série da escola quando a prefeitura foi construída. Mas a fissura da calçada em frente à Stella sempre estivera ali, assim como a Stella sempre estivera ali. Lembro de patinar por cima da fissura, e tomar o cuidado de não pisar nela, senão daria muito trabalho à nossa mãe, e passar pedalando por ali com meu cabelo esvoaçando; os moradores não demonstravam nos detestar naquela época,

embora nosso pai declarasse que eles eram um lixo. Uma vez nossa mãe me disse que a fissura já existia quando ela era menina e morava na casa Rochester, portanto devia existir quando ela casou com nosso pai e foi morar na Fazenda Blackwood, e imagino que a fissura existisse, como um dedo apontando para alguma coisa, desde quando o vilarejo se formou a partir de madeira velha e cinzenta e das pessoas feias de rostos perversos trazidas de algum lugar insuportável e postas para morar naquelas casas.

Stella comprou a cafeteira e instalou o balcão de mármore com o dinheiro do seguro quando o marido morreu, mas além disso nada mudou na Stella desde que me entendo por gente; Constance e eu íamos até lá para gastar nossos centavos depois da escola e todas as tardes comprávamos o jornal para levá-lo para casa, para que nosso pai pudesse lê-lo à noite; não comprávamos mais jornais, mas Stella continuava a vendê-los, além de revistas e balas e cartões-postais cinzentos da sede da prefeitura.

"Bom dia, Mary Katherine", Stella disse quando me sentei diante do balcão e deixei as compras no chão; às vezes quando eu desejava que todo o povo do vilarejo morresse pensava que talvez eu poupasse Stella porque de todos era ela quem mais chegava perto de ser amável, e a única que conseguia manter alguma cor. Era roliça e rosada e quando usava vestidos com estampas vivazes eles mantinham a vivacidade por um tempo antes de se fundirem ao cinza sujo do resto. "Como você está hoje?", perguntou ela.

"Muito bem, obrigada."

"E Constance Blackwood, está bem?"

"Muito bem, obrigada."

"E como é que *ele* está?"

"Bem, na medida do possível. Café puro, por favor." Na verdade eu preferia açúcar e creme no meu café, já que era um negócio muito amargo, mas como só ia lá por uma questão de orgulho eu precisava aceitar apenas o mínimo possível para ser simbólico.

Se alguém entrava na Stella quando eu estava lá, eu me levantava e saía discretamente, mas em certos dias eu dava azar. Nesta manhã ela havia acabado de pôr meu café sobre o balcão quando uma sombra apareceu contra o vão da porta, e Stella levantou a cabeça e disse, "Bom dia, Jim". Ela foi até o canto oposto do balcão e aguardou, esperando que ele se sentasse ali para que eu pudesse sair despercebida, mas era Jim Donell, e soube de imediato que hoje tinha dado azar. Alguns dos moradores do vilarejo tinham rostos reais que eu reconhecia e podia odiar

individualmente; Jim Donell e a esposa eram dois deles, pois eram ponderados em vez de odiar estupidamente e por hábito como os outros. A maioria das pessoas ficaria na ponta do balcão onde Stella aguardava, mas Jim Donell veio direto à ponta onde eu estava sentada e ocupou o banco ao meu lado, tão próximo de mim quanto podia porque, eu sabia, nesta manhã ele queria ser meu azar.

"Me contaram", ele disse, movendo-se para sentar de lado no banco e olhar direto para mim, "me contaram que você vai se mudar."

Queria que não sentasse tão perto de mim; Stella se aproximou detrás do balcão, e desejei que ela lhe pedisse para mudar de lugar para que eu pudesse me levantar e sair sem ter de lutar para me afastar dele. "Me contaram que você vai se mudar", ele disse cerimoniosamente.

"Não", respondi, já que ele estava esperando.

"Engraçado", ele disse, olhando de mim para Stella e depois voltando. "Eu poderia jurar que alguém tinha me dito que você iria embora logo."

"Não", eu disse.

"Café, Jim?", perguntou Stella.

"Quem você acha que pode ter inventado uma história dessas, Stella? Quem você acha que iria querer me contar que eles vão se mudar se isso não vai mesmo acontecer?" Stella fez que não para ele, mas ela tentava não sorrir. Reparei que minhas mãos rasgavam o guardanapo de papel no meu colo, arrancando uma pontinha, e forcei minhas mãos a ficarem paradas e criei uma regra para mim mesma: sempre que visse um papelzinho me lembraria de ser mais gentil com tio Julian.

"Nunca se sabe como as fofocas correm", disse Jim Donell. Talvez em breve Jim Donell morresse; talvez já houvesse uma podridão crescendo dentro dele que iria matá-lo. "Você já se deu conta da quantidade de fofoca que rola nesta cidade?", ele perguntou a Stella.

"Deixe ela em paz, Jim", pediu Stella.

Tio Julian era um homem velho e estava morrendo, mas de forma lastimável, certamente mais do que Jim Donell e Stella e qualquer outra pessoa. O coitado do velho tio Julian estava morrendo, e criei a regra resoluta de ser mais gentil com ele. Faríamos do almoço um piquenique no quintal. Constance levaria o xale dele e o colocaria em seus ombros, e eu deitaria no gramado.

"Não estou incomodando ninguém, Stell. Estou incomodando alguém? Estou só

perguntando para a srta. Mary Katherine Blackwood aqui como é que a cidade inteira anda falando que ela e a irmã mais velha vão nos deixar logo. Vão se mudar. Vão viver em outro lugar." Ele misturou o café; com o canto do olho eu via a colher girando e girando e girando, e tive vontade de rir. Havia algo tão simples e tolo na colher girando enquanto Jim Donell falava; me perguntei se ele pararia de falar caso eu esticasse o braço e pegasse a colher. Era bem provável que sim, eu disse sabiamente a mim mesma, bem provável que jogasse o café na minha cara.

"Vão viver em outro lugar", ele disse com tristeza.

"Já chega", pediu Stella.

Eu ouviria com mais atenção quando tio Julian contasse sua história. Já estava levando pé de moleque; era um bom passo.

"E eu aqui todo chateado", disse Jim Donell, "achando que a cidade ia perder uma de suas ótimas famílias tradicionais. Seria mesmo péssimo." Ele se virou no banco para o outro lado porque outra pessoa atravessava a porta; eu olhava para minhas mãos no colo e claro que não viraria para ver quem era, mas então Jim Donell disse "Joe", e eu soube que era Dunham, o carpinteiro; "Joe, você não ouviu essa? A cidade inteira anda dizendo que os Blackwood vão se mudar daqui, e agora a srta. Mary Katherine Blackwood senta aqui e se pronuncia e diz que não vão mudar."

Fez-se um breve silêncio. Sabia que Dunham estava carrancudo, olhando para Jim Donell e para Stella e para mim, refletindo sobre o que acabara de escutar, destrinchando as palavras e resolvendo o que cada uma delas queria dizer. "É mesmo?", ele disse por fim.

"Escutem, vocês dois", disse Stella, mas Jim Donell seguiu adiante, falando de costas para mim e de pernas esticadas para que eu não conseguisse passar por ele e sair. "Hoje de manhã mesmo eu estava falando para o pessoal que é péssimo quando as famílias tradicionais vão embora. Apesar de que se pode dizer com razão que um monte de gente da família Blackwood já foi embora." Ele gargalhou e estapeou o balcão com a mão. "Já foi embora", ele repetiu. A colher dentro da xícara estava imóvel, mas ele prosseguia. "Um vilarejo perde boa parte do seu estilo quando gente de tradição vai embora. Todo mundo ia achar", ele disse devagar, "que não queriam eles por perto."

"Tem razão", disse Dunham, e riu.

"Do jeito que eles vivem nas suas belas propriedades antigas, com suas cercas e suas

trilhas particulares e seus estilos de vida elegantes." Ele sempre continuava até se cansar. Quando Jim Donell pensava em algo para dizer ele o fazia com muita frequência e de todas as formas que fossem possíveis, talvez porque tivesse pouquíssimas ideias e precisasse espremer cada uma até a última gota. Além disso, a cada vez que se repetia ele se achava mais engraçado; eu sabia que era capaz de prosseguir assim até ter plena certeza de que ninguém mais lhe dava ouvidos, e criei uma regra para mim mesma: nunca pensar em nada mais de uma vez, e pus as mãos no colo em silêncio. Estou vivendo na lua, disse a mim mesma, tenho uma casinha só minha na lua.

"Bom", disse Jim Donell; ainda por cima ele fedia. "Vou sempre poder contar para as pessoas que eu conheci os Blackwood. Nunca fizeram nada contra *mim*, pelo que me lembro, sempre foram muito educados *comigo*. Não", ele disse, e gargalhou, "que eles tenham me convidado para jantar ou algo assim."

"Agora chega", disse Stella, e sua voz era ríspida. "Vai arrumar outra pessoa para azucrinar, Jim Donell."

"Eu azucrinei alguém? Você acha que eu *queria* ser convidado para jantar? Você acha que sou *louco*?"

"Eu", disse Dunham, "eu posso contar que arrumei o degrau quebrado deles uma vez e nunca me pagaram." Era verdade. Constance me mandou lhe dizer que não pagaríamos o valor do serviço de um carpinteiro por uma tábua qualquer pregada torta no degrau quando ele tinha de ter construído um novo e bem-acabado. Quando fui lá e lhe disse que não pagaríamos ele me arreganhou os dentes e cuspiu, e pegou o martelo e soltou a tábua e atirou-a no chão. "Pois arrume você mesma", ele me disse, e subiu na caminhonete e foi embora. "Nunca recebi pelo serviço", ele dizia agora.

"Deve ter sido um acidente, Joe. É só você ir lá e falar com a srta. Constance Blackwood e ela vai pagar o que lhe deve. Só que se for convidado para jantar, Joe, você não deixe de dizer não obrigado à srta. Blackwood."

Dunham riu. "Eu não", ele disse. "Eu arrumei o degrau para elas e nunca recebi."

"Engraçado", disse Jim Donell, "elas arrumando a casa e tal e fazendo planos de se mudar daqui."

"Mary Katherine", disse Stella, indo, por dentro do balcão, para onde eu estava sentada, "pode ir para casa. Levanta desse banco e vai para casa. Só vai haver paz aqui quando você for."

"*Isso* sim é verdade", disse Jim Donell. Ela o encarou, e ele tirou as pernas e me deixou passar. "É só falar, srta. Mary Katherine, que a gente vai lá para ajudar a encaixotar as coisas. É só falar, Merricat."

"E fala para a sua irmã…" Dunham começou, mas eu me apressei e quando cheguei lá fora só ouvia as gargalhadas, dos dois e de Stella.

Gostava da minha casa na lua, e pus nela uma lareira e um jardim do lado de fora (o que floresceria, cultivado na lua? Precisava perguntar a Constance) e almoçaria ao ar livre, no meu jardim na lua. As coisas na lua eram bem iluminadas, e tinham cores singulares: minha casinha seria azul. Observei meus pezinhos marrons sumirem e aparecerem e deixei a sacola de compras balançar um pouquinho ao meu lado; estivera na Stella e agora precisava apenas passar pela prefeitura, que estaria deserta a não ser pelas pessoas que emitiam licenças para cães e as pessoas que computavam as multas de trânsito dos motoristas que entravam no vilarejo pela rodovia e seguiam em frente, e das pessoas que davam avisos sobre água e esgoto e lixo e proibiam os outros de queimar folhas ou de pescar; esses todos seriam enterrados em algum canto dentro da prefeitura, trabalhando juntos ativamente; eu não tinha que ter medo algum deles a não ser que eu pescasse fora da temporada. Pensei em fisgar peixes escarlate nos rios da lua e vi que os meninos da família Harris estavam no jardim de casa, bradando e brigando com outra meia dúzia de garotos. Só consegui vê-los ao dobrar a esquina da prefeitura, e ainda assim poderia ter dado meia-volta e seguido o outro caminho, pegando a rodovia em direção ao riacho e depois o atravessado e chegando pela outra metade da trilha rumo à nossa casa, mas era tarde demais, e estava com as compras, e o riacho estava um nojo para entrar com os sapatos marrons da nossa mãe, e pensei, estou morando na lua, e andei rápido. Eles me viram logo, e eu os imaginei apodrecendo e se encolhendo de dor, urrando; eu os queria se contorcendo e chorando no chão à minha frente.

"Merricat", eles gritaram, "Merricat, Merricat", e todos foram juntos se enfileirar ao lado da cerca.

Questionei se os pais haviam lhes ensinado, Jim Donell e Dunham e o imundo Harris conduzindo exercícios regulares com os filhos, ensinando com carinho, fazendo questão de que entoassem a voz da forma certa; de que outro jeito tantas crianças aprenderiam tão bem?

Merricat, disse Connie, você não quer uma xícara de chá?

Ah não, disse Merricat, você vai me envenenar.

Merricat, disse Connie, você não quer ir dormir?

Lá no cemitério, com a terra a te engolir!

Fingia não falar a língua deles; na lua falávamos uma língua suave, líquida, e cantávamos à luz das estrelas, olhando do alto o mundo morto e seco; eu estava quase na metade da cerca.

"Merricat, Merricat!"

"Cadê a velha Connie — está em casa preparando o jantar?"

"Não quer uma xícara de chá?"

Era esquisito estar dentro de mim mesma, andando com firmeza e severidade junto à cerca, pisando forte mas sem que eles pudessem notar a pressa, estar dentro e saber que olhavam para mim; me escondia bem lá dentro mas ainda os escutava e os via pelo canto dos olhos. Desejava que estivessem todos mortos no chão.

"Lá no cemitério, com a terra a te engolir."

"Merricat!"

Uma vez, quando passava por ali, a mãe dos meninos Harris foi à varanda, talvez para ver por que todos eles gritavam tanto. Ficou parada por um minuto observando e ouvindo, e eu estanquei e olhei para ela, mirando seus olhos opacos e insípidos e ciente de que não podia falar com ela e ciente de que falaria. "Não dá para mandar eles pararem?", perguntei naquele dia, me questionando se haveria algo naquela mulher que eu pudesse mobilizar, se ela tivesse algum dia corrido alegremente pelo gramado, ou contemplado as flores, ou conhecido prazer ou amor. "Não dá para mandar eles pararem?"

"Crianças", ela disse, sem alterar a voz ou a expressão ou o ar de divertimento enfadonho, "não xinguem a moça."

"Está bem, mãe", um dos meninos teve o juízo de dizer.

"Não cheguem perto de cercas. Não xinguem moça nenhuma."

E segui adiante enquanto se esganiçavam e berravam e a mulher permanecia na varanda e ria.

Merricat, disse Connie, você não quer uma xícara de chá?

Ah não, disse Merricat, você vai me envenenar.

A língua deles vai queimar, pensei, como se tivessem comido fogo. As gargantas vão queimar quando as palavras saírem, e na barriga vão sentir um tormento mais quente

do que milhares de incêndios.

"Adeus, Merricat", eles gritaram enquanto eu passava junto à ponta final da cerca, "não precisa voltar correndo."

"Adeus, Merricat, manda lembranças à Connie."

"Adeus, Merricat", mas eu estava na pedra preta e ali estava o portão que se abria para a nossa trilha.

2

Precisava largar a sacola de compras para abrir a tranca do portão; era um simples cadeado e qualquer criança seria capaz de quebrá-lo, mas havia uma placa que avisava PARTICULAR. NÃO ULTRAPSSE, e ninguém poderia cruzá-lo. Nosso pai providenciara as placas e os portões e as trancas ao fechar a trilha; antes, todos usavam a trilha como atalho do vilarejo para onde parava o ônibus, na junção de quatro rodovias; talvez caminhassem uns quatrocentos metros a menos usando nossa trilha e passando na frente da nossa porta. Nossa mãe detestava olhar para qualquer um que quisesse passar pela nossa porta, e quando nosso pai a levou para viver na casa dos Blackwood, uma das primeiras coisas que teve de fazer foi isolar a trilha e cercar todo o terreno dos Blackwood, da rodovia ao riacho. Havia outro portão na outra ponta da trilha, embora eu raramente passasse por lá, e esse portão também tinha um cadeado e uma placa avisando PARTICULAR. NÃO ULTRAPSSE. "A rodovia foi feita para gente comum", nossa mãe disse, "e a entrada da minha casa é particular."

Quem ia nos visitar, devidamente convidado, chegava pela entrada principal, que levava direto do portão na estrada até a porta. Quando eu era pequena ficava deitada no meu quarto nos fundos da casa e imaginava a rampa de carros e a trilha como um cruzamento que se encontrava diante da nossa porta, e iam subindo e descendo a entrada as pessoas boas, os asseados e ricos vestindo cetim e renda, que vinham nos visitar por direito, e indo e vindo pela trilha, sorrateiros e ziguezagueantes e se esquivando servilmente, iam as pessoas do vilarejo. Eles não têm como entrar, eu costumava dizer a mim mesma repetidas vezes, deitada no meu quarto escuro com as árvores desenhando sombras no teto, eles não têm mais como entrar; a trilha foi fechada para sempre. Às vezes eu parava da cerca para dentro, escondida entre os arbustos, e observava as pessoas andando na rodovia para ir do vilarejo à junção das rodovias. Pelo que eu sabia, ninguém do vilarejo tentara usar a trilha desde que nosso pai havia trancado os portões.

Depois de pôr a sacola de compras dentro de casa, tomei o cuidado de trancar o portão outra vez e testar o cadeado para ter a certeza de que estava firme. Uma vez que o cadeado estivesse bem fechado, eu estava a salvo. A trilha era escura, já que depois de nosso pai desistir de qualquer ideia de ter lucro com o terreno ele deixara árvores e arbustos e florzinhas crescerem onde bem quisessem, e à exceção de um grande prado e dos jardins, nosso terreno era bastante arborizado, e ninguém além de mim conhecia seus caminhos secretos. Ao cruzar a trilha, agora tranquila porque estava em casa, eu conhecia cada degrau e cada curva. Constance sabia o nome de tudo o que crescia, mas eu me contentava em conhecê-los pelo jeito e pelo lugar onde nasciam e suas inesgotáveis ofertas de refúgio. As únicas marcas na trilha eram as minhas, indo e voltando do vilarejo. Depois da curva talvez achasse as pegadas de Constance, pois às vezes ela ia até ali para me esperar, mas a maioria dos vestígios de Constance estava no jardim e dentro de casa. Hoje ela tinha vindo até o final do jardim, e eu a avistei assim que fiz a curva; estava parada diante de casa, à luz do sol, e corri em direção a ela.

"Merricat", ela disse, sorrindo para mim, "olha só até onde eu vim hoje."

"É longe demais", eu disse. "Daqui a pouco você vai atrás de mim até o vilarejo."

"Talvez, quem sabe", ela disse.

Ainda que soubesse que estava zombando de mim gelei, mas ri. "Você não ia gostar muito", eu lhe disse. "Aqui, sua preguiçosa, pega esses pacotes. Cadê o meu gato?"

"Ele foi caçar borboleta porque você se atrasou. Você se lembrou do ovo? Esqueci de te avisar."

"Claro que sim. Vamos almoçar no quintal."

Quando eu era pequena, achava que Constance era a princesa das fadas. Tentava desenhar seu retrato, com cabelo louro comprido e olhos tão azuis quanto o giz de cera poderia deixá-los, e um borrão bem rosado em ambas as faces; os retratos sempre me surpreendiam, porque ela era desse jeito *mesmo*; até nos piores momentos era rosa e branca e dourada, e nada parecia turvar seu esplendor. Era a pessoa mais valiosa do meu mundo, sempre. Eu a seguia pelo gramado macio, pelas flores de que cuidava, nossa casa adentro, e Jonas, meu gato, surgia de entre as flores e me seguia.

Constance esperou do lado de dentro da enorme porta da frente enquanto eu subia os degraus atrás dela, e depois botei as embalagens em cima da mesa do hall e tranquei a porta. Só a usaríamos novamente de tarde, já que boa parte da nossa vida

era passada mais para os fundos da casa, no quintal e no jardim, onde ninguém mais ia. Saímos da parte da frente da casa, virada para a rodovia e o vilarejo, e seguimos nosso próprio caminho atrás de sua fachada austera, hostil. Embora fizéssemos a manutenção da casa, os aposentos que usávamos eram os de trás, a cozinha e os quartos dos fundos e o quartinho quente ao lado da cozinha onde vivia tio Julian; na parte externa ficava o castanheiro de Constance e o amplo, adorável gramado e as flores de Constance e depois, mais adiante, a horta de que Constance cuidava e, depois, as árvores que faziam sombra no riacho. Quando nos sentávamos no gramado do quintal ninguém conseguia nos ver de lugar nenhum.

Lembrei que deveria ser mais gentil com tio Julian quando o vi sentado diante da mesa velha no canto da cozinha brincando com seus papéis. "Você deixa o tio Julian comer pé de moleque?", perguntei a Constance.

"Depois de almoçar", disse Constance. Ela tirou as compras das sacolas com cuidado; qualquer tipo de comida era uma preciosidade para Constance, e ela sempre tocava nelas com um respeito silencioso. Eu não era autorizada a ajudar; não era autorizada a preparar a comida, tampouco era autorizada a apanhar cogumelos, apesar de às vezes eu trazer legumes da horta, ou maçãs das árvores antigas. "Vamos comer bolinhos", anunciou Constance, quase cantarolando porque estava separando e guardando os alimentos. "O tio Julian vai comer ovo, bem molinho e amanteigado, e um bolinho e um pedacinho de pudim."

"Papa", disse tio Julian.

"A Merricat vai comer uma carne magra e saborosa e temperada."

"O Jonas vai pegar um rato para mim", eu disse ao meu gato, que estava no meu joelho.

"Eu sempre fico muito feliz quando você volta do vilarejo", disse Constance; ela parou para me olhar e me lançar um sorriso. "Até certo ponto porque você traz comida, é claro. Mas também porque fico com saudades."

"Eu sempre fico feliz quando chego em casa depois de ir ao vilarejo", eu lhe disse.

"Foi muito ruim?" Ela tocou rápido na minha bochecha com um dedo.

"Nem queira saber."

"Um dia eu vou." Era a segunda vez que ela falava de sair, e eu gelei.

"Constance", disse tio Julian. Ele levantou um papelzinho da mesa e o examinou, a testa franzida. "Acho que não sei se o seu pai foi lá para o jardim com o charuto dele

como de hábito naquela manhã."

"Ele foi, sem dúvida", disse Constance. "O gato anda pescando no riacho", me contou. "Ele voltou todo enlameado." Ela dobrou a sacola de compras e colocou-a com as outras, na gaveta, e pôs os livros da biblioteca na prateleira, onde ficariam para sempre. Jonas e eu deveríamos ficar no nosso canto, fora do caminho, enquanto Constance trabalhava na cozinha, e era uma alegria observá-la, movimentando-se de um jeito tão bonito à luz do sol, tocando nas comidas com tamanha delicadeza. "É dia da Helen Clarke", anunciei. "Está com medo?"

Ela se virou para sorrir para mim. "Medo nenhum", ela declarou. "Estou cada vez melhor, eu acho. E hoje vou fazer bolinhos de rum."

"E a Helen Clarke vai gritar e devorar todos eles."

Mesmo hoje, Constance e eu ainda éramos um pouco sociáveis, conhecidos nos visitavam, subiam a rampa de carros para nos chamar. Helen Clarke tomava o chá conosco às sextas-feiras, e a sra. Shepherd ou a sra. Rice ou a velha sra. Crowley davam uma passadinha às vezes, no domingo, depois da igreja, para nos dizer que teríamos gostado do sermão. Vinham por senso de obrigação, embora nunca retornássemos seus telefonemas, e ficavam por alguns minutos convenientes e vez por outra traziam flores de seus jardins, ou livros, ou uma canção que Constance pudesse ter vontade de tentar tocar na harpa; falavam de forma cortês e havia breves momentos de risadas, e nunca deixavam de nos convidar para ir às suas casas apesar de saberem que jamais iríamos. Eram respeitosas com tio Julian, e pacientes com suas conversas, se ofereciam para nos levar para passear em seus carros, se referiam a elas mesmas como nossas amigas. Constance e eu sempre falávamos bem delas uma com a outra, pois acreditavam que suas visitas nos davam prazer. Elas nunca percorriam a trilha. Quando Constance lhes oferecia uma muda da roseira, ou lhes convidava para ver uma alegre disposição de cores nova, elas iam ao jardim, mas nunca se dispunham a ultrapassar as áreas predefinidas; passavam pelo jardim e entravam nos carros parados em frente à porta e saíam portão afora. O sr. e a sra. Carrington vieram algumas vezes para ver como estávamos nos saindo, já que o sr. Carrington era muito amigo do nosso pai. Eles nunca entravam ou aceitavam fazer um lanche, mas vinham de carro até a entrada e ficavam dentro do carro e conversavam por uns minutinhos. "Como vocês estão se saindo?", sempre perguntavam, olhando de Constance para mim e voltando; "Estão dando conta de tudo sozinhas? Vocês precisam de alguma

coisa, tem algo que a gente possa fazer? Como é que vocês estão se saindo?" Constance sempre os convidava a entrar porque fomos criadas para acreditar que era uma descortesia deixar as visitas conversando lá fora, mas os Carrington nunca entravam na casa. "Fico me perguntando", falei, pensando neles, "se os Carrington me trariam um cavalo se eu pedisse. Eu poderia cavalgar no prado."

Constance se virou e olhou para mim por um instante, franzindo um pouco a testa. "Você não vai pedir para eles", ela disse por fim. "Não pedimos nada a ninguém. Não se esqueça."

"Estava brincando", expliquei, e ela sorriu de novo. "A verdade é que eu só quero mesmo um cavalo se for alado. Poderíamos te levar para a lua e voltar, meu cavalo e eu."

"Lembro que antigamente você queria um grifo", ela disse. "Agora, dona Preguiça, vai lá fora colocar a mesa."

"Eles tiveram uma briga horrível naquela última noite", disse tio Julian. "'Eu não aceito', ela falou, 'Eu não aceito isso, John Blackwood', e 'A gente não tem outra alternativa', ele falou. Fiquei atrás da porta escutando, é claro, mas cheguei tarde demais para ouvir qual era o motivo da briga; imagino que fosse dinheiro."

"Eles não eram de brigar", disse Constance.

"Eram quase sempre civilizados um com o outro, sobrinha, se é isso o que você quer dizer com não brigar; um exemplo bastante insatisfatório para todos nós. Minha esposa e eu preferíamos os gritos."

"Às vezes nem parece que já faz seis anos", disse Constance. Peguei a toalha de mesa amarela e fui para o quintal para começar a arrumar a mesa; atrás de mim, escutei-a dizer ao tio Julian, "Às vezes acho que daria tudo para que eles voltassem."

Quando criança, eu acreditava que um dia cresceria e seria tão alta que tocaria na parte de cima das janelas da sala de visitas da nossa mãe. Eram janelas feitas para o verão, já que a casa na verdade era para ser uma casa apenas de veraneio e nosso pai só havia instalado um sistema de calefação porque nossa família não tinha outra casa para onde se mudar durante o inverno; por direito, deveríamos ficar com a casa Rochester no vilarejo, mas fazia tempo que nós a tínhamos dado por perdida. As janelas da sala de visitas da nossa casa iam do chão ao teto, e eu nunca conseguia tocar no alto; nossa mãe dizia às visitas que as cortinas de seda azul-claras tinham quatro metros de comprimento. Havia duas janelas grandes na sala de visitas e duas janelas

grandes na sala de jantar do outro lado do corredor, e de fora elas pareciam estreitas e mirradas e davam à casa um ar desolado. Por dentro, no entanto, a sala de visitas era linda. Nossa mãe trouxera cadeiras com pés dourados da casa Rochester, e sua harpa ficava ali, e o ambiente reluzia com os reflexos dos espelhos e vidros brilhantes. Constance e eu usávamos a sala somente quando Helen Clarke vinha para o chá, mas nós a conservávamos à perfeição. Constance subia na escada para lavar o alto das janelas, e tirávamos a poeira das estatuetas de Dresden em cima da cornija da lareira, e com um pano enrolado no cabo da vassoura eu limpava os acabamentos de bolo de noiva no alto das paredes, fitando as frutas e folhas brancas, tirando o pó dos cupidos e nós de fitas, sempre tonta por olhar para cima e andar para trás, e rindo de Constance quando ela me segurava. Encerávamos o piso e remendávamos pequenos rasgos no brocado rosa dos sofás e poltronas. Havia um dossel dourado sobre cada janela grande, e arabescos dourados em torno da lareira, e o retrato de nossa mãe estava pendurado na sala de visitas; "Não suporto ver minha salinha encantadora desarrumada", nossa mãe vivia dizendo, e por isso Constance e eu nunca tínhamos permissão para entrar lá, mas agora a mantínhamos resplandecente e sedosa.

Como nossa mãe sempre servira chá às amigas na mesinha que ficava ao lado da lareira, era lá que Constance sempre punha a mesa. Ela se sentou no sofá cor-de-rosa com o retrato de nossa mãe olhando-a de cima, e eu sentei na minha poltrona pequena no cantinho e observei. Eu podia levar xícaras e pires e distribuir sanduíches e bolos, mas não servir o chá. Não gostava de ninguém me olhando enquanto eu comia, então eu tomava meu chá depois, na cozinha. Naquele dia, a última vez que Helen Clarke veio para o chá, Constance tinha arrumado a mesa como de praxe, com as lindas xícaras rosadas e finas que nossa mãe sempre usava, e dois pratos de metal, um com sanduíches pequeninos e um com bolinhos de rum muito especiais; dois bolinhos de rum me aguardavam na cozinha, no caso de Helen Clarke comer todos. Constance ficou quieta no sofá; ela nunca se remexia, e as mãos ficavam impecáveis no colo. Eu esperava na janela, à procura de Helen Clarke, que sempre chegava pontualmente. "Você está com medo?", perguntei uma vez a Constance, e ela disse, "Não, de jeito nenhum." Sem me virar, percebia pela sua voz que ela estava tranquila.

Vi o carro dobrar na rampa e então percebi que havia duas pessoas nele em vez de uma; "Constance", eu disse, "ela trouxe mais alguém."

Constance ficou parada por um instante e depois declarou com bastante firmeza,

"Acho que vai ficar tudo bem".

Eu me virei para olhá-la, e ela estava calma. "Vou mandá-los embora", eu disse. "Ela sabe que não pode fazer isso."

"Não", disse Constance. "Eu acho mesmo que vai ficar tudo bem. Presta atenção no que vou fazer."

"Mas não vou *aceitar* que deixem você com medo."

"Mais cedo ou mais tarde", ela disse, "mais cedo ou mais tarde eu vou ter que dar o primeiro passo."

Gelei. "Quero mandar eles embora."

"Não", Constance disse. "De jeito nenhum."

O carro parou em frente de casa, e fui ao hall para abrir a porta, que eu havia destrancado antes porque não era educado destrancar a porta na cara das visitas. Quando fui à varanda vi que não era tão ruim quanto eu imaginara: não era um estranho que estava com Helen Clarke, mas a pequena sra. Wright, que já tinha vindo uma vez e ficado com mais medo do que qualquer pessoa. Ela não seria demais para Constance, mas Helen Clarke não devia tê-la trazido sem me avisar.

"Boa tarde, Mary Katherine", Helen Clarke disse, dando a volta no carro e subindo os degraus, "não está um lindo dia de primavera? Como está a querida Constance? Eu trouxe a Lucille." Ela conduziria a situação com audácia, como se as pessoas levassem semidesconhecidos para ver Constance todos os dias, e não gostei de ter de sorrir para ela. "Você se lembra da Lucille Wright?", ela me perguntou, e a pobrezinha da sra. Wright disse em voz baixa que ela queria tanto vir de novo. Segurei a porta aberta, e elas entraram no hall. Não estavam de casaco porque o dia estava muito agradável, mas Helen Clarke, de qualquer modo, teve o bom senso de se deter por um instante; "Avise à querida Constance que estamos aqui", ela me disse, e percebi que ela estava me dando tempo para dizer a Constance quem estava ali, então dei uma escapulida até a sala de visitas, onde Constance permanecia sentada, tranquila, e disse, "É a sra. Wright, aquela assustada".

Constance sorriu. "É um primeiro passo meio fraco", ela disse. "Não tem problema, Merricat."

No hall, Helen Clarke exibia a escada à sra. Wright, contando a história familiar do entalhamento e da madeira importada da Itália; quando saí da sala de visitas ela me olhou de relance e disse, "Essa escada é uma das maravilhas do condado, Mary

Katherine. É uma pena que fique escondida do mundo. Lucille?". Elas se dirigiram à sala de visitas.

Constance estava perfeitamente serena. Levantou-se e sorriu e disse estar feliz em vê-las. Como Helen Clarke era deselegante por natureza, conseguiu fazer do simples ato de entrar num ambiente e se sentar um complexo balé de três pessoas; antes de Constance terminar de falar, Helen Clarke deu um encontrão na sra. Wright e empurrou a sra. Wright para o lado como uma bola de croqué lançada para o canto oposto da sala, onde se sentou brusca e nitidamente sem intenção em uma cadeira pequena e desconfortável. Helen Clarke foi para o sofá onde Constance estava, quase derrubando a mesinha do chá, e, apesar de haver muitas poltronas na sala e um outro sofá, ela acabou se sentando a uma proximidade incômoda de Constance, que detestava que qualquer um além de mim ficasse a seu lado. "Bem", disse Helen Clarke, se espraiando, "que bom revê-la."

"Uma gentileza vocês nos receberem", disse a sra. Wright, inclinando-se para a frente. "Que linda escada."

"Você está com uma aparência ótima, Constance. Estava trabalhando no jardim?"

"Não deu para evitar, com um dia como este." Constance riu; estava se saindo muito bem. "É tão empolgante", ela disse para a sra. Wright. "A senhora também gosta de jardinagem? Esses primeiros dias claros são tão empolgantes para quem gosta de jardinagem."

Falava um pouco demais e meio rápido demais, mas ninguém além de mim percebeu.

"Eu amo jardins", a sra. Wright declarou numa breve rajada. "Eu realmente amo jardins."

"Como vai o Julian?", Helen Clarke perguntou antes de a sra. Wright terminar de falar. "Como está o velho Julian?"

"Ele vai muito bem, obrigada. Ele vai tentar tomar uma xícara de chá conosco esta tarde."

"Você conhece Julian Blackwood?", Helen Clarke perguntou à sra. Wright, e a sra. Wright, fazendo que não, começou, "Adoraria conhecê-lo, é claro; já ouvi falar tanto…" e se calou.

"Ele é um bocadinho… excêntrico", Helen Clarke declarou, sorrindo para Constance como se até então isso fosse um segredo. Fiquei pensando que se ser

excêntrico significa, como o dicionário dizia ser o caso, *aquele que se desvia do centro*, Helen Clarke era muito mais excêntrica do que tio Julian, com seus movimentos desajeitados e perguntas inesperadas, e trazendo estranhos para o chá; tio Julian vivia com tranquilidade, num padrão perfeitamente planejado, redondo e fluido. Ela não precisava chamar as pessoas de coisas que não eram, pensei, lembrando que eu deveria ser mais gentil com tio Julian.

"Constance, você sempre foi uma das minhas melhores amigas", ela dizia agora, e fiquei admirada; ela realmente não via como Constance recuava diante de palavras assim. "Só vou te dar um pequeno conselho, e lembre-se, ele vem de uma amiga."

Devo ter pressentido o que ela iria dizer, pois gelei; o dia inteiro havia sido uma escalada rumo ao que Helen Clarke diria agora. Afundei-me na poltrona e fitei Constance, querendo que ela se levantasse e fugisse, querendo que ela não ouvisse o que estava para ser dito, mas Helen Clarke prosseguiu, "É primavera, você é jovem, é linda, tem o direito de ser feliz. Volte para o mundo".

Fosse outra época, até um mês atrás quando ainda era inverno, palavras como essas fariam Constance se retrair e sair correndo; agora, via que ela escutava e sorria, embora fizesse que não com a cabeça.

"Sua penitência já durou tempo demais", disse Helen Clarke.

"Eu gostaria tanto de oferecer um almocinho…", começou a sra. Wright.

"Você se esqueceu do leite; vou pegar." Levantei-me e falei diretamente com Constance, e ela olhou ao redor até me encontrar, quase surpresa.

"Obrigada, querida."

Saí da sala de visitas e passei pelo hall e rumei para a cozinha; esta manhã a cozinha estivera clara e alegre, e agora, fria, percebi que estava lúgubre. Constance dava a impressão de que de repente, depois de todo aquele tempo se recusando e negando, ela começava a ver que talvez fosse possível, afinal de contas, sair de casa. Percebia agora que essa era a terceira vez no mesmo dia que o assunto era abordado, e três vezes tornava a coisa real. Eu não conseguia respirar; estava amarrada com arame, e minha cabeça estava enorme e iria explodir; corri para a porta dos fundos e a abri para respirar. Queria correr; se pudesse correr até o fim do nosso terreno e voltar eu ficaria bem, mas Constance estava sozinha com elas na sala de visitas, eu tinha de voltar depressa. Tive que me contentar em quebrar o jarro de leite que esperava sobre a mesa; tinha sido da nossa mãe, e deixei os cacos no chão para que Constance os visse.

Peguei o segundo melhor jarro de leite, que não combinava com as xícaras; como tinha permissão para servir o leite, eu o enchi e o levei à sala de visitas.

"… fazer isso com a Mary Katherine?", Constance dizia, e então se virou e sorriu para mim na soleira da porta. "Obrigada, querida", ela disse, e olhou para o jarro de leite e para mim. "Obrigada", repetiu, e pus o jarro na bandeja.

"Não precisa fazer muita coisa, a princípio", disse Helen Clarke. "*Pareceria* estranho, eu admito. Mas um ou dois telefonemas para velhas amigas, quem sabe um dia no shopping da cidade — ninguém te reconheceria na cidade, sabe?"

"Um almocinho?", disse a sra. Wright, esperançosa.

"Tenho de pensar." Constance fez um gesto mínimo, risonho, desconcertado, e Helen Clarke assentiu.

"Você vai precisar de roupas", ela disse.

Levantei do meu lugar no canto para pegar uma xícara de chá de Constance e levá-la à sra. Wright, cuja mão tremeu ao segurá-la. "Obrigada, minha querida", ela disse. Eu vi o chá tremer na xícara; era apenas sua segunda visita, afinal de contas.

"Açúcar?", ofereci; não pude evitar e, além disso, era educado.

"Ah, não", ela disse. "Não, obrigada. Sem açúcar."

Pensei, olhando para ela, que hoje ela tinha se vestido para vir aqui; Constance e eu nunca usávamos preto, mas talvez a sra. Wright achasse conveniente, e hoje usava um vestido preto com um colar de pérolas. Também usara preto da outra vez, me lembrei; sempre de bom gosto, refleti, só que não na sala de visitas da nossa mãe. Voltei para Constance e peguei o prato de bolinhos de rum e o levei à sra. Wright; também não era uma gentileza, e ela comeria primeiro os sanduíches, mas queria que ela ficasse infeliz, vestida de preto na sala de visitas da nossa mãe. "Minha irmã fez de manhã", declarei.

"Obrigada", ela disse. Sua mão hesitou sobre o prato e depois ela pegou um bolinho de rum e o colocou cuidadosamente na beirada do pires. Achei que a sra. Wright estava agindo com uma cortesia histérica, e eu disse, "Pegue dois. Tudo o que minha irmã faz é uma delícia".

"Não", ela respondeu. "Não, não. Obrigada."

Helen Clarke comia os sanduíches, esticando o braço além de Constance para pegar um após o outro. Ela não se comportaria assim em nenhum outro lugar, pensei, só aqui. Ela nunca liga para o que Constance pensa ou eu penso sobre seus modos; só

imagina que ficamos felicíssimas em vê-la. Sai daqui, eu lhe disse mentalmente. Sai daqui, sai daqui. Fiquei me perguntando se Helen Clarke guardava roupas específicas para as visitas à nossa casa. "Isso aqui", eu a imaginava dizendo, revirando o guarda-roupas, "não faz sentido jogar *isso aqui* fora, eu posso usar para visitar a querida Constance." Comecei a vestir Helen Clarke na minha imaginação, colocando-a em um maiô sobre um banco de neve, botando-a no alto dos galhos grossos de uma árvore em um vestido de delicados babados cor-de-rosa que se prendiam e repuxavam e rasgavam; ela estava enroscada na árvore e berrava, e eu quase ri.

"Por que não chamar umas pessoas daqui?", Helen Clarke dizia a Constance. "Uns poucos velhos amigos — tem várias pessoas que queriam manter contato com você, Constance querida — uns velhos amigos uma noite dessas. Para jantar? Não", ela disse, "Talvez não para jantar. Talvez não, pelo menos por enquanto."

"Eu mesma…", a sra. Wright retomou; tomara cuidado ao deixar a xícara de chá e o bolinho de rum na mesa ao lado.

"Mas por que não um jantar?", disse Helen Clarke. "Afinal, uma hora ou outra você vai ter de se arriscar."

Eu ia falar alguma coisa. Constance não olhava para mim, somente para Helen Clarke. "Por que não chamar umas pessoas bacanas do vilarejo?", perguntei em voz bem alta.

"Santo Deus, Mary Katherine", exclamou Helen Clarke. "Que susto você me deu." Ela riu. "Pelo que eu me lembro, os Blackwood nunca se relacionaram socialmente com os moradores", ela disse.

"Eles nos odeiam", declarei.

"*Eu* não dou ouvidos às fofocas deles, e espero que você também não dê. E, Mary Katherine, você sabe tão bem quanto eu que noventa por cento dessa sensação é fruto da sua imaginação, e se você tentasse ser minimamente amistosa eles nunca falariam uma palavra que fosse contra você. Santo Deus. Eu garanto que pode até ter havido alguma coisa antes, mas da sua parte ela foi completamente superdimensionada."

"As pessoas *vão* fofocar", a sra. Wright constatou em tom apaziguador.

"Esse tempo todo venho dizendo que sou muito amiga dos Blackwood e que não tenho vergonha nenhuma disso. Você tem que se aproximar das pessoas do seu *próprio* tipo, Constance. Elas não falam de *nós*."

Eu gostaria que elas fossem mais divertidas; achei que agora Constance parecia um

pouco cansada. Se elas fossem embora logo eu penteaaria o cabelo de Constance até ela dormir.

"O tio Julian está chegando", anunciei a Constance. Escutei o barulho suave da cadeira de rodas no hall e me levantei para abrir a porta.

Helen Clarke disse, "Você acha que as pessoas vão mesmo ter medo de vir aqui?", e tio Julian estancou na soleira da porta. Ele pusera a gravata elegante por causa das companheiras de chá, e lavara o rosto até deixá-lo rosado. "Medo?", ele disse. "De vir aqui?" De sua cadeira ele fez uma reverência à sra. Wright e depois a Helen Clarke. "Madame", ele disse, e "Madame." Percebi que ele não se lembrava do nome de ambas, ou se já as tinha visto antes.

"Você está ótimo, Julian", disse Helen Clarke.

"Medo de vir aqui? Me desculpe por repetir suas palavras, madame, mas estou perplexo. Afinal de contas, a minha sobrinha foi absolvida do homicídio. Não existe perigo nenhum em vir aqui *agora*."

A sra. Wright fez um movimento convulsivo em direção à xícara e depois pôs as mãos no colo com firmeza.

"Pode-se dizer que existe perigo em todo lugar", continuou tio Julian. "O perigo do envenenamento, sem dúvida. Minha sobrinha pode lhes contar sobre os riscos mais improváveis — plantas de jardim mais fatais que cobras e ervas comuns que rasgam a mucosa da sua barriga que nem faca, madame. A minha sobrinha…"

"Um jardim encantador", a sra. Wright disse a Constance com sinceridade. "Garanto que não sei como fazer igual."

Helen Clarke declarou com firmeza, "Ora, tudo isso foi esquecido há muito tempo, Julian. Ninguém mais pensa nisso".

"Lamentável", disse tio Julian. "Um caso fascinante, um dos poucos mistérios verdadeiros da nossa época. Da minha época, principalmente. A obra da minha vida", ele declarou à sra. Wright.

"Julian", Helen Clarke intercedeu depressa; a sra. Wright parecia hipnotizada. "Existe uma coisa chamada bom gosto, Julian."

"Gosto, madame? Você já sentiu o gosto de arsênico? Garanto que tem um instante de profunda incredulidade antes de a mente aceitar…"

Um momento antes a pobre coitada da sra. Wright provavelmente preferiria morder a língua a mencionar o assunto, mas agora dizia, quase sem fôlego, "Quer

dizer que você se lembra?".

"Lembrar." Tio Julian suspirou, balançando alegremente a cabeça. "Vai ver", ele disse com entusiasmo, "vai ver você não conhece a história. Quem sabe eu não…"

"Julian", interrompeu Helen Clarke, "a Lucille não quer saber. Você deveria sentir vergonha de falar isso para ela."

Pensei que a sra. Wright queria muito saber, e olhei para Constance no instante em que ela me olhou; ambas estávamos muito sérias, para combinar com o tema, mas eu sabia que ela estava se divertindo tanto quanto eu; era bom escutar tio Julian, que na maior parte do tempo ficava tão sozinho.

E a pobre, pobre sra. Wright, afinal tentada a um nível insuportável, não conseguiu mais se conter. Ela ficou muito vermelha e vacilou, mas tio Julian era um sedutor, e a boa educação da sra. Wright não poderia resistir para sempre. "Aconteceu bem aqui nesta casa", ela disse como numa prece.

Todos fizemos silêncio, fitando-a com cortesia, e ela sussurrou, "Eu peço perdão *mesmo*".

"Naturalmente, nesta casa", Constance concordou. "Na sala de jantar. Estávamos jantando."

"Uma família reunida para a refeição noturna", disse tio Julian, acariciando as palavras. "Sem nunca cogitar que seria nossa última vez."

"Arsênico no açúcar", disse a sra. Wright, deixando-se levar, perdendo irremediavelmente todo o decoro.

"Eu usei aquele açúcar." Tio Julian balançou o dedo para ela. "Eu mesmo usei aquele açúcar nas minhas amoras. Por sorte", e ele deu um sorriso suave, "o destino interferiu. Ele levou inexoravelmente alguns de nós, naquele dia, às portas da morte. Alguns de nós, inocentes e sem suspeitar de nada, deram, sem querer, aquele último passo rumo ao esquecimento. Alguns tomaram muito pouco açúcar."

"Nunca toco em amoras", declarou Constance; ela olhou direto para a sra. Wright e disse em tom discreto, "raramente uso açúcar no que quer que seja. Até hoje."

"Isso pesou muito contra ela no julgamento", tio Julian disse. "Digo, o fato de que ela não usava açúcar. Mas a minha sobrinha nunca gostou de amora. Até quando era criança ela tinha o hábito de recusar amora."

"Por favor", Helen Clarke disse alto, "é *um ultraje*, de verdade; acho insuportável ouvir sobre isso. Constance... Julian... o que é que a Lucille vai pensar de vocês?"

"Não, tudo bem", disse a sra. Wright, levantando as mãos.

"Não vou ficar aqui sentada, não quero ouvir mais nem um pio", declarou Helen Clarke. "A Constance tem que começar a pensar no futuro; ficar remoendo o passado não é saudável; a pobre coitada já sofreu muito."

"Bom, eu tenho saudade de todos eles, é claro", disse Constance. "As coisas são bem diferentes desde que eles partiram, mas não me vejo como uma pessoa sofrida."

"De certa forma", tio Julian continuou, "eu tive uma sorte extraordinária. Sobrevivi ao caso de envenenamento mais sensacional do século. Tenho todas as matérias de jornal. Eu conhecia as vítimas, a acusada, intimamente, como apenas um parente morando na casa *poderia* conhecê-las. Tenho anotações minuciosas sobre tudo o que aconteceu. Nunca me recuperei."

"Eu já falei que não quero discutir esse assunto", disse Helen Clarke.

Tio Julian se deteve. Olhou para Helen Clarke e depois para Constance. "Não aconteceu de verdade?", ele perguntou um minuto depois, os dedos sobre a boca.

"Claro que aconteceu de verdade." Constance sorriu para ele.

"Tenho os recortes dos jornais", tio Julian disse com insegurança. "Tenho minhas anotações", ele disse a Helen Clarke, "eu pus tudo no papel."

"Foi uma coisa terrível." A sra. Wright se inclinou para a frente gravemente, e tio Julian se voltou para ela.

"Apavorante", concordou. "Aterrador, madame." Ele manobrou a cadeira de rodas para ficar de costas para Helen Clarke. "Quer ver a sala de jantar?", convidou. "A tábua fatal? Não contribuí com nenhuma evidência no julgamento, entende; minha saúde não estava à altura, na época e agora, das perguntas grosseiras de estranhos." Ele balançou a cabeça de leve em direção a Helen Clarke. "Eu queria muito sentar no banco das testemunhas. Creio que eu não teria causado nenhuma impressão desvantajosa. Mas é claro que no final das contas ela foi inocentada."

"Claro que foi inocentada", Helen Clarke disse com veemência. Ela pegou sua bolsa enorme, colocou-a sobre o colo e tateou-a em busca das luvas. "Ninguém mais pensa nisso." Ela e a sra. Wright se entreolharam, e então ela se preparou para levantar.

"A sala de jantar…?", a sra. Wright disse com acanhamento. "Só uma olhadinha?"

"Madame." Tio Julian forçou uma reverência da cadeira de rodas, e a sra. Wright se apressou para chegar à porta e abri-la para ele. "Bem do outro lado do corredor", tio Julian explicou, e ela seguiu. "Admiro mulheres razoavelmente curiosas, madame; deu

para perceber de cara que você foi devorada pelo furor de ver o cenário da tragédia; aconteceu bem aqui neste cômodo, e continuamos a jantar aqui todas as noites."

Nós o ouvíamos com clareza; parecia dar a volta na nossa mesa de jantar enquanto a sra. Wright o observava da soleira da porta. "Você percebe que a nossa mesa é redonda. Agora ela é grande demais para o lastimável restante da nossa família, mas temos relutado em perturbar o que é, no final das contas, uma espécie de monumento; antigamente, um retrato desta sala valeria um bom dinheiro de qualquer jornal. Já fomos uma família numerosa, você deve se lembrar, uma família grande e feliz. Tínhamos umas discórdias bobas, é claro, não fomos todos imensamente abençoados com paciência; dá até para dizer que havia brigas. Nada sério; marido e mulher, irmão e irmã nem sempre estavam de pleno acordo."

"Então por que ela…"

"Sim", tio Julian disse, "isso é desconcertante, não é mesmo? Meu irmão, como chefe de família, logicamente se sentava na cabeceira da mesa, aqui, de costas para a janela e com o decantador à frente dele. John Blackwood se orgulhava desta mesa, da família, da posição que ocupava no mundo."

"Ela nem sequer o conhecia", Helen Clarke disse. Olhou com raiva para Constance. "Eu me lembro bem do seu pai."

Rostos se dissipam da memória, pensei. Fiquei me questionando se reconheceria a sra. Wright caso a visse no vilarejo. Fiquei me questionando se no vilarejo a sra. Wright passaria por mim, sem me ver; talvez ela fosse tão tímida que nunca olhasse para o rosto de ninguém. A xícara de chá e o bolinho de rum ainda estavam em cima da mesa, intocados.

"*E* eu era muito amiga da sua mãe, Constance. É por isso que me sinto à vontade para falar abertamente com você, pelo seu próprio bem. Sua mãe gostaria que…"

"… minha cunhada, madame, era uma mulher delicada. Você deve ter reparado no retrato dela na sala de visitas, e no traçado sutil do maxilar sob a pele. Uma mulher que nasceu para a tragédia, talvez, apesar da tendência a ser meio boba. À direita dela, nesta mesa, eu, mais jovem naquela época, e não um inválido; foi só a partir daquela noite que virei um desvalido. À minha frente, o menino Thomas — você sabia que tive um sobrinho, que meu irmão tinha um filho? Sem dúvida você já leu sobre ele. Tinha dez anos e muito dos traços de personalidade mais contundentes do pai."

"Foi ele quem usou mais açúcar", disse a sra. Wright.

"Infelizmente", disse o tio Julian. "Então, ao lado do meu irmão, a filha Constance e minha esposa, Dorothy, que me deu a honra de juntar a parte dela com a minha, apesar de eu achar que ela não imaginava nada tão grave quanto arsênico nas amoras dela. A outra filha, minha sobrinha Mary Katherine, não estava à mesa."

"Estava no quarto dela", disse a sra. Wright.

"Uma criança ótima de doze anos, que mandaram para a cama sem jantar. Mas ela não nos dava preocupação."

Eu ri, e Constance disse a Helen Clarke, "Merricat sempre caía em desgraça. Eu sempre subia pela escada dos fundos com uma bandeja de jantar para ela depois que meu pai saía da sala de jantar. Ela era uma criança terrível, desobediente", e ela sorriu para mim.

"Um ambiente insalubre", disse Helen Clarke. "A criança deve ser castigada pelas transgressões, mas é preciso que ela sinta que continua sendo amada. *Eu* jamais toleraria a rebeldia infantil. E agora a gente *precisa* mesmo…" Ela começou a vestir as luvas de novo.

"… cordeirinho de leite assado com geleia de hortelã feita com folhas da horta da Constance. Batata em rodelas, ervilha fresca, uma salada, de novo da horta da Constance. Eu me lembro perfeitamente, madame. Ainda é uma das minhas refeições prediletas. Também fiz, é claro, anotações bem detalhadas de tudo o que diz respeito a esse jantar e, a bem da verdade, àquele dia inteiro. Você vai logo ver que o jantar gira em torno da minha sobrinha. O verão estava começando, a horta estava indo bem — o clima estava uma delícia naquele ano, eu me lembro; desde então não tivemos outro verão como aquele, ou vai ver que estou ficando velho. A gente contava com a Constance para várias iguariazinhas que só ela era capaz de proporcionar; é claro que não me refiro a arsênico."

"Bom, a amora foi uma parte importante." A sra. Wright parecia meio rouca.

"Que mente a sua, madame! Tão certeira, tão infalível. Dá para perceber que você vai me perguntar por que seria concebível que ela usasse arsênico. Minha sobrinha não é capaz de tamanha sutileza, e por sorte o advogado dela disse isso no julgamento. Constance pode pôr as mãos numa gama assombrosa de substâncias fatais sem nem sequer sair de casa; ela poderia lhe fazer um molho de cicuta, membro da família da salsa que causa paralisia imediata e morte quando ingerida. Ela poderia ter feito uma geleia das adoráveis figueiras-do-inferno ou ervas-de-são-cristóvão, poderia ter

salpicado na salada um *Holcus lanatus*, chamado de erva-lanar e cheio de ácido cianídrico. Tenho anotações sobre tudo isso, madame. A doce-amarga é parente do tomate; será que nós, algum de nós, teríamos a premonição de recusar caso Constance servisse isso para nós, temperado e em conserva? Ou pense então na família dos cogumelos, rica como é em tradição e armadilhas. Nós sempre gostamos de cogumelo — minha sobrinha faz uma omelete de cogumelo que só provando para acreditar, madame — e o tão comum chapéu-da-morte…"

"Ela não devia ser a responsável por cozinhar", disse a sra. Wright com firmeza.

"Bom, é claro, essa é a raiz do nosso problema. Claro que ela não devia estar cozinhando se a intenção dela fosse destruir todos nós com veneno; seria um altruísmo cego da nossa parte incentivá-la a cozinhar se fosse esse o caso. Mas ela foi inocentada. Não só em relação ao ato como à intenção."

"O que haveria de errado na sra. Blackwood preparar a própria comida?"

"Faça-me o favor." A voz de tio Julian tinha certo tremor, e soube qual era o gesto que fazia apesar de não estar ao alcance dos meus olhos. Ele teria levantado a mão, os dedos afastados, e sorrido para ela por cima dos dedos; era um gesto galante, típico de tio Julian; eu já o vira usá-lo com Constance. "Pessoalmente, eu preferiria arriscar o arsênico", declarou tio Julian.

"Precisamos ir para casa", Helen Clarke anunciou. "Não sei o que deu na Lucille. Eu *falei* para ela antes de chegar que não era para mencionar esse assunto."

"Este ano vou colher morangos silvestres", Constance me disse. "Reparei numa faixa de terra razoável cheia deles perto da ponta da horta."

"Que enorme falta de tato, a dela, e ela *me* deixa esperando."

"… o açucareiro no aparador, o açucareiro pesado de prata cheio de açúcar. É herança de família; meu irmão dava grande valor a ele. Imagino que você esteja se perguntando sobre o açucareiro. Ainda está em uso?, você está se perguntando; foi lavado?, você pode muito bem questionar; foi bem lavado? Posso ir garantindo logo. Minha sobrinha Constance lavou antes de o médico ou a polícia chegar, e como você deve ter deduzido não foi um momento oportuno para lavar o açucareiro. Os outros pratos usados no jantar ainda estavam na mesa, mas a minha sobrinha levou o açucareiro para a cozinha, esvaziou-o e esfregou-o muito bem com água fervente. Foi um gesto curioso."

"Tinha uma aranha dentro", Constance disse para a chaleira. Usamos um

açucareiro enfeitado com rosas para os cubos de açúcar do chá.

"… tinha uma aranha dentro, ela falou. Foi isso o que ela falou para a polícia. Foi por isso que ela lavou."

"Bom", disse a sra. Wright, "me parece que ela poderia ter pensado numa razão melhor. Mesmo se *fosse* uma aranha de verdade... bem, você não lava... quer dizer, você só *tira* a aranha de dentro."

"Que motivo *você* teria dado, madame?"

"Bom, eu nunca matei ninguém, então não sei… quer dizer, não sei o que eu diria. A primeira coisa que me passasse pela cabeça, imagino. Quer dizer, ela devia estar chateada."

"Garanto que as pontadas foram horrendas; você disse que nunca sentiu o gosto de arsênico? Não é agradável. Eu sinto muitíssimo por todos eles. Eu mesmo passei vários dias com dores tenebrosas; Constance teria, sem dúvida, demonstrado profunda compaixão por mim, mas àquela altura, é claro, ela estava totalmente inacessível. Ela foi detida na mesma hora."

A sra. Wright soava mais enérgica, numa ansiedade quase involuntária. "Sempre imaginei, desde que nos mudamos para cá, que seria uma oportunidade incrível conhecer vocês e descobrir o que aconteceu *de verdade*, porque é claro que sempre existe aquela dúvida, aquela à qual ninguém nunca conseguiu responder; claro que nem esperava *conversar* com vocês sobre isso, e veja só." Ouviu-se o ruído de uma cadeira da sala de jantar sendo arrastada; estava claro que a sra. Wright tinha resolvido se acomodar. "Primeiro", ela disse, "ela comprou o arsênico."

"Para matar os ratos", Constance disse para a chaleira, depois se virou e me lançou um sorriso.

"Para matar os ratos", disse o tio Julian. "O único outro uso popular do arsênico é na taxidermia, e minha sobrinha não seria sequer capaz de fingir que tem algum conhecimento prático do assunto."

"Ela preparou o jantar, ela pôs a mesa."

"Confesso que estou surpresa com essa mulher", declarou Helen Clarke. "Ela parece ser uma pessoa tão reservadinha."

"Foi Constance quem viu eles morrendo que nem moscas — com o perdão da expressão — e só chamou o médico quando já era tarde demais. Ela lavou o açucareiro."

"Tinha uma aranha dentro", declarou Constance.

"Ela falou para a polícia que eles mereciam morrer."

"Ela estava agitada, madame. Pode ser que o comentário tenha sido mal interpretado. Minha sobrinha não é uma pessoa cruel; além disso, naquele momento ela achava que eu era um deles, e apesar de eu merecer morrer — todos merecemos, não é verdade? —, nem de longe imagino que minha sobrinha é quem deve dizer essas coisas."

"Ela falou para a polícia que foi tudo culpa dela."

"Aí", disse tio Julian, "eu acho que ela cometeu um erro. É bem verdade que no começo ela achava que a comida dela tinha causado aquilo tudo, mas ao assumir toda a culpa acho que foi impetuosa demais. Eu teria aconselhado que não tomasse essa atitude caso tivesse sido consultado; parece autocomiseração."

"Mas a grande questão, sem resposta, é *por quê*? Por que ela fez isso? Quer dizer, a não ser que a gente concorde que Constance era uma maníaca homicida…"

"Você conheceu ela, madame."

"Eu o quê? Ah, meu Deus, sim. Esqueci totalmente. Não consigo lembrar que aquela jovenzinha bonita é na verdade… bom. Sua genocida deve ter algum motivo, sr. Blackwood, ainda que seja deturpado, perverso... ah, valha-me Deus. Ela é uma menina encantadora, sua sobrinha; nem lembro quando foi que me afeiçoei a alguém como me afeiçoei a ela. Mas se ela é uma maníaca homicida…"

"Estou indo embora." Helen Clarke se levantou e enfiou a bolsa enfaticamente debaixo do braço. "Lucille", ela chamou, "estou indo embora. Já ultrapassamos todos os limites do decoro; já passa das cinco."

A sra. Wright saiu apressada da sala de jantar, atormentada. "Mil desculpas", ela pediu. "Estávamos batendo papo e perdi a noção da hora. Meu Deus." Ela correu até a cadeira para pegar a bolsa.

"Você nem tocou no chá", eu disse, querendo vê-la corar.

"Obrigada", ela disse; olhou para baixo, para a xícara, e corou. "Estava uma delícia."

Tio Julian parou a cadeira de rodas no meio do cômodo e juntou as mãos com alegria. Olhou para Constance e então levantou os olhos para fitar um canto do teto, sóbrio e modesto.

"Julian, adeus", Helen Clarke disse bruscamente. "Constance, desculpe por ter ficado tanto tempo; foi imperdoável. Lucille?"

A sra. Wright parecia uma criança que sabe que será punida, mas não tinha se esquecido dos bons modos. "Obrigada", ela disse a Constance, esticando a mão e recolhendo-a rapidamente. "Foi muito agradável. Adeus", ela disse ao tio Julian. Elas foram ao hall, e eu as segui para trancar a porta depois que saíssem. Helen Clarke deu partida no carro antes que a pobre coitada da sra. Wright terminasse de entrar, e a última coisa que ouvi da sra. Wright foi um gritinho quando o carro seguiu pela rampa. Estava gargalhando quando voltei à sala de visitas, me aproximei e beijei Constance. "Um ótimo chá", declarei.

"Que mulher *insuportável*." Constance encostou a cabeça no sofá e riu. "Malcriada, pretensiosa, burra. Nunca vou entender por que ela sempre volta aqui."

"Ela quer te botar nos eixos." Peguei a xícara da sra. Wright e o bolinho de rum e os levei até a bandeja de chá. "Coitadinha da sra. Wright", eu disse.

"Você estava caçoando dela, Merricat."

"Um bocadinho, talvez. Não consigo me segurar quando as pessoas têm medo; sempre tenho vontade de botar mais medo ainda nelas."

"Constance?" Tio Julian virou a cadeira de rodas em sua direção. "Como eu me saí?"

"Foi soberbo, tio Julian." Constance se levantou e foi até ele e deu um leve toque em sua velha cabeça. "Você não precisou das suas anotações para nada."

"Aconteceu de verdade?", ele lhe perguntou.

"Sem sombra de dúvida. Vou levar você para o quarto para você olhar seus recortes de jornal."

"Acho que agora não. Foi uma tarde excelente, mas acho que estou meio cansado. Vou descansar até a hora do jantar."

Constance empurrou a cadeira de rodas corredor afora, e eu segui com a bandeja de chá. Como tinha permissão para carregar pratos sujos mas não lavá-los, pus a bandeja na mesa da cozinha e fiquei observando Constance empilhar os pratos ao lado da pia para lavar depois, varrer o jarro de leite quebrado do chão e pegar as batatas para começar a preparar o jantar. Por fim, tive de lhe perguntar; a ideia me deixara gelada a tarde inteira. "Você vai fazer o que ela falou?", perguntei. "O que a Helen Clarke falou?"

Ela não fingiu não entender. Ficou ali olhando as próprias mãos trabalhando e sorriu de leve. "Não sei", ela disse.

3

Uma mudança estava para acontecer e ninguém além de mim sabia disso. Constance talvez desconfiasse; reparei que ela às vezes parava no jardim e olhava não para as plantas das quais cuidava, e não para a nossa casa, mas para fora, em direção às árvores que escondiam a cerca, e de vez em quando olhava por bastante tempo e com curiosidade para a rampa de carros, como se estivesse se perguntando como seria percorrê-la até o portão. Eu a observei. Na manhã de sábado, depois de Helen Clarke vir para o chá, Constance olhou para a rampa de carros três vezes. Tio Julian não estava bem na manhã de sábado, após se exaurir no chá, e permaneceu na cama em seu quarto quente ao lado da cozinha, junto ao travesseiro olhando pela janela, chamando vez por outra para que Constance lhe desse atenção. Até Jonas estava inquieto — fazia tempestade em copo d'água, nossa mãe costumava dizer — e não conseguia dormir sossegado; durante todos aqueles dias em que a mudança estava por vir, Jonas ficou agitado. Do sono profundo ele despertava de súbito, levantando a cabeça como se escutasse algo, e em seguida, de pé e se movendo com uma leve agitação, ele subia a escada correndo e atravessava as camas e entrava e saía pelas portas e depois descia a escada e cruzava o corredor e subia na cadeira da sala de jantar e dava a volta na mesa e percorria a cozinha e saía jardim afora, onde desacelerava, vagando, e então parava para lamber a pata e mexer a orelha e dar uma olhada no dia. À noite o ouvíamos correndo, o sentíamos passando por cima de nossos pés quando estávamos deitados na cama, uma tempestade em copo d'água.

Todos os augúrios indicavam mudanças. Acordei numa manhã de sábado e pensei ouvi-los me chamando; eles querem que eu me levante, pensei antes de despertar de vez e lembrar que estavam mortos; Constance nunca me acordava. Quando me vesti e desci naquela manhã ela aguardava para fazer meu café, e eu lhe disse, "Imaginei ter ouvido eles me chamando agora de manhã".

"Anda logo com o café", ela disse. "Está um dia lindo de novo."

Nas boas manhãs em que não precisava ir ao vilarejo, eu tinha meu trabalho para fazer após o café. Nas manhãs de quarta-feira eu sempre dava a volta na cerca. Era necessário examinar constantemente para ter certeza de que os arames não estavam rompidos e os portões estavam bem trancados. Conseguia fazer os consertos sozinha, enrolando o arame onde estava quebrado, apertando fios soltos, e era um prazer saber, todas as manhãs de quarta, que passaríamos mais uma semana a salvo.

Nas manhãs de domingo eu examinava minhas salvaguardas, a caixa com moedas de dólares de prata que eu havia enterrado perto do riacho, e a boneca enterrada no campo, e o livro pregado na árvore do pinheiral; contanto que estivessem onde eu os colocara, nada poderia vir para nos fazer mal. Eu sempre enterrei coisas, desde quando era pequena; lembro que uma vez dividi o campo em quatro partes e enterrei algo em cada uma delas para fazer a grama crescer mais à medida que eu crescesse, assim sempre conseguiria me esconder lá. Uma vez enterrei seis bolinhas de gude azuis no leito do riacho para que o rio mais além secasse. "Aqui está um tesouro para você enterrar", Constance me dizia quando eu era pequena, me dando uma moedinha ou uma fita colorida; enterrei todos os meus dentes de leite à medida que foram caindo um a um, e quem sabe um dia não cresceriam na forma de dragões. Nosso terreno inteiro era adubado com os tesouros que eu havia enterrado, densamente povoado logo abaixo da superfície pelas minhas bolas de gude e meus dentes e minhas pedras coloridas, todas talvez transformadas em pedras preciosas a esta altura, aglomeradas sob o solo em uma rede potente e firme que nunca se afrouxou, mas resistiu para nos proteger.

Às terças e sextas-feiras eu ia ao vilarejo, e na quinta-feira, o meu dia mais intenso, entrava no sótão grandioso e vestia as roupas deles.

Na segunda-feira nós arrumávamos a casa, Constance e eu, indo de cômodo em cômodo com esfregões e pano de chão, tomando o cuidado de botar as coisinhas de volta no lugar depois de tirarmos o pó, jamais alterando a fileira perfeita das presilhas em padrão tartaruga da nossa mãe. Toda primavera lavávamos e encerávamos a casa para o ano seguinte, mas às segundas fazíamos faxina; pouquíssima poeira entrava nos quartos deles, mas não podíamos deixar ficar nem esse pouquinho. Às vezes Constance tentava arrumar o quarto de tio Julian, mas tio Julian não gostava de ser incomodado e mantinha as coisas em seus lugares, e Constance precisava se contentar em lavar os copinhos que ele usava para tomar remédios e trocar a roupa de cama. Eu

não tinha permissão para entrar no quarto de tio Julian.

Nas manhãs de sábado eu ajudava Constance. Eu não tinha autorização para manusear facas, mas quando ela mexia no jardim eu cuidava de suas ferramentas, deixando-as reluzentes e limpas, e carregava cestas grandes de flores, vez por outra, ou verduras que Constance colhia e transformava em comida. O porão da casa estava cheio de comida. Todas as mulheres da família Blackwood haviam preparado comida e se orgulhado de fazer contribuições à grande provisão do nosso porão. Havia potes de geleia feita por bisavós, com rótulos em letras fracas desbotadas, já quase ilegíveis, e conservas feitas por tias-avós e verduras colhidas pela nossa avó, e até nossa mãe havia deixado para trás seis potes de geleia de maçã. Constance havia passado a vida inteira se dedicando a fazer acréscimos à comida do porão, suas fileiras e mais fileiras de potes eram sem sombra de dúvida as mais bonitas, e reluziam em meio às outras. "Você enterra comida que nem eu enterro tesouros", eu lhe dizia às vezes, e uma vez ela me respondeu: "A comida vem da terra e não se pode deixar que ela fique lá apodrecendo; tem que se fazer *alguma* coisa com ela". Todas as mulheres da família Blackwood tiraram a comida que viera do solo e a conservaram, de geleias e picles de cores intensas e verduras e frutas em potes, marrons e âmbares e verde musgo, ficavam enfileirados no nosso porão e permaneceriam ali para sempre, um poema feito pelas mulheres Blackwood. Todo ano Constance e tio Julian e eu comíamos a geleia ou a conserva ou o picles que Constance preparava, mas nunca tocávamos no que era das outras: Constance dizia que aquilo nos mataria caso comêssemos.

Este sábado de manhã passei geleia de damasco na minha torrada, e pensei em Constance preparando-a e guardando-a com carinho para que eu a comesse em alguma manhã ensolarada, jamais sonhando que uma mudança ocorreria antes que o pote fosse esvaziado.

"Merricat preguiçosa", Constance me disse, "para de ficar aí sonhando enquanto come torrada; quero você no jardim neste dia lindo."

Ela arrumava a bandeja de tio Julian, botando o leite quente em um jarro pintado com margaridas amarelas, e aparando a torrada para que ficasse pequenina, quente e quadrada; se algo parecesse grande, ou difícil de comer, tio Julian deixava no prato. Constance sempre levava a bandeja de tio Julian pela manhã porque ele sentia dores ao dormir e às vezes ficava acordado, deitado na escuridão esperando a primeira luz e o conforto de Constance com sua bandeja. Certas noites, quando o coração lhe doía

muito, ele tomava um comprimido a mais que o habitual e depois passava a manhã inteira deitado, grogue e melancólico, relutante em bebericar o leite quente, mas querendo ter a certeza de que Constance estaria ocupada na cozinha ao lado de seu quarto ou no jardim, onde poderia vê-la de seu travesseiro. Nas manhãs muito boas ela o levava à cozinha para tomar café, e ele se sentava na velha escrivaninha no canto, espalhando migalhas entre as anotações, estudando sua papelada enquanto comia. "Se eu for poupado", ele sempre dizia a Constance, "eu mesmo escrevo o livro. Se não, confie as minhas anotações a um cético digno que não se preocupe demais com a verdade."

Como eu queria ser mais gentil com tio Julian, esta manhã esperava que ele aproveitasse o café da manhã e depois fosse para o jardim na cadeira de rodas e se sentasse ao sol. "Quem sabe uma tulipa não se abre hoje", falei, olhando pela porta aberta da cozinha para o sol radiante.

"Só amanhã, eu acho", respondeu Constance, que sempre sabia. "Use bota se for passear hoje; ainda vai ter muita umidade nos bosques."

"Alguma coisa vai mudar", falei.

"É a primavera, sua boba", ela disse, e pegou a bandeja de tio Julian. "Não vai fugir enquanto eu estiver fora; tem trabalho para fazer."

Ela abriu a porta de tio Julian, e eu a escutei dar bom-dia a ele. Quando ele retribuiu o bom-dia sua voz estava envelhecida, e percebi que não estava bem. Constance teria de ficar ao lado dele o dia inteiro.

"Seu pai já chegou em casa, menina?", ele perguntou para ela.

"Não, hoje não", disse Constance. "Deixa eu pegar outro travesseiro pra você. O dia está lindo."

"Ele é um sujeito atarefado", disse tio Julian. "Me traz um lápis, minha querida; quero fazer uma anotação sobre isso. Ele é um sujeito muito atarefado."

"Toma um pouco de leite quente; vai te esquentar."

"Você não é a Dorothy. É a minha sobrinha Constance."

"Bebe."

"Bom dia, Constance."

"Bom dia, tio Julian."

Resolvi que escolheria três palavras fortes, palavras de proteção firme, e contanto que essas palavras formidáveis nunca fossem ditas em voz alta nenhuma mudança

ocorreria. Escrevi a primeira palavra — *melodia* — na geleia de damasco da minha torrada com o cabo da colher e depois enfiei a torrada na boca e comi bem depressa. Um terço da segurança garantido. Constance saiu do quarto de tio Julian carregando a bandeja.

"Ele não está bem hoje", disse ela. "Deixou boa parte do café e está exausto."

"Se eu tivesse um cavalo alado poderia levar ele para a lua; ele ficaria mais confortável lá."

"Mais tarde vou levar o tio Julian para tomar um sol, e quem sabe não faço uma gemada."

"Tudo está seguro na lua."

Ela me olhou, distante. "Folha de dente-de-leão", ela disse. "E rabanete. Estava pensando em mexer na horta agora de manhã, mas não quero deixar o tio Julian. Espero que a cenoura…" Ela tamborilou sobre a mesa, refletindo. "Ruibarbo", disse.

Levei os pratos que usei no café da manhã para a pia e os deixei lá; estava decidindo minha segunda palavra mágica, que pensei que poderia muito bem ser *Gloucester*. Era forte, e achei que serviria, embora basicamente qualquer coisa pudesse passar pela cabeça de tio Julian e nenhuma palavra era de fato segura quando ele falava.

"Por que não fazer uma torta para o tio Julian?"

Constance sorriu. "Quer dizer, por que não fazer uma torta para a Merricat? Que tal eu fazer uma torta de ruibarbo?"

"Jonas e eu detestamos ruibarbo."

"Mas tem as cores mais lindas; nada fica tão lindo na prateleira quanto uma geleia de ruibarbo."

"Então faz para a prateleira. Faz uma torta de dente-de-leão pra mim."

"Merricat boba", disse Constance. Ela usava o vestido azul, o sol formava desenhos no chão da cozinha e a cor começava a transparecer no jardim lá fora. Jonas se sentou no degrau, se lavando, e Constance passou a cantar enquanto se dedicava a lavar a louça. Minha segurança estava em dois terços, com apenas uma palavra mágica para encontrar.

Mais tarde tio Julian continuava a dormir e Constance pensou em tirar cinco minutos para ir correndo até a horta e colher o que desse; me sentei à mesa da cozinha prestando atenção ao tio Julian para poder chamar Constance caso ele acordasse, mas quando ela voltou ele continuava quieto. Comi cenourinhas doces

enquanto Constance lavava e guardava as verduras. "Vamos comer uma salada primavera", disse ela.

"A gente come o ano inteiro. Comemos a primavera e o verão e o outono. A gente espera uma coisa brotar e come."

"Merricat boba", disse Constance.

Às onze e vinte segundo o relógio da cozinha ela tirou o avental, deu uma olhada em tio Julian e subiu, como sempre fazia, para seu quarto para aguardar que eu a chamasse. Fui à porta da frente e a destranquei e a abri no momento exato em que o carro do médico virava na rampa. Tinha pressa, sempre, e estacionou logo e correu escada acima; "Bom dia, srta. Blackwood", ele disse, passando por mim e cruzando o corredor, e quando chegou à cozinha já tinha tirado o casaco e estava prestes a colocá-lo no espaldar de uma das cadeiras da cozinha. Foi direto ao quarto de tio Julian sem dar uma olhada para mim ou para a cozinha, e então, ao abrir a porta de tio Julian, de repente ficou tranquilo e afável. "Bom dia, sr. Blackwood", ele disse, a voz serena, "como é que estão as coisas hoje?"

"Cadê aquele velho idiota?", tio Julian questionou, como sempre fazia, "Por que o Jack Mason não veio?".

O dr. Mason foi quem Constance chamou na noite em que todos morreram.

"O dr. Mason não podia vir hoje", disse o médico, como sempre fazia. "Eu sou o dr. Levy. Sou eu quem vai examinar o senhor."

"Preferia o Jack Mason."

"Vou me esforçar."

"Sempre falei que eu viveria mais que aquele velho idiota." Tio Julian deu uma risadinha sutil. "Por que é que você está mentindo pra mim? Jack Mason morreu faz três anos."

"Sr. Blackwood", disse o médico, "é um prazer tê-lo como paciente." Ele fechou a porta com bastante discrição. Pensei em usar *digitalina* como a terceira palavra mágica, mas era muito fácil que alguém a dissesse, e por fim me decidi por *Pégaso*. Peguei um copo no armário, e disse a palavra de forma bem nítida dentro do vidro, depois o enchi de água e bebi. A porta de tio Julian se abriu, e o médico ficou na soleira por um instante.

"Agora, lembre-se", ele disse. "E vejo o senhor no próximo sábado."

"Charlatão", retrucou tio Julian.

O médico se virou, sorridente, e então o sorriso desapareceu e ele tornou a se apressar. Recolheu o casaco e tomou o rumo do corredor. Eu o segui e quando cheguei à porta da frente ele já descia os degraus. "Adeus, srta. Blackwood", despediu-se, sem olhar ao redor, e entrou no carro e deu logo partida, acelerando mais e mais até chegar ao portão e pegar a rodovia. Tranquei a porta da frente e fui ao pé da escada. "Constance?", chamei.

"Já vai", ela disse lá de cima. "Já vai, Merricat."

Tio Julian estava melhor no fim daquele dia, e se sentou ao ar livre, ao sol quente da tarde, as mãos dobradas no colo, meio sonhador. Eu me deitei perto dele, no banco de mármore em que nossa mãe gostava de se sentar, e Constance se ajoelhou na terra, as mãos enterradas como se ela estivesse brotando, remexendo a terra e revirando-a, tocando as plantas em suas raízes.

"A manhã estava linda", tio Julian declarou, a voz sem interrupção, "uma bela manhã ensolarada, e nenhum deles sabia que seria a última. Foi ela quem desceu primeiro, minha sobrinha Constance. Acordei e ouvi sua movimentação pela cozinha — eu dormia lá em cima na época, ainda conseguia subir a escada, e dormia com a minha esposa no nosso quarto — e pensei, que manhã linda, sem nem sonhar que seria a última para eles. Em seguida ouvi meu sobrinho — não, foi o meu irmão; meu irmão foi o primeiro a descer depois da Constance. Escutei o assobio dele. Constance?"

"Pois não?"

"Qual era a canção que meu irmão assobiava, e sempre no tom errado?"

Constance pensou, as mãos no solo, e murmurou baixinho, e eu estremeci.

"Claro. Nunca tive cabeça boa para música; conseguia me lembrar da aparência das pessoas e do que diziam e do que faziam mas nunca era capaz de me lembrar do que cantavam. Foi meu irmão que desceu depois da Constance, sem dar a mínima importância, é claro, se acordaria alguém com seus barulhos e assobios, sem nunca pensar que talvez eu ainda estivesse dormindo, apesar de que por ironia do destino eu já estava acordado." Tio Julian suspirou e levantou a cabeça para lançar um olhar curioso, uma vez, para o jardim. "Ele nunca soube que seria sua última manhã na Terra. Acho que teria ficado mais quieto se soubesse. Eu o escutei na cozinha com a Constance e disse para minha esposa — ela também estava acordada; o barulho dele fez com que ela despertasse —, eu disse para minha esposa, é melhor você se vestir;

nós moramos aqui com o meu irmão e a esposa dele, afinal de contas, e temos de nos lembrar de mostrar a eles que somos cordiais e estamos loucos para ajudar no que pudermos; se vista e vá encontrar Constance na cozinha. Ela fez o que eu mandei; nossas esposas sempre faziam o que mandavam, apesar de minha cunhada ter ficado deitada na cama até tarde; vai ver que *ela* teve a premonição e quis aproveitar seu descanso mundano enquanto fosse possível. Eu ouvi todos eles. Ouvi o menino descer. Pensei em me vestir; Constance?"

"Pois não, tio Julian?"

"Eu ainda conseguia me vestir naquela época, sabe, apesar de aquele *ter* sido o último dia. Ainda conseguia andar por aí sozinho, e me vestir, e me alimentar, e não sentia dor. Eu dormia bem naquela época, como um homem forte deve dormir. Eu não era jovem, mas era forte e dormia bem e ainda podia me vestir sozinho."

"Quer uma manta para botar em cima da perna?"

"Não, minha querida, eu agradeço. Você tem sido uma boa sobrinha para mim, apesar de eu ter alguns motivos para imaginar que você foi uma filha desobediente. Minha cunhada desceu antes de mim. Nosso café da manhã foi panqueca, panqueca fininha e quente, e meu irmão comeu dois ovos fritos, e minha esposa — embora eu não a incentivasse a comer muito, já que estávamos morando com o meu irmão — comeu basicamente linguiça. Linguiça caseira, feita pela Constance. Constance?"

"Pois não, tio Julian?"

"Acho que se eu soubesse que seria o último café da manhã teria deixado ela comer mais linguiça. É uma surpresa, pensando nisso agora, que ninguém tenha desconfiado de que seria a última manhã deles; talvez não ficassem de má vontade porque minha esposa queria mais linguiça, *se fosse o caso*. Meu irmão às vezes tecia comentários sobre o que a gente comia, minha esposa e eu; ele era um homem normal e nunca racionava a comida, contanto que a gente não pegasse demais. Ele ficou observando minha esposa se servir de linguiça naquela manhã, Constance. Eu vi que ele ficou olhando. Nós pegávamos bem pouco dele, Constance. Ele comeu panqueca e ovo frito e linguiça, mas senti que ele ia falar com a minha esposa; o menino comia sem parar. Me agrada que o café da manhã tenha sido especialmente bom naquele dia."

"Posso fazer linguiça pra você na semana que vem, tio Julian; acho que linguiça caseira não lhe faria mal se você comesse bem pouquinho."

"Meu irmão nunca ficava de má vontade com a nossa comida se a gente não pegasse

demais. Minha esposa ajudava a lavar a louça."

"Eu me sentia muito grata a ela."

"Ela poderia ter feito mais, eu penso hoje em dia. Ela divertia minha cunhada, e cuidava das nossas roupas, e ajudava com a louça de manhã, mas creio que o meu irmão achava que ela poderia fazer mais. Ele saiu depois do café para uma reunião de negócios com um sujeito."

"Ele queria que construíssem uma pérgula; o plano dele era começar um parreiral."

"Sinto muito por isso; a esta altura poderíamos estar comendo geleia feita das nossas próprias uvas. Eu sempre conseguia conversar melhor depois que ele saía; lembro que diverti as senhoras naquela manhã, e ficamos sentados aqui no jardim. Falamos de música; minha esposa era bem musical apesar de nunca ter aprendido a tocar. Minha cunhada tinha um toque delicado; sempre se dizia que ela tinha um toque delicado, e em geral ela tocava à noite. Não naquela noite, é claro. Ela não pôde tocar naquela noite. De manhã imaginamos que ela tocaria à noite como de praxe. Você se lembra que eu fui bem divertido no jardim naquela manhã, Constance?"

"Eu estava tirando as ervas daninhas da horta", declarou Constance. "Ouvi vocês todos dando risada."

"Eu estava muito divertido; agora fico feliz por isso." Ele se calou por um instante, entrelaçando e desentrelaçando os dedos. Eu queria ser mais gentil com ele, mas não poderia entrelaçar seus dedos no lugar dele e não havia nada que pudesse lhe trazer, portanto fiquei quieta escutando-o falar. Constance franziu a testa, fitando uma folha, e as sombras se movimentaram lentamente no gramado.

"O menino tinha ido a algum lugar", tio Julian enfim disse com sua triste voz envelhecida. "O menino tinha ido a algum lugar — ele foi pescar, Constance?"

"Ele estava subindo num castanheiro."

"Eu me lembro. Claro. Eu me lembro de tudo com muita nitidez, minha querida, e está tudo nas minhas anotações. Foi a última manhã de todas, e não gostaria de me esquecer. Ele estava subindo no castanheiro, berrando pra gente bem lá do alto da árvore, e ficou atirando raminhos até a minha cunhada levantar a voz para ele. Ela não gostava que os ramos caíssem no cabelo, e minha esposa também não gostava, mas ela jamais seria a primeira a se pronunciar. Acho que a minha esposa era respeitosa com a sua mãe, Constance. Detestaria pensar que não era; a gente vivia na casa do meu irmão e comia a comida dele. Sei que meu irmão veio almoçar em casa."

"Nós comemos torrada com queijo derretido", disse Constance. "Passei a manhã inteira mexendo nas hortaliças e precisava preparar alguma coisa rápida para o almoço."

"Foi torrada com queijo derretido o que a gente comeu. Volta e meia me pergunto por que o arsênico não foi posto na torrada. É uma questão interessante, e vou ser obrigado a tocar nela no meu livro. Por que o arsênico não foi posto na torrada? Eles perderiam algumas horas de vida naquele último dia, mas tudo acabaria bem mais cedo. Constance, se tem um prato que você prepara e que eu detesto com todas as minhas forças é a torrada com queijo. Nunca gostei de torrada com queijo."

"Eu sei, tio Julian. Nunca faço para você."

"Seria o mais conveniente para o arsênico. Eu me lembro de ter comido salada. De sobremesa tinha torta de maçã, uma sobra da noite anterior."

"O sol está se pondo." Constance se levantou e limpou a terra das mãos. "Se eu não te levar lá para dentro, você vai passar frio."

"Seria bem mais conveniente na torrada, Constance. Esquisito que esse argumento não tenha sido trazido à tona na época. Arsênico não tem gosto, entende, mas eu juro que a torrada tem. Aonde é que estou indo?"

"Você vai lá para dentro. Vai passar uma hora descansando no quarto até a hora do seu jantar, e depois do jantar vou tocar para você, se você quiser."

"Não posso desperdiçar o tempo, minha querida. Tenho milhares de detalhes para lembrar e pôr no papel e não tenho nem um minuto sequer para perder. Detestaria deixar de fora qualquer coisinha sobre o último dia deles; meu livro tem que ser finalizado. Eu acho que, no cômputo geral, foi um dia agradável para todos eles, e é claro que foi bem melhor por jamais terem imaginado que seria o último. Acho que estou com frio, Constance."

"Daqui a pouco você já vai estar quentinho na cama."

Fui atrás deles devagarinho, sem vontade de abandonar o jardim onde escurecia; Jonas veio atrás de mim, se aproximando da luz da casa. Quando Jonas e eu entramos, Constance estava fechando a porta do quarto de tio Julian, e ela sorriu para mim. "Ele já está quase dormindo", disse baixinho.

"Quando eu estiver velha que nem o tio Julian, você vai cuidar de mim?"

"Se eu ainda estiver por aqui", ela respondeu, e eu gelei. Sentei no meu canto segurando Jonas e observei-a se movimentando ligeira e silenciosamente pela nossa

cozinha iluminada. Em poucos minutos me pediria para pôr a mesa para nós três na sala de jantar e então após o jantar já seria noite e afetuosamente nos sentaríamos juntas na cozinha onde éramos resguardadas pela casa e ninguém do mundo exterior via sequer uma luz.

4

Na manhã de domingo a mudança estava um dia mais próxima. Estava determinada a não pensar nas minhas três palavras mágicas e não deixaria que elas entrassem na minha mente, mas a atmosfera de mudança estava tão forte que não havia maneira de evitá-la; a mudança pairava sobre a escada e a cozinha e o jardim feito uma névoa. Não esqueceria das minhas palavras mágicas: eram MELODIA GLOUCESTER PÉGASO, mas eu me negava a deixá-las entrar na minha mente. O clima não estava sossegado na manhã de domingo, e imaginei que talvez Jonas enfim conseguiria fazer tempestade em copo d'água; o sol brilhava na cozinha, mas havia nuvens se movendo com rapidez no céu e uma leve brisa cortante entrando e saindo da cozinha enquanto eu tomava meu café da manhã.

"Usa a bota se for passear hoje", Constance me recomendou.

"Imagino que o tio Julian não vai se sentar lá fora hoje: vai fazer frio demais pra ele."

"Puro clima de primavera", mencionou Constance, e sorriu para o seu jardim.

"Eu te amo, Constance", disse.

"Eu também te amo, Merricat, sua boba."

"O tio Julian está melhor?"

"Acho que não. Levei a bandeja dele quando você ainda estava dormindo e achei que ele parecia bem cansado. Ele falou que tomou um comprimido a mais durante a noite. Talvez esteja piorando."

"Está preocupada com ele?"

"Estou. Muito."

"Ele vai morrer?"

"Sabe o que foi que ele me disse esta manhã?" Constance virou-se, encostando-se à pia, e me encarou com tristeza. "Ele achou que eu era a tia Dorothy, pegou minha mão e falou, 'É horrível ser velho, ficar deitado aqui pensando quando é que vai acontecer'. Ele quase me assustou."

"Você devia ter deixado que eu o levasse à lua", reclamei.

"Eu servi o leite quente, e ele se lembrou de quem eu era."

Imaginei que tio Julian estivesse provavelmente muitíssimo feliz, com Constance e tia Dorothy para cuidar dele, e disse a mim mesma que coisas longas e finas me lembrariam de ser mais gentil com tio Julian; este seria um dia de coisas longas e finas, pois já havia encontrado um cabelo na minha escova de dente, e um pedaço de fio estava preso na lateral da minha cadeira e eu enxergava uma lasca quebrada na escada dos fundos. "Faz um pudim para ele", sugeri.

"Talvez eu faça mesmo." Ela pegou a espátula longa e fina e deixou-a na pia. "Ou uma xícara de chocolate. E pãezinhos para ele comer com frango hoje à noite."

"Você precisa de mim?"

"Não, minha Merricat. Pode ir andando, e usa sua bota."

O dia lá fora estava repleto de luzes instáveis, e Jonas dançava por dentro e por fora das sombras enquanto me seguia. Quando eu corria Jonas corria, e quando eu parava e ficava imóvel ele parava e me lançava um olhar e então seguia bruscamente em outra direção, como se não nos conhecêssemos, e aí se sentava e esperava por mim para correr de novo. Íamos ao campo que hoje parecia um mar, embora eu nunca tivesse visto o mar; o gramado se movia sob a brisa e as sombras das nuvens iam e voltavam e as árvores ao longe se mexiam. Jonas desapareceu na grama, tão alta que eu conseguia tocá-la com as mãos enquanto caminhava, e ele fazia pequenos movimentos tortuosos por conta própria; por um instante a grama toda se curvava ao mesmo tempo sob a brisa e então era possível ver um desenho feito pela velocidade da corrida de Jonas. Comecei numa ponta e percorri o campo na diagonal em direção ao canto oposto, e no meio me deparei com a pedra que cobria o local onde a boneca foi enterrada; sempre conseguia achá-la apesar de grande parte dos meus tesouros enterrados ter se perdido para sempre. A pedra estava intocada e portanto a boneca estava a salvo. Estou andando sobre tesouros enterrados, ponderei, com a grama roçando minhas mãos e nada ao meu redor além da extensão do campo com o gramado ao vento e os pinheiros na extremidade; atrás de mim estava a casa, e lá longe, à esquerda, escondida pelas árvores e quase fora do alcance da visão, a cerca de arame farpado erguida por nosso pai para impedir a entrada das pessoas.

Quando saí do campo passei entre as quatro macieiras que chamávamos de nosso pomar e percorri a trilha em direção ao riacho. Minha caixa de moedas de prata

enterrada à margem do riacho estava a salvo. Perto do riacho, bem camuflado, estava um dos meus esconderijos, eu havia criado com todo o cuidado e usado bastante. Tinha cortado dois ou três arbustos baixos e aplainado o solo; por todos os lados havia mais arbustos e galhos de árvores, e a entrada estava coberta por um galho que quase encostava no chão. Não era realmente necessário que fosse tão secreto, já que ninguém nunca me procurava ali, mas gostava de deitar lá dentro com Jonas e saber que jamais seria encontrada. Usava folhas e galhos como uma cama, e Constance tinha me dado um lençol. As árvores ao redor e acima eram tão grossas que sempre estava seco ali embaixo, e na manhã de domingo eu deitei com Jonas, escutando as histórias dele. Todas as histórias de gatos começam com o enunciado: "Minha mãe, que foi a primeira felina, me contou a seguinte história", e eu ficava deitada com a cabeça perto de Jonas e prestava atenção. Não havia mudança por vir, pensei enquanto estava ali, apenas a primavera; era um erro ficar tão amedrontada. Os dias seriam mais quentes, e tio Julian se sentaria ao sol, e Constance riria quando mexesse no jardim, e seria sempre igual. Jonas falava sem parar ("E então cantamos! E então cantamos!") e a folhagem se mexia lá em cima e seria sempre igual.

Achei um ninho de serpente perto do riacho e matei todos os filhotes; não gosto de serpentes, e Constance nunca tinha me pedido para não fazer isso. Voltava para casa quando me deparei com um mau presságio, muito mau, um dos piores. Meu livro que estava pregado em uma árvore no pinhal havia caído. Resolvi que o prego tinha enferrujado e o livro — era um caderninho do nosso pai, no qual ele anotava o nome das pessoas que lhe deviam dinheiro e das pessoas que tinham o dever, ele achava, de lhe prestar favores — agora era inútil como proteção. Eu o embalara por completo em papel grosso antes de pregá-lo à árvore, mas o prego enferrujara e caíra. Achei que era melhor destruí-lo, para o caso de agora ser ativamente ruim, e levar outra coisa à árvore, quem sabe um xale da nossa mãe, ou uma luva. Era mesmo tarde demais, embora eu não estivesse consciente disso naquele momento; ele já estava a caminho de casa. Quando achei o livro ele provavelmente já havia deixado a mala no correio e pedia informações sobre o caminho a tomar. A única coisa que Jonas e eu sabíamos então era que estávamos com fome, e corremos juntos em direção à casa, e entramos com a brisa na cozinha.

"É sério que você esqueceu da bota?", Constance comentou. Tentou fechar a cara mas acabou rindo. "Como você é boba, Merricat."

"O Jonas não tem bota. O dia está maravilhoso."

"Quem sabe amanhã a gente não vai catar cogumelo."

"Jonas e eu estamos com fome *hoje*."

A essa altura ele já cruzava o vilarejo rumo à pedra preta, com todos o observando e se questionando e sussurrando enquanto passava.

Foi o último de nossos dias agradáveis e vagarosos, apesar de que, conforme tio Julian teria ressaltado, jamais suspeitaríamos naquele momento. Constance e eu almoçamos, rindo e sem nem sequer suspeitar de que ao mesmo tempo em que nos alegrávamos ele mexia no portão trancado e espiava entrada abaixo, e perambulava pelo bosque, por um tempo isolado pela cerca de nosso pai. A chuva começou quando estávamos na cozinha, e deixamos a porta da cozinha aberta a fim de contemplar a chuva enviesando na soleira da porta e banhando o jardim; Constance estava contente, assim como qualquer bom jardineiro fica contente com a chuva. "Daqui a pouquinho a gente vai ver o colorido lá fora", ela disse.

"Nós sempre vamos ficar aqui juntas, não vamos, Constance?"

"Você não quer sair daqui nunca, Merricat?"

"Para onde a gente iria?", perguntei a ela. "Qual lugar seria melhor para a gente do que este? Quem quer a gente, lá fora? O mundo está cheio de gente terrível."

"Fico pensando nisso às vezes." Ela ficou muito séria por um instante, depois se virou e me lançou um sorriso. "Não se preocupe, minha Merricat. Nada de ruim vai acontecer."

Deve ter sido neste exato minuto que ele achou a entrada e começou a subir a rampa de carros, correndo sob a chuva, porque só me restava um ou dois minutos até vê-lo. Poderia ter usado esse minuto para tantas coisas: poderia ter avisado a Constance, de alguma forma, ou poderia ter pensado em uma palavra mágica nova, mais segura, ou poderia ter empurrado a mesa contra a porta da cozinha; na verdade, brinquei com a minha colher e olhei para Jonas, e quando Constance se arrepiou eu disse, "Vou pegar o seu suéter". Foi isso o que me levou ao hall no instante em que ele subia os degraus. Eu o vi pela janela da sala de jantar e por um instante, gelada, fui incapaz de respirar. Sabia que a porta da frente estava trancada; pensei primeiro nisso. "Constance", falei mansamente, sem me mexer, "tem alguém lá fora. A porta da cozinha, rápido." Imaginei que tivesse me escutado porque ouvi seus movimentos na cozinha, mas tio Julian tinha acabado de chamar e ela foi vê-lo, deixando o coração da

nossa casa desprotegido. Corri até a porta da frente e me encostei nela e ouvi os passos lá fora. Ele bateu, primeiro baixinho e depois com firmeza, e me joguei contra a porta, sentindo as batidas me atingirem, consciente da proximidade dele. Já sabia que ele era um dos ruins; vira seu rosto por um instante e ele era um dos ruins, que rodeiam e rodeiam a casa, tentando entrar, olhando pelas janelas, puxando e remexendo e roubando lembrancinhas.

Ele bateu de novo e em seguida chamou, "Constance? Constance?".

Bom, sempre sabiam o nome dela. Sabiam o nome dela e de tio Julian e como ela arrumava o cabelo e a cor dos três vestidos que ela tivera de usar no tribunal e a idade que ela tinha e o jeito como falava e andava e quando podiam examinavam bem seu rosto para ver se estava chorando. "Quero falar com a Constance", ele disse de fora, como sempre faziam.

Fazia bastante tempo que nenhum deles aparecia, mas não tinha me esquecido da sensação que me causavam. No começo, estavam sempre ali, à espera de Constance, querendo apenas vê-la. "Olha", eles diziam, se cutucando e apontando, "é aquela ali, aquela moça, é ela, a Constance." "Não tem *cara* de assassina, tem?", diziam uns aos outros; "escuta, você poderia tentar tirar uma foto dela da próxima vez que ela aparecer". "Vamos levar umas flores dessas", combinavam em tom despreocupado; "pegar uma pedra ou alguma coisa do jardim, a gente pode levar para casa e mostrar para as crianças."

"Constance?", ele disse lá de fora. "Constance?" Tornou a bater. "Quero falar com a Constance", ele declarou, "tenho uma coisa importante para falar para ela."

Sempre tinham algo importante para dizer a Constance, estivessem eles empurrando a porta ou berrando do lado de fora ou chamando no telefone ou escrevendo as terríveis terríveis cartas. Às vezes queriam Julian Blackwood, mas nunca perguntavam por mim. Eu fui mandada para a cama sem jantar, não tive permissão para entrar no tribunal, ninguém tirou minha foto. Enquanto olhavam Constance no tribunal eu estava deitada no catre do orfanato, fitando o teto, desejando que todos eles estivessem mortos, esperando Constance chegar e me levar para casa.

"Constance, você *está* me ouvindo?", ele chamou lá de fora. "Por favor, me escuta só um minutinho."

Imaginava se ele me ouvia respirar do outro lado da porta; sabia o que ele faria em

seguida. Primeiro ele se afastaria da casa, protegendo os olhos da chuva, e ergueria o olhar para as janelas do segundo andar, esperando ver um rosto olhando para baixo. Depois caminharia junto à lateral da casa, seguindo a calçada que supostamente só era utilizada por Constance e por mim. Quando achasse a porta lateral, que não abríamos nunca, bateria nela, chamando Constance. Às vezes iam embora se ninguém atendesse nem à porta da frente nem à lateral; aqueles que sentiam um leve constrangimento só por estarem ali e gostariam de não ter se dado ao trabalho de vir para começo de conversa porque na verdade não havia nada para ver e poderiam ter poupado o tempo ou ido a outro lugar — eles geralmente saíam correndo quando descobriam que não entrariam para ver Constance, mas os teimosos, os que eu desejava que morressem e ficassem ali caídos na rampa dos carros, davam voltas e mais voltas na casa, mexendo em cada porta e batendo nas janelas. "A gente tem o *direito* de ver ela", costumavam gritar, "ela matou um monte de gente, não matou?" Encostavam seus carros na escada e estacionavam. A maioria trancava os carros com todo o cuidado, certificando-se de que todas as janelas estavam fechadas, antes de bater na casa e chamar por Constance. Faziam piqueniques no gramado e uns tiravam fotos dos outros na frente da casa e deixavam os cachorros correrem no jardim. Escreviam seus nomes nas paredes e na porta da frente.

"Olha", ele disse lá de fora, "Você *tem que* me deixar entrar."

Eu o escutei descendo os degraus e entendi que estava olhando para cima. As janelas estavam todas trancadas. A porta lateral estava trancada. Sabia muito bem que não devia espiar pelas vidraças estreitas que ladeavam a porta; eles reparavam até nos mínimos movimentos, e se eu encostasse um dedinho na cortina da sala de jantar ele correria em direção à casa, berrando, "Olha ela aí, olha ela aí". Eu me apoiei contra a porta da frente e imaginei abri-la para me deparar com ele morto na rampa.

Ele erguia o olhar para a fachada inexpressiva da casa que olhava para baixo porque sempre deixávamos as persianas das janelas do segundo andar fechadas; ele não obteria resposta ali, e eu precisava pegar um suéter para Constance antes que ela ficasse mais arrepiada de frio. Era seguro ir lá em cima, mas eu queria voltar para perto de Constance enquanto ele aguardasse lá fora, então corri escada acima e peguei o suéter da cadeira do quarto de Constance e corri escada abaixo e atravessei o corredor rumo à cozinha e ele estava sentado à mesa na minha cadeira.

"Eu tinha três palavras mágicas", declarei, segurando o suéter. "Eram MELODIA

GLOUCESTER PÉGASO, e estávamos a salvo até elas serem ditas em voz alta."

"Merricat", disse Constance; ela se virou e me olhou, sorridente. "É o nosso primo, nosso primo Charles Blackwood. Reconheci ele na hora: é igualzinho ao pai."

"Bem, Mary", ele disse. Levantou-se; era mais alto agora que estava ali dentro, ele crescia e crescia à medida que se aproximava de mim. "Não vai dar um beijo no seu primo Charles?"

Atrás dele, a porta da cozinha estava escancarada; ele foi o primeiro a entrar e Constance lhe deu permissão. Constance se levantou; sabia muito bem que não devia tocar em mim, mas disse "Merricat, Merricat" com suavidade e esticou os braços na minha direção. Fui abraçada com força, enrolada em arame, não conseguia respirar e tive de correr. Joguei o suéter no chão e saí porta afora e fui até o riacho aonde eu sempre ia. Jonas me achou depois de um tempo e ficamos deitados juntos, abrigados da chuva pelas árvores amontoadas sobre nossas cabeças, ofuscantes e esplêndidas à sábia, possessiva maneira que as árvores têm de se imprensar. Olhei para trás, para as árvores, e escutei o som suave da água. Não havia nenhum primo, nenhum Charles Blackwood, nenhum intruso lá dentro. Era porque o livro tinha caído da árvore; eu não tivera o cuidado de substituí-lo logo e nossa muralha de segurança rachara. Amanhã eu acharia um objeto poderoso e o pregaria à árvore. Adormeci ouvindo Jonas, no momento em que as sombras caíam. A certa altura da noite, Jonas me largou para ir caçar e meu sono acabou ficando um pouco menos pesado quando ele retornou, se apertando em mim para se esquentar. "Jonas", eu disse, e ele ronronou, confortável. Quando acordei a cerração do início da manhã vagava levemente à margem do riacho, circundando meu rosto e me tocando. Fiquei deitada, rindo, sentindo o roçar quase imaginário da neblina nos meus olhos e erguendo o olhar para as árvores.

5

Quando entrei na cozinha, ainda arrastando a névoa do riacho, Constance arrumava a bandeja com o café da manhã de tio Julian. Estava claro que tio Julian se sentia bem naquela manhã, visto que Constance lhe serviria chá em vez de leite quente; ele devia ter acordado cedo e pedido chá. Eu me aproximei dela e pus meus braços ao seu redor e ela se virou e me abraçou.

"Bom dia, minha Merricat", ela disse.

"Bom dia, minha Constance. O tio Julian acordou melhor hoje?"

"Muito, muito melhor. E o sol vai brilhar depois da chuva de ontem. E vou fazer mousse de chocolate para o seu jantar, minha Merricat."

"Eu te amo, Constance."

"E eu amo você. Bem, o que você vai querer de café da manhã?"

"Panqueca. Aquelas pequenininhas quentes. E dois ovos fritos. Hoje meu cavalo alado chega e eu vou te levar para a lua e na lua nós vamos comer pétalas de rosas."

"Algumas pétalas de rosas são venenosas."

"Não na lua. É verdade que se pode plantar folha?"

"Algumas folhas. Folhas peludas. Você pode pôr na água e elas criam raízes e depois você planta e elas viram uma planta. O tipo de planta que eram desde o princípio, claro, não uma planta qualquer."

"Sinto muito se é assim. Bom dia, Jonas. Eu acho que você é uma folha peluda."

"Como você é boba, Merricat."

"Eu gosto de folha que vira uma planta diferente. Toda peluda."

Constance ria. "O tio Julian não vai tomar o café nunca se eu te der ouvidos", ela disse. Constance pegou a bandeja e entrou no quarto de tio Julian. "Chá quente a caminho", anunciou.

"Constance, minha querida. Que manhã gloriosa, eu acho. Dia esplêndido para trabalhar."

"E para tomar banho de sol."

Jonas se sentou na porta ensolarada, lavando o próprio rosto. Eu sentia fome; talvez hoje fosse uma gentileza com tio Julian eu botar uma pluma no gramado, no lugar onde a cadeira de tio Julian ficaria; eu não tinha permissão para enterrar objetos no gramado. Na lua usávamos plumas no cabelo e rubis nas mãos. Na lua tínhamos colheres de ouro.

"Talvez hoje seja um bom dia para começar um capítulo novo. Constance?"

"Pois não, tio Julian?"

"Você acha que eu devo começar o capítulo quarenta e quatro hoje?"

"Claro."

"Algumas das primeiras páginas precisam de um pente-fino. Uma obra como essa nunca fica pronta."

"Quer que eu penteie o seu cabelo?"

"Acho que hoje vou me pentear sozinho, obrigado. A cabeça de um homem deve ser da responsabilidade dele, afinal. Não tem geleia."

"Quer que eu pegue?"

"Não, porque estou percebendo que de um jeito ou de outro comi toda a minha torrada. Estou com vontade de almoçar um fígado grelhado, Constance."

"Assim será. Posso levar a sua bandeja?"

"Pode, obrigado. E eu vou pentear o cabelo."

Constance voltou para a cozinha e largou a bandeja. "E agora vem o seu, minha Merricat", ela declarou.

"E do Jonas."

"O Jonas tomou o café há muito tempo."

"Você vai plantar uma folha para mim?"

"Um dia desses." Ela virou a cabeça e escutou com atenção. "Ele ainda está dormindo", constatou.

"Quem está dormindo? Posso ver o crescimento?"

"O primo Charles ainda está dormindo", ela disse, e o dia desmoronou ao meu redor. Vi Jonas na porta e Constance junto ao fogão, mas eles não tinham cor. Eu não conseguia respirar, eu estava amarrada com força, tudo estava gelado.

"Ele era um fantasma", eu disse.

Constance riu, e foi um som muito distante. "Então tem um fantasma dormindo na

cama do pai", ela retrucou. "E que comeu um baita de um jantar ontem à noite. Quando você saiu", ela disse.

"Eu sonhei que ele veio. Dormi no chão e sonhei que ele veio, mas depois sonhei que ele foi embora." Eu estava tensa; quando Constance acreditasse em mim eu poderia respirar outra vez.

"Passamos um bom tempo conversando ontem à noite."

"Vai e olha", pedi, sem respirar, "vai e olha: ele não está lá."

"Como você é boba, Merricat", ela disse.

Eu não podia correr; precisava ajudar Constance. Peguei meu copo e o estilhacei no chão. "Agora ele vai embora", declarei.

Constance veio até a mesa e se sentou à minha frente, a expressão muito séria. Eu queria dar a volta na mesa e abraçá-la, mas ela continuava sem cor. "Minha Merricat", ela falou devagar, "o primo Charles está aqui. Ele é nosso primo. Enquanto o pai dele estava vivo — era Arthur Blackwood, o irmão do pai — o primo Charles não podia vir nos ver, ou tentar nos ajudar, porque o pai dele não deixava. O pai dele", ela disse, e deu um leve sorriso, "pensava muito mal da gente. Ele se negou a tomar conta de você durante o julgamento, sabia? E não permitia que nossos nomes fossem mencionados na casa dele."

"Então por que você menciona o nome dele na nossa casa?"

"Porque estou tentando explicar. Assim que o pai dele morreu o primo Charles veio correndo nos ajudar."

"De que forma ele vai nos ajudar? Nós somos muito felizes, não somos, Constance?"

"Muito felizes, Merricat. Mas por favor seja simpática com o primo Charles."

Consegui respirar um pouco; tudo ficaria bem. Primo Charles era um fantasma, mas um fantasma que poderia ser afugentado. "Ele vai embora", eu disse.

"Imagino que o plano dele não seja ficar para sempre", disse Constance. "Ele só veio fazer uma visita, afinal."

Eu teria de achar algo, algum instrumento, para usar contra ele. "Tio Julian já viu ele?"

"Tio Julian sabe que ele está aqui, mas tio Julian estava se sentindo mal demais ontem à noite para sair do quarto. Ele comeu o jantar na bandeja, só um pouquinho de sopa. Fiquei contente quando ele pediu chá agora de manhã."

"Hoje a gente arruma a casa."

"Mais tarde, depois que o primo Charles acordar. E é bom eu varrer esses cacos de vidro antes de ele descer."

Fiquei observando-a varrer o vidro; hoje seria um dia cintilante, repleto de coisinhas brilhantes. Como não havia razão para apressar meu café da manhã, já que hoje eu só poderia sair depois que arrumássemos a casa, esperei, tomando leite devagarinho e olhando Jonas. Antes que eu terminasse tio Julian chamou Constance para ajudá-lo a se acomodar em sua cadeira, e ela o levou para a cozinha e o colocou diante de sua mesa e seus papéis.

"Eu realmente acho que eu devia começar o capítulo quarenta e quatro", ele disse, batendo as mãos. "Vou iniciar, penso eu, com um leve exagero e em seguida partir para uma mentira rematada. Constance, minha querida?"

"Pois não, tio Julian?"

"Vou falar que minha esposa era linda."

Todos nos calamos por um instante, intrigados com o ruído de um pé andando lá em cima onde antes sempre havia silêncio. Era desagradável, esse caminhar acima de nós. Constance sempre pisava com leveza, e tio Julian nunca andava; esses passos eram pesados e regulares e horríveis.

"É o primo Charles", anunciou Constance, olhando para cima.

"De fato", disse tio Julian. Foi cuidadoso ao arrumar um papel à sua frente e pegou um lápis. "Prevejo um deleite considerável a partir da convivência com o filho do meu irmão", ele disse. "Quem sabe ele não forneça alguns detalhes sobre o comportamento da família dele durante o julgamento. Embora, confesso, eu já tenha feito anotações em algum lugar sobre a possível conversa que talvez tenham travado…" Ele se voltou para um dos cadernos. "Desconfio que isso vá atrasar o capítulo quarenta e quatro."

Peguei Jonas e fui para o meu canto, e Constance foi ao corredor encontrar Charles quando ele desceu a escada. "Bom dia, primo Charles", ela disse.

"Bom dia, Connie." Era a mesma voz que ele usara na noite anterior. Eu me encolhi ainda mais no meu canto quando ela o trouxe para a cozinha, e tio Julian tocou nos papéis e virou o rosto para a porta.

"Tio Julian. Que prazer finalmente conhecê-lo."

"Charles. Você é o filho do Arthur, mas parece meu irmão John, já falecido."

"O Arthur também já é falecido. É por isso que estou aqui."

"Ele morreu rico, certo? Eu era o único irmão sem jeito para ganhar dinheiro."

"Na verdade, tio Julian, meu pai não deixou nada."

"Uma pena. O pai *dele* deixou uma quantia digna de nota. Foi uma quantia digna de nota, mesmo dividida entre nós três. Eu sempre soube que minha parte acabaria derretendo, mas não imaginaria que isso fosse acontecer ao meu irmão Arthur. Quem sabe sua mãe não era uma mulher extravagante? Não me lembro muito bem dela. Lembro que quando a minha sobrinha Constance escreveu para o tio durante o julgamento, foi a esposa dele quem respondeu pedindo que o laço familiar fosse rompido."

"Eu quis vir antes, tio Julian."

"Imagino. A juventude é sempre curiosa. E uma mulher com a enorme notoriedade da sua prima Constance seria percebida como uma figura romântica para um rapaz. Constance?"

"Pois não, tio Julian?"

"Eu já tomei o café da manhã?"

"Já."

"Então vou tomar outra xícara de chá. Este rapaz e eu temos muito o que discutir."

Eu continuava sem conseguir enxergá-lo com nitidez, talvez porque fosse um fantasma, talvez porque fosse tão grande. O enorme rosto redondo, tão parecido com o de nosso pai, virou-se de Constance para tio Julian e voltou, sorrindo e abrindo a boca para falar. Eu me escondi no meu canto da melhor forma possível, mas por fim o rosto enorme se voltou para mim.

"Olha, é a Mary", disse. "Bom dia, Mary."

Baixei a cabeça em direção ao Jonas.

"Tímida?", ele perguntou a Constance. "Não importa. As crianças sempre simpatizam comigo."

Constance riu. "Não vemos muita gente desconhecida", ela justificou. Não estava nem um pouco desajeitada ou desconfortável; era como se tivesse esperado a vida inteira pela chegada do primo Charles, como se tivesse planejado exatamente o que fazer e dizer, quase como se na casa de sua vida sempre tivesse existido um quarto reservado para o primo Charles.

Ele se levantou e se aproximou de mim. "É um belo gato", ele disse. "Ele tem nome?"

Jonas e eu o olhamos e então pensei que o nome de Jonas talvez fosse a coisa mais segura a lhe dizer primeiro. "Jonas", declarei.

"Jonas? Ele é seu bichinho de estimação?"

"É", respondi. Olhamos para ele, Jonas e eu, sem ousar piscar ou desviar o olhar. A enorme cara branca estava perto, ainda parecida com a de nosso pai, e a boca enorme sorria.

"Vamos ser bons amigos, você, Jonas e eu", ele disse.

"O que você vai querer de café da manhã?", Constance perguntou a ele, e sorriu para mim porque eu dissera a ele o nome de Jonas.

"O que você estiver servindo", ele disse, enfim tirando os olhos de cima de mim.

"Merricat comeu panqueca."

"Panqueca é uma ótima ideia. Um bom café da manhã em companhia agradável num belo dia; o que mais eu poderia querer?"

"Panqueca", observou tio Julian, "é um prato muito apreciado nesta família, embora eu mesmo raramente coma: minha saúde só admite os alimentos mais leves e saborosos. Panqueca foi a comida servida no café da manhã do último…"

"Tio Julian", interrompeu Constance, "seus papéis estão caindo no chão."

"Deixa que eu pego, senhor." Primo Charles se ajoelhou para recolher a papelada e Constance anunciou, "Depois do café você vai ver o meu jardim".

"Um cavalheiro", tio Julian disse, aceitando os papéis da mão de Charles. "Eu agradeço; não posso pular para o lado oposto do cômodo e me ajoelhar no chão e fico satisfeito de ver alguém que pode. Creio que você tenha coisa de um ano a mais que minha sobrinha?"

"Tenho trinta e dois", Charles disse.

"E a Constance tem aproximadamente vinte e oito. Faz muito tempo que abandonamos a observância de aniversários, mas deve ser mesmo vinte e oito. Constance, eu não devia falar tanto de barriga vazia. Cadê o meu café?"

"Você terminou de comer há uma hora, tio Julian. Estou fazendo uma xícara de chá para você e panqueca para o primo Charles."

"Charles é valente. A sua culinária, apesar de sem dúvida ser de altíssima qualidade, tem certas desvantagens."

"Não tenho medo de comer nada que a Constance faz", declarou Charles.

"Sério?", indagou tio Julian. "Eu lhe dou os parabéns. Estava me referindo ao impacto que um prato pesado como panqueca tende a causar em estômagos sensíveis. Imagino que a *sua* referência tenha sido a arsênico."

"Vem tomar seu café da manhã", Constance chamou.

Eu ria, embora Jonas escondesse meu rosto. Charles levou mais de meio minuto para pegar o garfo e não parava de sorrir para Constance. Por fim, ciente de que Constance e tio Julian e Jonas e eu o observávamos, ele cortou um pedacinho de panqueca e o levou em direção à boca, mas lhe faltava coragem de comê-lo. Por fim, deixou o garfo com o pedacinho de panqueca no prato e se virou para tio Julian. "Sabe, eu andei pensando", ele disse. "Quem sabe durante a minha estadia não tenha coisas que eu possa fazer por vocês — escavar o jardim, talvez, ou fazer coisas na rua. Sou muito bom no trabalho duro."

"Você jantou aqui ontem à noite e acordou vivo hoje", disse Constance; eu ria, mas de repente ela parecia quase zangada.

"O quê?", exclamou Charles. "Ah." Ele olhou para o garfo como se o tivesse esquecido e por fim o pegou e enfiou o pedaço de panqueca na boca rapidinho, e mastigou e engoliu e ergueu os olhos para Constance. "Uma delícia", elogiou, e Constance sorriu.

"Constance?"

"Pois não, tio Julian?"

"Não acho que devo, no final das contas, começar o capítulo quarenta e quatro hoje. Acho melhor retomar o capítulo dezessete, onde lembro de ter feito uma breve menção ao seu primo e à família dele, e a atitude deles durante o julgamento. Charles, você é um rapaz esperto. Estou ansioso para ouvir sua história."

"Faz tanto tempo", disse Charles.

"Você devia ter feito anotações", retrucou tio Julian.

"Quer dizer", Charles disse, "a gente não pode esquecer essa história toda? Não faz sentido manter essas lembranças vivas."

"Esquecer?", repetiu tio Julian. "Esquecer?"

"Foi uma época triste e horrível e não vai fazer bem nenhum à Connie ficar falando disso."

"Rapaz, creio que você esteja desdenhando do meu trabalho. Um homem não leva o trabalho na brincadeira. Um homem tem trabalho a fazer e faz. Lembre-se disso, Charles."

"Só estou falando que não quero falar da Connie e daquela época péssima."

"Eu vou ser obrigado a inventar, a romancear, a imaginar."

"Eu me recuso a continuar essa discussão."

"Constance?"

"Pois não, tio Julian?" Constance estava muito séria.

"Aconteceu *mesmo*? Eu lembro que aconteceu", questionou tio Julian, os dedos na boca.

Constance hesitou e depois disse, "É claro que sim, tio Julian".

"Minhas anotações…" A voz de tio Julian foi sumindo e ele fez um gesto em direção aos papéis.

"Sim, tio Julian. Foi de verdade."

Eu fiquei com raiva porque Charles precisava ser gentil com tio Julian. Lembrei que hoje deveria ser um dia de coisas que brilhavam e de luz, pensei em achar algo luminoso e belo para pôr ao lado da cadeira de tio Julian.

"Constance?"

"Pois não?"

"Posso ir lá fora? Estou bem agasalhado?"

"Acho que sim, tio Julian." Constance também estava pesarosa. Tio Julian balançava a cabeça para frente e para trás com tristeza e havia largado o lápis. Constance foi ao quarto de tio Julian e trouxe o xale, que pôs em seus ombros com toda a delicadeza. Agora Charles comia as panquecas com coragem e não erguia o olhar; fiquei me perguntando se ele se importava de não ter sido gentil com tio Julian.

"Agora você vai lá pra fora", Constance disse baixinho ao tio Julian, "o sol vai estar quentinho e o jardim iluminado e você vai almoçar fígado grelhado."

"Talvez não", disse tio Julian. "Talvez seja melhor eu comer só um ovo."

Constance o empurrou com carinho até a porta e moveu a cadeira vagarosamente na hora de descer os degraus. Charles tirou os olhos da panqueca, mas quando fez menção de se levantar para ajudar ela fez que não. "Vou botar você no seu cantinho especial", ela disse a tio Julian, "onde dá para eu te ver o tempo todo e vou acenar cinco vezes por hora."

Nós a escutávamos falar durante todo o tempo que empurrava tio Julian para o canto dele. Jonas me deixou e foi se sentar na porta e observá-los. "Jonas?", Charles chamou, e Jonas se virou para ele. "A prima Mary não gosta de mim", Charles disse a Jonas. Eu não gostava da maneira como falava com Jonas e não gostava do fato de que Jonas parecia prestar atenção nele. "O que eu posso fazer para a prima Mary gostar de

mim?", Charles perguntou, e Jonas me lançou um olhar ligeiro e voltou a mirar Charles. "Eu venho visitar as minhas duas primas queridas", explicou Charles, "minhas duas primas queridas e meu velho tio que não via há anos, e minha prima Mary não quer nem ser educada comigo. O que você acha, Jonas?"

A pia cintilava, uma gota d'água inchava antes de cair. Talvez se prendesse a respiração até a gota cair Charles fosse embora, mas eu sabia que não era verdade; prender a respiração era fácil demais.

"Bem", Charles disse a Jonas, "C*onstance* gosta de mim, e eu acho que é só isso que interessa."

Constance apareceu na porta, esperou Jonas se mexer e, como ele não se mexeu, passou por cima dele. "Mais panqueca?", ofereceu a Charles.

"Não, obrigado. Estou tentando conhecer melhor a minha priminha."

"Não vai levar muito tempo para ela se afeiçoar a você." Constance me olhava. Jonas tinha passado a se lavar, e por fim tive ideia do que dizer.

"Hoje a gente arruma a casa", declarei.

Tio Julian passou a manhã inteira dormindo no jardim. Constance volta e meia ia até a janela dos quartos dos fundos para dar uma olhada nele enquanto trabalhávamos e também parava, às vezes, com a flanela na mão, como se estivesse se esquecendo de voltar e tirar o pó da caixa de joias da nossa mãe, que abrigava as pérolas, e seu anel de safira, e o broche de diamantes. Só olhei pela janela uma vez, e vi tio Julian de olhos fechados e Charles de pé ao seu lado. Era feio pensar em Charles andando no meio das hortaliças e debaixo das macieiras e no gramado onde tio Julian dormia.

"Hoje a gente deixa pra lá o quarto do pai", anunciou Constance, "porque o Charles está morando nele." Um tempo depois ela disse, como se estivesse ponderando o assunto, "Me pergunto se seria correto eu usar as pérolas da mãe. Nunca usei pérolas".

"Elas sempre ficaram na caixa", respondi. "Você vai ter que tirar elas de lá."

"Como se alguém fosse se importar", disse Constance.

"*Eu* me importaria, se você ficasse mais bonita."

Constance riu, e disse, "Agora eu que sou a boba. Para que eu iria querer usar pérolas?".

"Elas ficam melhor na caixa, que é o lugar delas."

Charles tinha fechado a porta do quarto para que eu não pudesse olhar lá dentro, porém me perguntei se ele havia mexido nas coisas de nosso pai ou posto um chapéu ou lenço ou luva na cômoda, ao lado das escovas de prata de nosso pai. Questionei se ele teria espiado o armário ou as gavetas. O quarto dele ficava na parte da frente de casa, e eu imaginava se Charles tinha olhado para baixo através da janela e para o gramado e a longa rampa até a rodovia, e se tinha vontade de ir até a rodovia e ir embora para casa.

"Quanto tempo Charles levou para chegar aqui?", perguntei a Constance.

"Acho que umas quatro ou cinco horas", ela respondeu. "Ele chegou ao vilarejo de ônibus e veio andando até aqui."

"Então ele também vai levar umas quatro ou cinco horas para chegar em casa?"

"Imagino que sim. Quando for embora."

"Mas antes ele vai ter de ir andando até o vilarejo?"

"A não ser que você o leve no seu cavalo alado."

"Não tenho cavalo alado", retruquei.

"Ah, Merricat", disse Constance. "Charles *não* é um homem ruim."

Os espelhos cintilavam, e dentro da caixa de joias de nossa mãe os diamantes e as pérolas reluziam na escuridão. Constance projetava sombras de ambos os lados do corredor ao ir à janela para olhar tio Julian e lá fora as folhas jovens se mexiam rápido debaixo do sol. Charles só havia entrado porque a magia se rompera; se eu pudesse vedar de novo a proteção em torno de Constance e impedir a entrada de Charles ele teria de ir embora da casa. Cada toque que dera em nossa casa precisava ser apagado.

"Charles é um fantasma", declarei, e Constance suspirou.

Lustrei a maçaneta do quarto de nosso pai com a minha flanela e pelo menos um dos toques de Charles foi erradicado.

Depois de arrumarmos os quartos do segundo andar, descemos juntas, levando nossas flanelas e vassoura e pá e esfregão como um par de bruxas indo para casa. Na sala de visitas tiramos o pó das poltronas de pés dourados e da harpa, e tudo brilhava para nós, até o vestido azul no retrato de nossa mãe. Tirei o pó dos adornos tipo bolo de noiva com um pano na ponta da vassoura, cambaleante, olhando para cima e fingindo que o teto era o chão e eu varria, pairando em movimento no espaço, olhando para minha vassoura, leve e voadora, até o ambiente rodar vertiginosamente e eu estar de novo olhando do chão para cima.

"Charles ainda não conhece este cômodo", disse Constance. "A mãe se orgulhava tanto dele; eu tinha que ter mostrado a ele logo de cara."

"Posso almoçar sanduíche? Eu quero ir até o riacho."

"Mais cedo ou mais tarde você vai ter que se sentar à mesa com ele, Merricat."

"Hoje à noite, no jantar. Prometo."

Tiramos a poeira da sala de jantar e do aparelho de chá de prata e dos espaldares altos de madeira das cadeiras. De poucos em poucos minutos Constance ia à cozinha para olhar tio Julian pela porta dos fundos, e uma vez a escutei rir e pedir, "Cuidado com a lama aí embaixo", e soube que estava falando com Charles.

"Onde foi que você deixou o Charles sentar ontem à noite, no jantar?", perguntei de repente.

"Na cadeira do pai", ela respondeu, e em seguida, "Ele tem todo o direito de sentar ali. Ele é o convidado, e é até *parecido* com o pai."

"Ele vai se sentar lá esta noite?"

"Vai, Merricat."

Limpei bem a cadeira de nosso pai, embora fosse de pouca serventia já que Charles se sentaria nela outra vez de noite. Eu teria de limpar a prataria toda.

Quando acabamos de arrumar a casa voltamos à cozinha. Charles estava sentado à mesa fumando cachimbo e olhando para Jonas, que retribuía o olhar. A fumaça de cachimbo na nossa cozinha era desagradável, e eu não gostava que Jonas olhasse para Charles. Constance saiu pela porta dos fundos para pegar tio Julian, e o ouvimos dizer, "Dorothy? Eu não estava dormindo, Dorothy".

"A prima Mary não gosta de mim", Charles comentou com Jonas novamente. "Fico me perguntando se a prima Mary sabe como é que eu acerto as contas com quem não gosta de mim. Posso ajudar com a cadeira, Constance? O cochilo foi bom, tio?"

Constance preparou sanduíches para Jonas e para mim, e os comemos em uma árvore: me sentei em uma forquilha baixa e Jonas se acomodou em um galhinho ao meu lado, de olho nos pássaros.

"Jonas", eu disse a ele, "você não dê mais ouvidos ao primo Charles", e Jonas me fitou numa estupefação de olhos arregalados, pois eu tentava tomar decisões por ele. "Jonas", expliquei, "ele é um fantasma", e Jonas fechou os olhos e virou a cara.

Era importante escolher o instrumento exato para afugentar Charles. Uma magia imperfeita, ou usada de forma incorreta, só poderia causar mais desastres à nossa

casa. Pensei nas joias de minha mãe, visto que este era o dia de dar brilho às coisas, mas talvez elas não fossem tão fortes em um dia opaco, e Constance se zangaria se eu as tirasse da caixa em que deveriam ficar, se ela mesma havia se decidido contra. Pensei nos livros, sempre muito protetores, mas o livro de meu pai havia caído da árvore e permitido a entrada de Charles: talvez, então, os livros fossem impotentes contra Charles. Então me recostei no tronco da árvore e pensei em magia: caso Charles não tivesse partido dali a três dias eu estilhaçaria o espelho do hall.

Ele se sentou à minha frente no jantar, na cadeira de nosso pai, com sua enorme cara branca encobrindo a prataria no bufê às suas costas. Ele ficou olhando Constance cortar o frango de tio Julian e colocá-lo da maneira certa no prato, e observou quando tio Julian deu a primeira garfada e revirou a comida na boca várias vezes.

"Aqui um pãozinho, tio Julian", disse Constance. "Come o miolo que é molinho."

Constance tinha se esquecido e colocado molho na minha salada, mas de qualquer modo eu não comeria com aquela enorme cara branca me assistindo. Jonas, proibido de comer frango, estava sentado no chão ao lado da minha cadeira.

"Ele sempre come com vocês?", Charles perguntou, indicando tio Julian com a cabeça.

"Quando ele se sente bem o suficiente", respondeu Constance.

"Não sei como você aguenta", disse Charles.

"Pois eu te digo, John", de repente tio Julian disse a Charles, "os investimentos já não são o que eram na época em que o pai ganhou o dinheiro dele. Ele era um sujeito sagaz, mas nunca entendeu que as coisas mudam."

"Com quem é que ele está falando?", Charles perguntou a Constance.

"Ele acha que você é o irmão dele, John."

Charles passou um longo minuto encarando tio Julian, depois balançou a cabeça e voltou para o frango.

"Essa cadeira à sua esquerda era a da minha finada esposa, rapaz", declarou tio Julian. "Eu me lembro muito bem da última vez que ela se sentou aí; nós…"

"Nada disso", decretou Charles, e ele ergueu o dedo para tio Julian; ele segurava o frango com as mãos para comê-lo, e os dedos brilhavam por conta da gordura. "Nós não vamos mais falar disso, tio."

Constance estava satisfeita comigo porque eu tinha me sentado à mesa e quando eu olhava em sua direção ela sorria. Sabia que eu não gostava de comer na frente de

ninguém, e guardou meu prato e me serviria na cozinha depois; ela não se lembrava, eu percebia, de que tinha botado molho na minha salada.

"Reparei hoje de manhã", disse Charles, fitando a travessa de frango e examinando-a com atenção, "que tem um degrau quebrado lá nos fundos. Que tal eu arrumar para vocês um dia desses? Seria bom eu fazer jus à minha estadia."

"Seria muita gentileza da sua parte", respondeu Constance. "Aquele degrau é um estorvo já faz bastante tempo."

"E eu quero ir ao vilarejo comprar tabaco para o meu cachimbo, então posso comprar o que vocês precisarem."

"Mas eu vou ao vilarejo na terça-feira", expliquei, espantada.

"Vai?" Ele me olhou do lado oposto da mesa, a enorme cara branca virada direto para mim. Fiquei calada; lembrei que andar até o vilarejo era o primeiro passo no caminho de Charles de volta para casa.

"Merricat, minha querida, acho que se Charles não se importar a ideia pode ser boa. Nunca fico totalmente tranquila enquanto você está no vilarejo." Constance riu. "Vou te dar a lista, Charles, e o dinheiro, e você vai ser o entregador das compras."

"Você guarda dinheiro em casa?"

"É claro."

"Não me parece muito sensato."

"Está no cofre do pai."

"Mesmo assim."

"Eu te garanto, senhor", tio Julian disse, "fiz questão de examinar os livros a fundo antes de me comprometer. Não existe possibilidade de eu ter sido enganado."

"Então estou tirando a tarefa da priminha Mary", disse Charles, me encarando de novo. "Você vai ter que achar alguma outra coisa para ela fazer, Connie."

Eu tinha verificado o que dizer a ele antes de ir para a mesa. "A *Amanita phalloides*", eu lhe disse, "tem três toxinas diferentes. Tem a amanita, que age devagar e é a mais potente. Tem a faloidina, que tem ação imediata, e tem a falina, que dissolve os glóbulos vermelhos, embora seja a menos potente. Os primeiros sintomas só aparecem de sete a doze horas após a ingestão, em certos casos só após vinte e quatro ou até mesmo quarenta horas. Os sintomas começam com dores estomacais lancinantes, calafrios, vômito…"

"Escuta", disse Charles. Ele deixou o frango no prato. "Você pare com isso",

ordenou.

Constance ria. "Ah, Merricat", ela disse, rindo entre uma palavra e outra, "você é boba *mesmo*. Ensinei a ela", explicou a Charles, "que tem cogumelos perto do riacho e no campo e fiz com que aprendesse quais são os que matam. Ah, Merricat."

"A morte ocorre de cinco a dez dias após a ingestão", concluí.

"Não vejo muita graça nisso", disse Charles.

"Como você é boba, Merricat", disse Constance.

6

A casa não estava segura só porque Charles tinha saído para ir ao vilarejo; em primeiro lugar, Constance lhe dera a chave do portão. No começo havia uma chave para cada um de nós; nosso pai tinha uma chave, e nossa mãe, e as chaves eram deixadas em uma prateleira ao lado da porta da cozinha. Quando Charles partiu em direção ao vilarejo, Constance lhe deu uma chave, talvez a chave de nosso pai, e uma lista de compras, e o dinheiro para pagar o que ele compraria.

"Você não devia guardar dinheiro em casa desse jeito", ele recomendou, segurando-o com força na mão por um instante antes de enfiar a mão no bolso de trás e pegar a carteira. "Mulheres sozinhas que nem vocês não deviam guardar dinheiro dentro de casa."

Eu o observava do meu canto na cozinha, mas não deixava Jonas se aproximar de mim enquanto Charles estivesse em casa. "Tem certeza de que anotou tudo?", ele perguntou a Constance. "Detesto fazer duas viagens."

Esperei Charles estar bem longe, talvez quase chegando à pedra preta, e então disse, "Ele esqueceu os livros da biblioteca".

Constance me encarou por um tempo. "Dona Malvadeza", repreendeu. "Você queria que ele esquecesse."

"Como é que ele saberia dos livros da biblioteca? O lugar dele não é nesta casa; ele não tem nada a ver com os nossos livros."

"Você sabia", disse Constance, olhando dentro do bule sobre o fogão, "eu acho que daqui a pouco a gente vai poder colher alface; o clima continuou bem quente."

"Na lua", comecei, e então parei.

"Na lua", Constance repetiu, virando-se para me dar um sorriso, "tem alface o ano inteiro, não é?"

"Na lua a gente tem tudo. Alface, e torta de abóbora e *Amanita phalloides*. Tem plantas com pelugem de gato e cavalos dançando com as asas. Todas as trancas são

fortes e bem fechadas e não existe fantasma. Na lua o tio Julian ficaria bem e o sol brilharia todos os dias. Você usaria as pérolas da nossa mãe e cantaria, e o sol brilharia o tempo todo."

"Queria poder ir à sua lua. Será que devo começar a fazer o biscoito de gengibre agora? Vai esfriar se o Charles demorar."

"Eu vou estar aqui para comer", anunciei.

"Mas o Charles falou que adora biscoito de gengibre."

Eu construía uma casinha em cima da mesa com os livros da biblioteca, apoiando um deitado sobre a beirada de outros dois. "Bruxa velha", eu disse, "você tem uma casa de biscoito de gengibre."

"Não tenho, não", disse Constance. "Tenho uma casa linda onde moro com a minha irmã Merricat."

Ri dela: estava preocupada com o bule no fogão e tinha farinha no rosto. "Quem sabe ele não volta nunca mais", eu disse.

"Ele tem que voltar; vou fazer biscoito de gengibre para ele."

Como Charles se apropriara da minha função nas manhãs de terça eu fiquei sem ter o que fazer. Pensei em ir até o riacho, mas não tinha nenhum motivo para imaginar que o riacho sequer estaria lá, já que nunca o visitava nas manhãs de terça; será que as pessoas do vilarejo estariam me esperando, lançando olhares para ver se eu estava chegando, trocando cutucadas, e então se virariam estupefatas ao avistar Charles? Será que o vilarejo inteiro iria hesitar e desacelerar, perplexo ante a falta da srta. Mary Katherine Blackwood? Soltei uma risadinha ao pensar em Jim Donell e nos meninos da família Harris espiando a rua com ansiedade para ver se eu estava chegando.

"Qual é a graça?", Constance perguntou, virando-se para ver.

"Estava pensando que você podia fazer um homenzinho de gengibre e eu poderia dar o nome de Charles e comê-lo."

"Ah, Merricat, *faça-me o favor*."

Dava para perceber que Constance ia ficar irritada, um tanto por minha causa e um tanto por causa do gengibre, então achei melhor fugir. Já que era uma manhã livre, e me causava apreensão atravessar as portas, poderia ser um bom momento para procurar um instrumento para usar contra Charles, e parti escada acima; o cheiro dos biscoitos de gengibre no forno me seguiu até quase a metade do caminho. Charles havia deixado sua porta aberta, não escancarada, mas o bastante para eu conseguir

enfiar minha mão.

Quando empurrei um pouquinho a porta se abriu toda e olhei o quarto de nosso pai, que agora era de Charles. Ele tinha arrumado a cama, reparei; a mãe devia ter ensinado. A mala estava em cima de uma cadeira, mas fechada; havia objetos dele na cômoda em que os pertences de nosso pai sempre haviam ficado; vi o cachimbo de Charles, e um lenço, coisas que Charles havia tocado e usado, sujando o quarto de nosso pai. Uma gaveta da cômoda estava um pouco aberta e pensei de novo em Charles revirando as roupas de nosso pai. Andei de fininho pelo quarto porque não queria que Constance me ouvisse lá embaixo, e olhei na gaveta aberta. Imaginei que Charles não ficaria contente em saber que o peguei examinando os objetos de nosso pai, e algo daquela gaveta talvez tivesse um poder extraordinário, já que estaria carregado da culpa de Charles. Não me surpreendi ao descobrir que ele andava olhando as joias de nosso pai; dentro da gaveta havia uma caixa de couro que abrigava, eu sabia, um relógio e uma corrente feita de ouro, além de abotoaduras, e um anel de sinete. Eu não encostaria nas joias de nossa mãe, mas Constance não disse nada sobre as joias de nosso pai, não tinha nem entrado naquele quarto para arrumá-lo, então pensei em abrir a caixa e tirar alguma coisa. O relógio estava ali, numa caixinha própria, apoiado num forro de cetim e sem funcionar, e a corrente do relógio estava enrolada ao lado. Eu não encostaria no anel; a ideia de um anel em torno do meu dedo sempre me deu a sensação de estar amarrada com força, pois anéis não tinham abertura para escapar, mas gostava da corrente do relógio, que retorcia e enroscava na minha mão quando eu a segurava. Devolvi a caixa de joias à gaveta com cuidado, e fechei a gaveta, e saí do quarto, e fechei a porta, e levei a corrente do relógio para o meu quarto, onde ela tornou a se enrolar sobre o travesseiro em uma pilha dourada adormecida.

Minha intenção era enterrá-la, mas tive pena quando pensei em quanto tempo ficara ali na escuridão da caixa na gaveta de nosso pai, e pensei que ela havia conquistado um lugar alto, onde poderia brilhar ao sol, e resolvi pregá-la à árvore da qual o livro caíra. Enquanto Constance fazia biscoito de gengibre na cozinha e tio Julian dormia no quarto e Charles entrava e saía de lojas do vilarejo, eu estava deitada na minha cama brincando com a minha corrente de ouro.

"Essa é a corrente de ouro do relógio do meu irmão", reconheceu tio Julian, se inclinando para a frente com curiosidade. "Imaginei que ele tivesse sido enterrado

com ela."

A mão de Charles tremia quando ele a esticou; dava para ver o tremor contra o amarelo da parede às suas costas. "Numa árvore", ele comentou, a voz também trêmula. "Achei pregada a uma árvore, pelo amor de Deus. Que tipo de casa *é* esta?"

"Não tem importância", disse Constance. "Sério, Charles, não tem importância."

"Não tem importância? Connie, esse treco é feito de *ouro*."

"Mas ninguém quer."

"Uma das argolas está amassada", Charles disse, lamentando-se pela corrente. "Eu poderia ter usado; que jeito infernal de tratar um objeto valioso. A gente poderia ter vendido", disse a Constance.

"Mas por quê?"

"Eu não tinha dúvida de que ele tinha sido enterrado com ela", disse tio Julian. "Ele nunca foi de dar as coisas fácil assim. Imagino que nunca ficou sabendo que eles tinham guardado isso pra ele."

"Vale dinheiro", disse Charles, explicando cuidadosamente a Constance. "É uma corrente de relógio de ouro, é possível que valha uma boa grana. Quem é sensato não sai por aí pregando objetos valiosos como esse em árvores."

"O almoço vai esfriar se você ficar aí se preocupando com isso."

"Vou botar ela de volta na caixa, que é o lugar dela", declarou Charles. Ninguém além de mim reparou que ele sabia onde estivera guardada. "Mais tarde", ele disse, olhando para mim, "a gente descobre como é que foi parar na árvore."

"Foi a Merricat quem pôs lá", esclareceu Constance. "Por favor, senta para almoçar."

"Como é que você sabe? Sobre Mary?"

"Ela sempre faz isso." Constance sorriu para mim. "Como você é boba, Merricat."

"Faz mesmo?", disse Charles. Ele se aproximou devagar da mesa, me encarando.

"Ele era um homem muito apegado a si mesmo", disse tio Julian. "Dado a se enfeitar, e não muito asseado."

A cozinha estava silenciosa; Constance estava no quarto de tio Julian, colocando-o na cama para o cochilo da tarde. "Para onde a pobre prima Mary iria se a irmã botasse ela pra fora?", Charles perguntou a Jonas, que escutou silenciosamente. "O que a pobre prima Mary faria se Constance e Charles não a amassem?"

Não sei por que me pareceu que eu poderia simplesmente pedir para Charles ir embora. Talvez eu achasse que precisaria lhe pedir educadamente apenas uma vez;

talvez a ideia de ir embora simplesmente não tivesse lhe passado pela cabeça e fosse necessário incuti-la. Resolvi que pedir a Charles que fosse embora seria a próxima medida a tomar, antes que estivesse por todos os cantos da casa e se tornasse impossível de erradicar. A casa já tinha o cheiro dele, de seu cachimbo e sua loção de barbear, os ruídos dele ecoavam nos cômodos o dia inteiro; o cachimbo às vezes estava em cima da mesa da cozinha e as luvas ou a bolsinha de fumo ou as constantes caixas de fósforos se espalhavam nos nossos cômodos. Ele ia ao vilarejo todas as tardes e voltava com jornais que deixava em qualquer lugar, até mesmo na cozinha, onde Constance poderia vê-los. Uma faísca do cachimbo tinha deixado uma queimadura pequenina no brocado de rosas de uma poltrona da sala de visitas; Constance não havia reparado, e pensei em não lhe contar porque esperava que a casa, machucada, o rejeitaria por conta própria.

"Constance", chamei em uma manhã radiante; calculei que fazia três dias que Charles estava na nossa casa; "Constance, ele falou alguma coisa sobre ir embora?"

Ela se aborrecia cada vez mais comigo quando eu queria que Charles fosse embora; antes Constance sempre ouvia e sorria e se zangava apenas quando Jonas e eu éramos maldosos, mas agora ela volta e meia me franzia a testa, como se de algum modo eu lhe parecesse diferente. "Já te falei", ela me disse, "já te falei várias vezes que não quero mais ouvir bobagens sobre Charles. Ele é nosso primo e foi convidado a nos visitar e provavelmente vai embora quando se sentir pronto para ir."

"Ele deixa o tio Julian mais indisposto."

"Ele só está tentando impedir que o tio Julian pense em coisas tristes o tempo todo. E eu concordo com ele. O tio Julian devia se animar."

"Por que ele devia se animar se vai morrer?"

"Não tenho cumprido meu dever", afirmou Constance.

"Não entendo o que você está querendo dizer."

"Fico escondida aqui", Constance disse devagar, como se não tivesse muita certeza da ordem certa das palavras. Ficou parada ao lado do fogão ao sol com cor no cabelo e nos olhos e sem sorrir, e disse devagar, "Deixei o tio Julian passar o tempo todo vivendo no passado e sobretudo revivendo aquele dia horrível. Deixei você correr solta; quanto tempo faz que não penteia o cabelo?"

Não podia me permitir ficar brava, e principalmente ficar brava com Constance, mas desejei a morte de Charles. Constance precisava de mais proteção do que nunca,

e se eu ficasse brava e desviasse o olhar ela poderia muito bem se perder. Eu disse com muito cuidado, "Na lua…".

"Na lua", Constance disse, e eu dei uma risada desagradável. "Foi tudo culpa minha", ela declarou. "Não me dei conta de como estava errada, deixando as coisas rolarem sem freio porque queria me esconder. Não foi justo nem com você nem com o tio Julian."

"E Charles também está consertando o degrau quebrado?"

"Tio Julian devia estar no hospital, com enfermeiras para cuidar dele. E você…" Ela de repente arregalou os olhos, como se tornasse a ver sua antiga Merricat, e então esticou os braços para mim. "Ah, Merricat", ela disse, e soltou uma risadinha. "Olha só eu te repreendendo; que boba eu sou."

Eu me aproximei e a envolvi com os braços. "Eu te amo, Constance."

"Você é uma boa menina, Merricat", ela disse.

Foi então que larguei dela e fui lá fora conversar com Charles. Eu sabia que não gostaria de conversar com ele, mas era quase tarde demais para pedir educadamente e achava que devia pedir uma vez só. Até o jardim tinha virado uma paisagem estranha com a presença de Charles nele; eu o via parado debaixo das macieiras e as árvores pareciam tortas e pequenas ao lado dele. Saí pela porta da cozinha e andei devagar até ele. Tentava pensar bem de Charles, já que se não fosse assim nunca conseguiria falar com gentileza, mas sempre que pensava em sua enorme cara branca me lançando um largo sorriso do outro lado da mesa ou me observando sempre que me mexia tinha vontade de bater nele até que fosse embora, tinha vontade de pisoteá-lo depois que estivesse morto, e vê-lo caído morto na grama. Portanto tornei minha mente benevolente em relação a Charles e me aproximei dele devagar.

"Primo Charles?", chamei, e ele se virou para me olhar. A imagem dele morto me veio à cabeça. "Primo Charles?"

"Oi?"

"Resolvi te pedir para por favor ir embora."

"Tudo bem", ele disse. "Você pediu."

"Você por favor vai embora?"

"Não", ele respondeu.

Não consegui pensar em nada mais a dizer. Reparei que usava a corrente de relógio de ouro de nosso pai, mesmo com a argola torta, e eu soube sem ver que o relógio do

nosso pai estava em seu bolso. Pensei que amanhã estaria usando o anel de sinete de nosso pai, e fiquei pensando se faria Constance botar as pérolas de nossa mãe.

"Fica longe do Jonas", ordenei.

"A bem da verdade", ele disse, "daqui a um mês, quem será que ainda *vai* estar aqui? Você", ele disse, "ou eu?"

Voltei correndo para casa e fui direto para o quarto de nosso pai, onde martelei com um sapato o espelho em cima da cômoda até ele rachar de ponta a ponta. Depois fui para o meu quarto e deitei a cabeça no peitoril da janela e dormi.

Nessa época estava me lembrando de ser mais gentil com tio Julian. Estava triste porque ele passava cada vez mais tempo no quarto, tomando o café da manhã e também almoçando na bandeja e comendo apenas a janta na sala sob o olhar desdenhoso de Charles.

"Não dá pra você dar comida pra ele ou coisa assim?", Charles perguntou a Constance. "Ele está todo sujo de comida."

"Não era minha intenção", disse tio Julian, olhando para Constance.

"Tem que usar um babador", decretou Charles, aos risos.

Enquanto Charles estava sentado na cozinha pela manhã, comendo muito presunto e batata e ovos fritos e pãezinhos quentes e rosquinhas e torradas, tio Julian cochilava no quarto diante do leite quente e às vezes, quando chamava Constance, Charles dizia, "Fala pra ele que você está ocupada; você não tem que ir correndo sempre que ele molha a cama; ele gosta é de ser servido".

Eu sempre tomava o café da manhã antes de Charles naquelas manhãs ensolaradas, e se ele descesse antes de eu terminar, levava o meu prato para fora e me sentava no gramado sob o castanheiro. Uma vez levei para o tio Julian uma nova folha do castanheiro e a coloquei no peitoril de sua janela. Parei lá fora, embaixo do sol, e olhei para ele deitado no quarto escuro e tentei pensar em maneiras de ser mais gentil. Pensei nele deitado ali sozinho, sonhando sonhos do velho tio Julian, e fui à cozinha e disse a Constance, "Você pode fazer um bolinho macio para o tio Julian comer no almoço?".

"Ela está ocupada demais", Charles declarou de boca cheia. "Sua irmã trabalha que nem uma escrava."

"Pode fazer?", perguntei a Constance.

"Desculpe", respondeu Constance. "Tenho muita coisa pra fazer."

"Mas o tio Julian vai morrer."

"A Constance está muito ocupada", disse Charles. "Vai embora, vai brincar."

Segui Charles uma tarde em que ele foi ao vilarejo. Parei junto à pedra preta, já que não era um dos meus dias de ir ao vilarejo, e observei Charles percorrer a rua principal. Ele parou e conversou um minutinho com Stella, parada sob a luz do sol em frente à cafeteria, e ele comprou um jornal; quando o vi se sentar no banco com os outros homens dei meia-volta e fui para casa. Se eu fosse ao vilarejo para fazer compras outra vez, Charles seria um dos sujeitos que assistiria à minha passagem. Constance mexia no jardim e tio Julian dormia na cadeira ao sol, e quando me sentei no meu banco em silêncio Constance indagou, sem olhar para mim, "Por onde você andava, Merricat?".

"Passeando. Cadê o meu gato?"

"Eu acho", disse Constance, "que nós vamos ter que te proibir de passear. Está na hora de você sossegar um pouco."

"Esse 'nós' quer dizer você e Charles?"

"Merricat." Constance se virou para mim, sentando-se sobre os calcanhares e entrelaçando as mãos à frente do corpo. "Até pouco tempo atrás eu nunca tinha me dado conta do erro que cometi ao deixar que você e tio Julian se escondessem aqui comigo. A gente devia ter encarado o mundo e tentado levar uma vida normal; tio Julian devia ter passado esses anos todos no hospital, com boa assistência e enfermeiras para ajudar. A gente devia ter vivido que nem as outras pessoas. Você deveria..." Ela se calou e abanou as mãos, indefesa. "Você deveria ter amigos homens", disse por fim, e então caiu na risada porque soava engraçado até mesmo para ela.

"Eu tenho Jonas", retruquei, e nós duas rimos e tio Julian acordou de repente e deu uma risada que parecia um cacarejo fino.

"Você é a pessoa mais boba que já vi na vida", eu disse a Constance, e saí para procurar Jonas. Enquanto eu perambulava Charles voltou à nossa casa; trouxe o jornal e uma garrafa de vinho para o jantar e o lenço de nosso pai que eu usava para amarrar o portão com firmeza, visto que Charles tinha a chave.

"Eu poderia ter usado esse lenço", ele reclamou com irritação, e o escutei da horta, onde achei Jonas dormindo em um emaranhado de brotos de alface. "É uma peça

cara, e eu gostei das cores."

"Era do pai", Constance explicou.

"E falando nisso", aproveitou Charles. "Um dia desses eu quero dar uma olhada no resto das roupas dele." Ele se calou por um minuto; imaginei que provavelmente estivesse se sentando no meu banco. Então prosseguiu, calmamente. "E também", ele disse, "já que estou aqui, preciso examinar a papelada do seu pai. Pode ser que tenha alguma coisa importante."

"Não a *minha* papelada", tio Julian retrucou. "Esse rapaz não vai encostar o dedo na *minha* papelada."

"Ainda nem vi o escritório do seu pai", Charles comentou.

"A gente não usa. A gente não toca em nada que tem lá."

"A não ser o cofre, claro", acrescentou Charles.

"Constance?"

"Pois não, tio Julian?"

"Eu quero que depois você fique com a minha papelada. Ninguém mais deve encostar na minha papelada, está entendendo?"

"Sim, tio Julian."

Eu não tinha permissão para abrir o cofre em que Constance guardava o dinheiro de nosso pai. Tinha permissão para entrar no escritório, mas eu não gostava e nem sequer tocava na maçaneta. Esperava que Constance não abrisse o escritório para Charles; ele já tinha o quarto de nosso pai, afinal, e o relógio de nosso pai e sua corrente de ouro e seu anel de sinete. Eu estava ponderando que ser um demônio e um fantasma devia ser bem difícil, mesmo para Charles; se ele acabasse esquecendo, ou deixasse a máscara cair por um instante, seria logo reconhecido e mandado embora; precisava tomar o cuidado extremo de usar sempre a mesma voz e apresentar o mesmo rosto e a mesma postura sem nenhuma derrapada; precisava estar sempre atento para não se trair. Eu ficava imaginando se ele retomaria sua verdadeira forma quando morresse. Quando esfriou e percebi que Constance levaria tio Julian para dentro, deixei Jonas dormindo no maço de alface e voltei para casa. Quando entrei na cozinha tio Julian estava ensandecido mexendo nos papéis em cima da mesa, tentando juntá-los numa pilha, e Constance descascava batatas. Dava para escutar Charles se movimentando lá em cima, e por um instante a cozinha ficou quentinha e radiante e clara.

"Jonas está dormindo na alface", comentei.

"Não tem nada mais gostoso do que pelo de gato na minha salada", Constance disse em tom afável.

"Já passou da hora de eu ter uma caixa", tio Julian anunciou. Recostou-se e olhou com raiva para os papéis. "Isso tudo tem de ser posto numa caixa neste minuto. Constance?"

"Pois não, tio Julian; vou achar uma caixa para você."

"Se eu botar todos os meus papéis em uma caixa e botar a caixa no meu quarto, aquele rapaz horrível não vai ter como encostar neles. Ele é um rapaz horrível, Constance."

"Na verdade, tio Julian, o Charles é muito agradável."

"Ele é desonesto. O pai dele era desonesto. Meus dois irmãos eram desonestos. Se ele tentar pegar os meus papéis você tem de impedir; não posso permitir que mexam com meus papéis e não vou tolerar intrusões. Você tem de avisar para ele, Constance. Ele é um canalha."

"Tio Julian…"

"No sentido puramente metafórico, posso lhe garantir. Meus dois irmãos casaram com mulheres muitíssimo cabeças-duras. Trata-se apenas de uma palavra usada — entre os homens, minha querida; peço desculpas por sujeitá-la a uma palavra dessas — para classificar um sujeito indesejável."

Constance se virou sem falar e abriu a porta que dava para a escada do porão e as fileiras e mais fileiras de alimentos em conserva bem lá no fundo de nossa casa. Desceu a escada sem fazer barulho, e ouvíamos Charles se mexendo lá em cima e Constance se mexendo lá embaixo.

"Guilherme de Orange era um canalha", tio Julian falou sozinho; pegou um pedacinho de papel e fez uma anotação. Constance voltou do porão com uma caixa trazida para tio Julian. "Aqui uma caixa limpa", ela disse.

"Para quê?", tio Julian indagou.

"Para você guardar seus papéis."

"Aquele rapaz não pode tocar na minha papelada, Constance. Não vou admitir que aquele rapaz mexa na minha papelada."

"É tudo minha culpa", Constance decretou, virando-se para mim. "Ele devia estar num hospital."

"Vou botar minha papelada nessa caixa, Constance, minha querida, se você fizer a bondade de entregá-la para mim."

"Ele se diverte um pouco", eu disse a Constance.

"Eu devia ter feito tudo diferente."

"Não teria sido gentil botar o tio Julian num hospital."

"Mas eu vou ter que botar se eu…" e Constance se calou de repente e tornou a se concentrar na pia e nas batatas. "Ponho nozes no molho de maçã?", ela perguntou.

Fiquei bem quieta, prestando atenção ao que ela quase disse. O tempo se esgotava, se contraía em torno de nossa casa, me esmagando. Imaginei que seria a hora de estraçalhar o espelho grande do hall, mas os pés de Charles desciam pesadamente a escada e atravessavam o corredor e adentravam a cozinha.

"Ora, ora, está todo mundo aqui", ele disse. "O que vai ter para o jantar?"

Naquela noite Constance tocou para nós na sala de visitas, a curva alta da harpa lançando sombras no retrato de nossa mãe e as notas suaves se espalhando no ar feito pétalas. Ela tocou "Over the Sea to Skye" e "Flow Gently, Sweet Afton" e "I Saw a Lady", além de outras canções que nossa mãe tocava, mas eu não lembro dos dedos de nossa mãe encostarem nas cordas com tanta leveza, com tanto respiro na melodia. Tio Julian se manteve desperto, ouvindo e sonhando, e nem mesmo Charles teve a audácia de pôr os pés em cima da mobília na sala de visitas, embora a fumaça do cachimbo vagueasse contra o teto de bolo de noiva e ele se remexesse enquanto Constance tocava.

"Que toque delicado", tio Julian comentou uma vez. "Todas as mulheres da família Blackwood tinham talento no toque."

Charles parou ao lado da lareira para bater o cachimbo na grade. "Uma beleza", elogiou, pegando uma das estatuetas de Dresden. Constance parou de tocar, e ele se virou para olhá-la. "É valiosa?"

"Não muito", disse Constance. "Minha mãe gostava delas."

Tio Julian disse, "A minha predileta sempre foi 'Bluebells of Scotland'; Constance, minha querida, você poderia…".

"Agora não", Charles disse. "Agora Constance e eu queremos conversar, tio. Temos planos para traçar."

7

Quinta-feira era o dia em que eu tinha mais energia. Era o dia certo para me resolver com Charles. De manhã Constance decidiu fazer biscoitos condimentados para o jantar; era uma pena, pois se algum de nós soubesse disso poderia ter lhe dito que não se desse ao trabalho, que quinta-feira seria o último dia. Nem mesmo tio Julian desconfiou, entretanto; ele se sentiu um pouco mais forte ao despertar na quinta-feira, e no final da manhã Constance o levou à cozinha, que cheirava bastante a biscoitos condimentados, e ele continuou a botar sua papelada na caixa. Charles pegara o martelo e achara pregos e uma tábua e martelava sem dó nem piedade o degrau quebrado; da janela da cozinha dava para ver que se saía muito mal e fiquei satisfeita; desejei que o martelo golpeasse seu dedão. Permaneci na cozinha até ter certeza de que todos ficariam onde estavam por um tempo e então subi a escada e entrei no quarto de nosso pai, andando de fininho para que Constance não notasse que eu estava ali. A primeira atitude a tomar era parar o relógio de nosso pai, no qual Charles deu corda. Sabia que não o estava usando enquanto arrumava o degrau quebrado porque não estava de corrente, e achei o relógio e a corrente e o anel de sinete no quarto de nosso pai junto com a bolsinha de tabaco de Charles e quatro caixinhas de fósforos. Não tinha permissão para tocar em fósforos, mas de qualquer modo não teria tocado nos fósforos de Charles. Peguei o relógio e escutei seu tique-taque, porque Charles dera corda; eu não podia fazê-lo voltar totalmente para onde estava antes porque ele o mantivera funcionando fazia dois ou três dias, mas girei a coroa para trás até ouvir um estalidozinho queixoso do relógio e o tique-taque cessou. Quando tive a certeza de que ele jamais conseguiria fazê-lo tiquetaquear outra vez, coloquei-o com delicadeza onde o havia encontrado; uma coisa, pelo menos, foi liberada do feitiço de Charles, e pensei que eu enfim tinha rompido sua tensa pele de invulnerabilidade. Não precisava me preocupar com a corrente, que estava quebrada, e não gostava do anel. Eliminar Charles de tudo o que ele havia tocado era quase

impossível, mas me parecia que caso alterasse o quarto de nosso pai, e talvez depois a cozinha e a sala de visita e o escritório, e para concluir o jardim, Charles se perderia, isolado do que reconhecia, e teria de admitir que essa não era a casa que tinha vindo visitar e assim teria de ir embora. Alterei o quarto de nosso pai bem rápido e quase sem fazer barulho.

Durante a noite eu tinha saído no escuro e trazido uma enorme cesta cheia de pedaços de madeira, galhos quebrados, folhas e cacos de vidro e metal do campo e do bosque. Jonas foi e voltou comigo, divertindo-se com a nossa caminhada silenciosa enquanto todos dormiam. Quando alterei o quarto de nosso pai tirei os livros da escrivaninha e as cobertas da cama, e pus meus vidros e metais e madeiras e galhos e folhas nos espaços vazios. Como não podia botar os objetos que foram de nosso pai no meu quarto, carreguei-os escada acima sem fazer barulho, até o sótão, onde todos os outros pertences dele eram guardados. Derramei um jarro de água na cama de nosso pai: Charles não poderia mais dormir ali. O espelho sobre a cômoda já estava estilhaçado: não refletiria Charles. Ele não seria capaz de achar livros ou roupas e ficaria perdido em um quarto de folhas e galhos quebrados. Arranquei as cortinas e as joguei no chão: agora Charles teria de olhar lá para fora e ver a rampa que ia para longe e depois a estrada.

Olhei o quarto com deleite. Um demônio-fantasma não teria facilidade em ficar ali. Eu estava de volta ao meu quarto, deitada na cama e brincando com Jonas quando escutei Charles lá embaixo, no jardim, gritando para Constance. "Já chega", ele dizia, "já chega mesmo."

"O que foi agora?", Constance indagou; ela foi até a porta da cozinha e escutei tio Julian dizendo de algum canto, "Manda esse rapaz tolo parar de berrar".

Olhei rapidamente; era óbvio que o degrau quebrado tinha sido demais para Charles porque o martelo e a tábua estavam no chão e o degrau continuava quebrado; Charles subia a rampa, vindo do riacho, e carregando alguma coisa; me questionava o que teria achado dessa vez.

"Você já ouviu falar de coisa parecida?", ele dizia; embora já estivesse perto, continuava a gritar. "Olha isso, Connie, *olha só* isso aqui."

"Imagino que seja da Merricat", declarou Constance.

"*Não é* da Merricat nem nada disso. É *dinheiro*."

"Eu lembro", disse Constance. "Moedas de prata. Lembro que ela enterrou."

"Deve ter uns vinte ou trinta dólares aqui; é um absurdo."

"Ela gosta de enterrar coisas."

Charles ainda gritava, sacudindo minha caixa de moedas com violência. Me perguntei se a deixaria cair; gostaria de ter visto Charles no chão, se arrastando à procura das minhas moedas.

"O dinheiro não é dela", ele vociferava, "ela não tem o direito de esconder."

Fiquei me perguntando como ele tinha achado a caixa onde eu a enterrara; vai ver que Charles e dinheiro se achavam independentemente da distância que houvesse entre eles, ou vai ver que Charles andava empenhado em escavar sistematicamente cada centímetro de nosso terreno. "Isso é terrível", ele gritava, "terrível; ela não tem o direito."

"Não faz mal a ninguém", respondeu Constance. Era perceptível que estava confusa e em algum canto da cozinha tio Julian batucava e chamava.

"Como é que você sabe que não tem mais?", Charles exibiu a caixa em tom acusatório. "Como é que você sabe que aquela menina maluca não enterrou milhares de dólares por aí, em lugares onde a gente *nunca* vai achar?"

"Ela gosta de enterrar coisas", Constance justificou. "Estou indo, tio Julian."

Charles seguiu-a porta adentro, ainda segurando a caixa ternamente. Cogitei enterrar a caixa de novo depois que ele fosse embora, mas não estava contente. Fui ao patamar da escada e observei Charles cruzar o corredor em direção ao escritório; estava claro que botaria minhas moedas de prata no cofre de nosso pai. Desci a escada correndo e sem fazer barulho e saí pela cozinha. "Como você é boba, Merricat", Constance me disse quando passei; espalhava biscoitos condimentados em longas fileiras para que esfriassem.

Eu pensava em Charles. Poderia transformá-lo em mosquito e jogá-lo numa teia de aranha e vê-lo enredado e indefeso e se debatendo, preso no corpo de um mosquito agonizante; poderia desejar sua morte até que ele morresse. Poderia amarrá-lo a uma árvore e deixá-lo lá até que virasse tronco e a casca cobrisse sua boca. Poderia enterrá-lo na cova onde minha caixa de moedas de prata estivera segura até ele chegar; se estivesse debaixo da terra eu poderia andar sobre ele pisando forte.

Ele não havia sequer se dado ao trabalho de tampar a cova. Dava para imaginar ele andando por lá e notando o ponto onde o solo fora revirado, parando para revirá-lo e depois escavando como um louco com as mãos, fechando a cara e por fim ganancioso

e escandalizado e ofegante ao encontrar minha caixa de moedas de prata. "Não põe a culpa *em mim*", eu disse ao buraco; teria de achar outra coisa para enterrar ali e queria que pudesse ser Charles.

A cova acomodaria com delicadeza a cabeça dele. Gargalhei quando descobri uma pedra redonda do tamanho certo, e desenhei um rosto com a unha e a enterrei no buraco. "Adeus, Charles", me despedi. "Da próxima vez vê se não fica pegando as coisas dos outros."

Fiquei perto do riacho por mais ou menos uma hora; estava perto do riacho quando Charles enfim subiu e entrou no quarto que não era mais dele e não era mais de nosso pai. Por um instante pensei que Charles tinha estado no meu abrigo, mas nada estava fora do lugar, como estaria se Charles tivesse ido ali para procurar alguma coisa. Mas ele chegara perto o suficiente para me incomodar, e por isso, tirei a grama e as folhas do lugar onde eu geralmente dormia e balancei meu cobertor, e renovei tudo. Lavei a pedra lisa onde às vezes fazia minhas refeições e pus um galho melhor na entrada. Me perguntava se Charles voltaria em busca de mais moedas de prata e me perguntava se ele iria gostar das minhas seis bolinhas de gude azuis. Por fim senti fome e voltei para a nossa casa, e lá na cozinha estava Charles, ainda aos berros.

"Não dá pra *acreditar* nisso", ele dizia, agora já bem estridente, "simplesmente não dá pra *acreditar*."

Eu me perguntava por quanto tempo Charles continuaria a gritar. Ele fazia um ruído sombrio na nossa casa, e sua voz ficava cada vez mais fina e aguda; talvez se berrasse por bastante tempo começasse a guinchar. Sentei no degrau da cozinha ao lado de Jonas e imaginei que talvez Constance caísse na risada se Charles guinchasse para ela. Nunca aconteceu, contudo, porque assim que ele viu que eu estava sentada no degrau ele se calou por um instante e depois, ao falar, baixou o tom da voz e diminuiu seu ritmo.

"Quer dizer que você voltou", ele constatou. Não se aproximou de mim, mas senti sua voz como se estivesse vindo ao meu encontro. Não olhei para ele; olhei para Jonas, que olhava para ele.

"Ainda não resolvi o que é que eu vou fazer com você", ele declarou. "Mas seja o que for, você não vai esquecer."

"Não mexe com ela, Charles", Constance pediu. Tampouco gostei da voz dela porque estava esquisita e eu sabia que ela estava indecisa. "De qualquer modo, é tudo

culpa minha." Era sua nova forma de pensar.

Pensei em ajudar Constance, quem sabe fazê-la rir. "*Amanita pantherina*", recitei, "Altamente venenosa. *Amanita rubescens*, comestível e boa. A *Cicuta maculata* é a cicuta-da-europa, uma das plantas silvestres mais tóxicas se ingerida. A *Apocynum cannabinum* não é uma planta venenosa de grande importância, mas a beladona…"

"Para com isso", disse Charles, ainda calmo.

"Constance", eu disse, "viemos para casa para o almoço, o Jonas e eu."

"Primeiro você vai ter que se explicar para o primo Charles", Constance decretou, e eu gelei.

Charles estava sentado à mesa da cozinha, a cadeira afastada e virada de frente para mim na soleira da porta. Constance estava atrás dele, encostada na pia. Tio Julian estava na mesa dele, mexendo nos papéis. Havia fileiras e mais fileiras de biscoitos condimentados esfriando e a cozinha ainda cheirava a canela e noz-moscada. Eu me perguntei se Constance daria um biscoito a Jonas junto com o jantar, mas é claro que não fez isso porque esse foi o último dia.

"Agora escuta", Charles disse. Ele descera com um punhado de galhos e terra, talvez a fim de provar a Constance que realmente estavam em seu quarto, ou talvez porque fosse limpá-lo de punhado em punhado; os galhos e a terra pareciam deslocados em cima da mesa da cozinha, e imaginei que talvez um dos motivos para Constance parecer tão triste fosse a terra em sua mesa limpa. "Agora escuta", Charles disse.

"Não dá para eu trabalhar aqui se o rapaz não parar de falar", reclamou tio Julian. "Constance, manda ele fazer um pouco de silêncio."

"Você também", Charles disse naquela voz suave. "Eu já aguentei muito de vocês dois. Um de vocês emporcalhou o meu quarto e saiu por aí enterrando dinheiro e o outro nem lembra qual é o meu nome."

"Charles", eu disse a Jonas. Como era eu quem enterrava dinheiro, sem dúvida, não era a que não lembrava do nome dele; o pobre coitado do velho tio Julian não podia enterrar nada e não conseguia se lembrar do nome de Charles. Eu me lembraria de ser mais gentil com tio Julian. "Você vai dar um biscoito para o tio Julian comer no jantar?", perguntei a Constance. "E vai dar um para o Jonas também?"

"Mary Katherine", Charles disse, "vou te dar uma chance de se explicar. Por que foi que você fez essa bagunça no meu quarto?"

Não havia razão para lhe responder. Ele não era Constance, e tudo que eu falasse

para ele talvez o ajudasse a retomar seu tênue domínio sobre nossa casa. Fiquei sentada na porta e brinquei com as orelhas de Jonas, que se agitavam e tremelicavam quando eu fazia cócegas.

"Responda", ordenou Charles.

"Quantas vezes vou precisar te dizer, John, que eu não sei absolutamente nada sobre esse assunto?" Tio Julian bateu a mão na mesa e espalhou os papéis. "É uma briga entre as moças e não me diz respeito. Não me envolvo nas briguinhas bobas da minha esposa e recomendo fortemente que você também aja assim. Não é correto que homens dignos façam ameaças e represálias porque as moças se desentenderam. Você perde credibilidade, John, perde credibilidade."

"Cala a boca", disse Charles; ele estava gritando de novo, e fiquei satisfeita. "Constance", ele continuou, baixando um pouco o tom de voz, "essa situação é um horror. Quanto antes você sair dela, melhor."

"… não vou admitir que meu próprio irmão me mande calar a boca. Nós vamos embora da sua casa, John, se é isso mesmo o que você quer. Eu lhe peço, no entanto, que reflita. Minha esposa e eu…"

"É culpa minha, tudo isso", Constance disse. Achei que ela fosse chorar. Era impensável que Constance chorasse de novo depois de todos esses anos, mas eu estava tensa, estava gelada, e não podia me mexer para ir ao seu encontro.

"Você é perverso", eu disse a Charles. "Você é um fantasma e um demônio."

"Mas que *diabos*?", Charles retrucou.

"Não dê atenção", Constance lhe disse. "Não dê ouvidos às bobagens da Merricat."

"Você é um sujeito muito egoísta, John, talvez seja até um salafrário, e gosta demais dos bens mundanos; às vezes me pergunto, John, se você é um cavalheiro de verdade."

"Isto aqui é um hospício", Charles declarou com convicção. "Constance, isto aqui é um hospício."

"Vou limpar o seu quarto agorinha mesmo. Charles, por favor, não fique bravo." Constance me encarou com fúria, mas eu estava tensa e não a via.

"Tio Julian." Charles se levantou e foi até onde estava tio Julian, sentado à mesa dele.

"Você não encoste nos meus papéis", ordenou tio Julian, tentando cobri-los com as mãos. "Fica longe dos meus papéis, seu canalha."

"O quê?", indagou Charles.

"Peço desculpas", tio Julian disse a Constance. "Este não é o linguajar adequado aos seus ouvidos, minha querida. Só mande esse rapazinho canalha ficar longe dos meus papéis."

"Olha", Charles disse a tio Julian, "vou te dizer que já estou por aqui. Não vou encostar nesses seus papéis idiotas e eu não sou o seu irmão John."

"É claro que você não é o meu irmão John: você é um centímetro mais baixo que ele. Você é um rapazinho canalha, e gostaria que voltasse para o seu pai, que, para minha vergonha, é meu irmão Arthur, e diga a ele que fui eu que mandei. Diante da sua mãe, se você quiser; ela é uma cabeça-dura mas não tem essa coisa de sangue. Ela desejava que a relação familiar fosse cortada. Portanto, não faço objeção a que você repita do meu elevado linguajar na frente dela."

"Isso tudo já foi esquecido, tio Julian; Constance e eu…"

"Eu acho que você se esqueceu *de si mesmo*, rapaz, para usar esse tom de voz comigo. Acho bom que você esteja arrependido, mas já me tomou tempo demais. Por favor, fique em completo silêncio de agora em diante."

"Só depois que eu tiver terminado com a sua sobrinha Mary Katherine."

"Minha sobrinha Mary Katherine está morta faz tempo, rapaz. Não sobreviveu à morte da família; imaginei que você soubesse."

"O quê?", Charles se virou furioso para Constance.

"Minha sobrinha Mary Katherine morreu no orfanato, de abandono, durante o julgamento da irmã pelo assassinato. Mas ela não é muito relevante para o meu livro, então podemos dar o assunto por encerrado."

"Ela está sentada logo ali." Charles agitou os braços, o rosto vermelho.

"Rapaz." Tio Julian largou o lápis e se virou um pouco para ficar de frente para Charles. "Creio que eu já tenha deixado bem claro para você a importância do meu trabalho. Você prefere me interromper o tempo inteiro. Para mim chega. Ou você se cala ou se retira deste cômodo."

Eu ria de Charles e até Constance estava sorrindo. Charles ficou olhando para tio Julian, e tio Julian, examinando a papelada, disse para si mesmo, "Que cachorrinho mais impertinente", e então, "Constance?".

"Pois não, tio Julian?"

"Por que enfiaram meus papéis nesta caixa? Vou ter que tirar tudo de dentro dela e reorganizar. Esse rapaz chegou perto dos meus papéis? Chegou?"

"Não, tio Julian."

"Ele acha mesmo que é o rei da cocada preta, né? Quando é que ele vai embora?"

"Eu não vou embora", afirmou Charles. "Vou ficar."

"Impossível", retrucou tio Julian. "Não temos espaço. Constance?"

"Pois não, tio Julian?"

"Vou querer costeleta para o almoço. Uma bela costeletazinha, bem grelhada. Talvez um cogumelo."

"Sim", Constance respondeu com alívio, "vou começar a fazer o almoço." Como se estivesse feliz de finalmente prepará-lo, ela foi à mesa para limpar a terra e as folhas que Charles deixara ali. Arrastou-as para dentro de um saquinho de papel e jogou o saquinho na lata de lixo, e depois voltou com um pano e esfregou a mesa. Charles olhou para ela e para mim e para tio Julian. Estava nitidamente confuso, incapaz de entender qualquer coisa que via ou ouvia; era uma imagem prazerosa, ver as primeiras reviravoltas do demônio capturado, e senti muito orgulho de tio Julian. Constance sorriu para Charles, feliz porque ninguém mais gritava; ela não iria chorar agora e talvez ela também estivesse vislumbrando o demônio tenso, porque disse, "Você parece cansado, Charles. Vai dar uma descansada até a hora do almoço".

"Dar uma descansada onde?", ele questionou e continuava bravo. "Não vou mexer nem um dedo até que alguma atitude seja tomada a respeito dessa menina."

"A Merricat? Pra que tomar alguma atitude? Eu falei que vou limpar seu quarto."

"Você não vai nem castigá-la?"

"Me castigar?" Eu estava ali de pé, tremendo contra o batente da porta. "Me castigar? Você está falando em me mandar para a cama sem jantar?"

E corri. Corri até chegar ao campo, bem no meio do gramado, onde era seguro, e me sentei ali, a grama mais alta do que minha cabeça, me escondendo. Jonas me achou e ficamos sentados juntos onde ninguém jamais seria capaz de nos ver.

Passado bastante tempo me levantei porque sabia aonde ir. Iria à casa de veraneio. Não chegava perto da casa de veraneio fazia seis anos, mas Charles deixara o mundo sombrio, e somente a casa de veraneio daria conta. Jonas não me seguiria; ele não gostava da casa de veraneio e quando me viu entrando na trilha coberta de folhagem que ia até lá tomou outro rumo como se tivesse algo importante a fazer e fosse me encontrar em algum lugar mais tarde. Ninguém gostava muito da casa de veraneio, eu lembrava. Nosso pai fizera o planejamento, e seu intuito era levar o riacho até lá perto

e construir uma pequena cachoeira, mas alguma coisa tinha entrado na madeira e na pedra e na tinta quando a casa foi construída e a estragara. Uma vez nossa mãe viu um rato na porta, olhando para dentro, e depois disso nada era capaz de persuadi-la a entrar lá, e onde nossa mãe não ia, ninguém mais ia.

Eu nunca tinha enterrado nada por ali. O solo estava preto e úmido e nada que fosse enterrado ficaria muito confortável. As árvores se espremiam contra as laterais da casa de veraneio e respiravam com força em seu telhado, e as pobres flores outrora plantadas ali ou haviam morrido ou se transformado em enormes coisas silvestres de mau gosto. Quando parei ao lado da casa e olhei para ela, achei que era o lugar mais feio que eu já tinha visto; lembrei que nossa mãe tinha feito um pedido sério para que botassem fogo nela.

No interior tudo era umidade e trevas. Não gostava de sentar no chão de pedras, mas não havia outro lugar; antigamente, me lembrei, havia cadeiras e talvez até uma mesinha, mas agora não existiam mais, tinham sido levadas embora ou apodrecido. Sentei no chão e na minha cabeça coloquei todos eles nos lugares corretos, no círculo ao redor da mesa de jantar. Nosso pai se sentava à cabeceira. Nossa mãe na outra ponta. Tio Julian se sentava do lado da nossa mãe, e nosso irmão Thomas ficava do outro lado; ao lado do meu pai se acomodavam tia Dorothy e Constance. Eu me sentava entre Constance e tio Julian, no lugar à mesa que me era de direito, que cabia só a mim. Aos poucos comecei a ouvi-los conversando.

"… para comprar um livro para Mary Katherine. Lucy, Mary Katherine não devia ganhar um livro novo?"

"Mary Katherine devia ter tudo o que desejasse, meu querido. Nossa filha mais amada tem que ter tudo o que quiser."

"Constance, a sua irmã precisa da manteiga. Passa logo pra ela, por favor."

"Mary Katherine, nós te amamos."

"Você não deve nunca ser castigada. Lucy, você tem que garantir que Mary Katherine nossa filha mais amada jamais seja castigada."

"Mary Katherine nunca se permitiria fazer nada de errado; não existe nenhuma necessidade de deixá-la de castigo."

"Ouvi falar, Lucy, que crianças desobedientes são mandadas para a cama sem jantar como forma de castigo. Não se deve permitir uma coisa dessas com a nossa Mary Katherine."

"Concordo plenamente, meu querido. Mary Katherine não deve ser castigada nunca. Não deve nunca ser mandada para a cama sem jantar. Mary Katherine jamais vai fazer alguma coisa que mereça castigo."

"Nossa amada, nossa queridíssima Mary Katherine tem que ser protegida e tratada com carinho. Thomas, dê o seu jantar à sua irmã; ela quer comer mais."

"Dorothy... Julian. Levantem-se quando a nossa amada filha se levantar."

"Curvem-se todos diante de nossa adorada Mary Katherine."

8

Precisava voltar para o jantar; era essencial que me sentasse à mesa de jantar com Constance e tio Julian e Charles. Era inimaginável que se sentassem, comessem o jantar e conversassem e passassem as travessas de um para o outro e vissem meu lugar vazio. Quando Jonas e eu percorremos a trilha e atravessamos o jardim na escuridão que se acumulava, olhei para a casa com toda a abundância de amor que continha em mim; era uma casa boa, e em breve estaria limpa e desanuviada de novo. Parei um instante, observando, e Jonas roçou minha perna e falou baixinho, em tom de curiosidade.

"Estou olhando a nossa casa", expliquei, e ele ficou parado ao meu lado, olhando comigo. O telhado se projetava firmemente contra o céu, e as paredes se encontravam de forma compacta, e as janelas brilhavam de uma maneira sombria; era uma casa boa e quase limpa. A luz vinha da janela da cozinha e das janelas da sala de jantar; estava na hora do jantar deles, e eu precisava chegar. Queria estar dentro de casa, com a porta bem fechada.

Quando abri a porta da cozinha para entrar, senti logo que a casa ainda abrigava raiva, e me admirei por alguém conseguir manter uma emoção por tanto tempo; da cozinha, ouvia sua voz com nitidez, falando sem parar.

"… *precisa* dar um fim nela", ele dizia, "as coisas *não podem* continuar desse jeito."

Pobre Constance, pensei, tendo de escutar e escutar e ver a comida esfriar. Jonas se adiantou e entrou na sala de jantar antes de mim, e Constance disse, "Aí está ela".

Parei na porta da sala e observei com atenção por um instante. Constance usava cor-de-rosa e o cabelo estava preso de um jeito bonito; ela sorriu para mim quando olhei para ela, e entendi que estava cansada de escutar. A cadeira de rodas de tio Julian estava bem próxima da mesa, e senti pena ao ver que Constance pusera o guardanapo sob o queixo dele; era uma tristeza que tio Julian não pudesse comer livremente. Ele comia bolo de carne, além da ervilha que Constance guardara em

conserva num dia perfumado de verão; Constance cortara o bolo de carne em pedacinhos pequenos e tio Julian amassava o bolo e as ervilhas com a colher e misturava tudo antes de tentar enfiá-la na boca. Ele não escutava, mas a voz não parava.

"Então quer dizer que você resolveu voltar, não é? E foi bem na hora, mocinha: sua irmã e eu estamos tentando resolver como lhe ensinar uma lição."

"Vai lavar o rosto, Merricat", Constance pediu com delicadeza. "E pentear o cabelo; não queremos que você se sente à mesa desarrumada, e seu primo Charles já está zangado com você."

Charles apontou o garfo para mim. "Melhor eu te dizer logo, Mary, que suas artimanhas acabaram para sempre. Sua irmã e eu decidimos que já basta de esconderijos e destruições e mau humor."

Não gostava que me apontassem garfos e não gostava do som da voz nunca cessando; queria que ele botasse comida no garfo e o enfiasse na boca e sufocasse.

"Vai logo, Merricat", disse Constance, "seu jantar vai esfriar." Ela sabia que eu não jantaria sentada à mesa e que mais tarde serviria meu jantar na cozinha, mas achei que ela não queria que Charles se lembrasse disso e tivesse mais sobre o que reclamar. Sorri para ela e fui para o corredor, a voz ainda falando às minhas costas. Fazia muito tempo que tamanha quantidade de palavras não era enunciada na nossa casa, e demoraria para que todas fossem limpas. Pisei forte ao subir a escada para que ouvissem que sem dúvida eu estava subindo, mas quando cheguei ao patamar meus passos se tornaram tão suaves quanto os de Jonas, que estava atrás de mim.

Constance tinha limpado o quarto onde ele estava vivendo. Parecia bem vazio porque ela só fizera tirar as coisas; ela não tinha nada para pôr de volta porque eu tinha carregado tudo para o sótão. Sabia que as gavetas da cômoda estavam vazias, e o guarda-roupa, e as estantes de livros. Não havia espelho, e um relógio quebrado e uma corrente amassada jaziam sozinhos em cima da cômoda. Constance tinha tirado a roupa de cama molhada, e eu imaginava que ela tivesse secado e virado o colchão porque a cama tinha sido forrada novamente. As cortinas compridas sumiram, talvez para serem lavadas. Ele estivera deitado na cama, pois estava desarrumada, e o cachimbo, ainda queimando, estava na mesa ao lado da cama; supus que estivesse deitado ali quando Constance o chamou para jantar, e me perguntei se ele teria percorrido com os olhos o quarto alterado de novo e de novo, tentando achar algum

objeto familiar, na esperança de que talvez o ângulo da porta do guarda-roupa ou da lâmpada no teto lhe trouxesse tudo de volta. Fiquei sentida porque Constance teve de virar o colchão sozinha; em geral eu ajudava, mas talvez ele tivesse aparecido e se oferecido para virá-lo por ela. Ela tinha até levado um pires limpo para o cachimbo dele; nossa casa não tinha cinzeiros, e quando ele estava tentando achar lugares onde deixar o cachimbo Constance pegou um par de pires lascados na prateleira da despensa e os ofereceu para que ele apoiasse o cachimbo. Os pires eram cor-de-rosa com folhas douradas na borda: eram do jogo mais antigo de que eu me lembrava.

"Quem usava?", perguntei a Constance quando ela os levou para a cozinha. "Onde estão as xícaras deles?"

"Nunca os vi em uso; são de antes de eu vir para a cozinha. Uma bisavó comprou com o dote e eles foram usados e quebrados e substituídos e acabaram guardados na prateleira mais alta da despensa; tem só esses pires e três pratos de jantar."

"Eles têm de ficar na despensa", reclamei. "Não circulando pela casa."

Constance os dera a Charles e agora estavam espalhados, em vez de passarem seus tempinhos guardados decentemente numa prateleira. Um estava na sala de visitas e outro na sala de jantar e um, cogitei, no escritório. Não eram frágeis, pois o que estava no quarto agora não tinha rachado apesar de o cachimbo sobre ele estar aceso. Soube o dia inteiro que acharia algo ali; arrastei o pires e o cachimbo da mesa para a cesta de lixo e eles caíram suavemente em cima dos jornais que ele havia trazido para casa.

Estava refletindo sobre meus olhos; um dos meus olhos — o esquerdo — via tudo dourado e amarelo e laranja, e o outro olho via tons de azul e cinza e verde; vai ver que um olho era para a luz do dia e o outro era para a noite. Se todas as pessoas do mundo enxergavam cores diferentes a partir de olhos diferentes talvez ainda houvesse inúmeras cores novas a serem inventadas. Eu tinha ido até a escada para descer antes de lembrar e ter de voltar para lavar e pentear o cabelo. "Por que você demorou tanto?", ele questionou quando me sentei à mesa. "O que andou fazendo lá em cima?"

"Você faz um bolo pra mim com glacê rosa?", pedi a Constance. "Com folhas douradas nas bordas? O Jonas e eu vamos dar uma festa."

"Talvez amanhã", disse Constance.

"Nós vamos ter uma longa conversa depois do jantar", anunciou Charles.

"*Solanum dulcamara*", eu disse para ele.

"O quê?", ele disse.

"Doce-amarga", explicou Constance. "Charles, por favor, deixa isso para depois."

"Para mim, chega", ele declarou.

"Constance?"

"Pois não, tio Julian?"

"Limpei o meu prato." Tio Julian achou uma migalha de bolo de carne no guardanapo e a enfiou na boca. "O que eu tenho agora?"

"Quem sabe um pouco mais, tio Julian? É um prazer ver você com tanto apetite."

"Eu me sinto bem melhor hoje. Não me sentia tão disposto há dias."

Fiquei contente por tio Julian estar bem e sabia que ele estava feliz por ter sido tão indelicado com Charles. Enquanto Constance cortava outra fatia pequena de bolo de carne, tio Julian olhava para Charles com um brilho maligno nos velhos olhos, e percebi que ia fazer um comentário ferino. "Rapazinho", ele por fim começou, mas Charles de repente virou a cabeça para olhar o corredor.

"Estou sentindo cheiro de queimado", disse Charles.

Constance parou e ergueu a cabeça e se virou para a porta da cozinha. "É o fogão?", ela disse e se levantou rápido para ir à cozinha.

"Rapazinho…"

"Sem dúvida tem alguma coisa queimando." Charles foi olhar no corredor. "Dá para sentir daqui", ele anunciou. Me perguntei para quem ele achava que estava falando: Constance estava na cozinha e tio Julian pensava no que iria dizer, e eu havia deixado de escutar. "*Está* com cheiro de queimado", disse Charles.

"Não é o fogão." Constance ficou na porta da cozinha e olhou para Charles.

Charles se virou e se aproximou de mim. "Se foi alguma coisa que você fez…", ele disse.

Eu ri porque estava claro que Charles tinha medo de subir e seguir a fumaça; então Constance disse, "Charles… o seu cachimbo…" e ele virou e correu escada acima. "Eu pedi tanto a ele", Constance declarou.

"Será que daria início a um incêndio?", perguntei a ela, e então Charles berrou lá de cima, berrou, pelo que ouvi, com o som exato de um gaio-azul no bosque. "É o Charles", eu disse educadamente a Constance, e ela correu até o corredor e olhou para cima. "*Era* isso?", indagou, "Charles, *era* isso?"

"Fogo", Charles anunciou, tropeçando escada abaixo, "Corre, corre: a porcaria da casa está pegando fogo", ele gritou na cara de Constance, "e você não tem *telefone*."

"Meus papéis", disse tio Julian. "Tenho que juntar meus papéis e levar para um lugar seguro." Ele se impeliu contra a beirada da mesa para afastar a cadeira. "Constance?"

"Corre", mandou Charles, agora na porta da frente, brigando com a tranca, "*corre*, idiota."

"Não tenho corrido muito nos últimos anos, rapazinho. Não vejo motivo para essa histeria; dá tempo de eu juntar meus papéis."

Agora Charles segurava a porta aberta e se virou no umbral para chamar Constance. "Não tente carregar o cofre", ele disse, "põe o dinheiro num saco. Eu volto assim que conseguir socorro. Não entra em pânico." Ele correu, e o ouvíamos gritar, "Fogo! Fogo! Fogo!" ao correr em direção ao vilarejo.

"Santo Deus", exclamou Constance, quase achando graça. Em seguida, segurou a cadeira de tio Julian para ajudá-lo a ir para o quarto, e eu entrei no meu quarto e olhei para o segundo andar. Charles deixara a porta do quarto de nosso pai aberta, e eu vi o movimento do fogo lá dentro. O fogo arde para cima, pensei; vai queimar as coisas deles no sótão. Charles também deixou a porta da frente aberta, e um fio de fumaça descia a escada e avançava lá para fora. Não via a menor necessidade de agir com rapidez ou correr aos berros pela casa porque o fogo não parecia se apressar. Me perguntava se poderia subir a escada e fechar a porta do quarto de nosso pai e manter o fogo lá dentro, integralmente pertencente a Charles, mas quando comecei a subir os degraus vi um dedo de chama se esticar para tocar o tapete do corredor e um objeto pesado se espatifou no quarto de nosso pai. Agora não haveria nada de Charles ali; até o cachimbo devia ter sido consumido.

"Tio Julian está juntando a papelada", Constance explicou, entrando no corredor para ficar ao meu lado. Estava com o xale de tio Julian no braço.

"A gente vai ter de sair", constatei. Sabia que ela estava assustada, então disse, "A gente pode ficar na varanda, atrás das videiras, na escuridão".

"Nós tínhamos arrumado tudo outro dia mesmo", ela disse. "Não tem o *direito* de pegar fogo." Ela começou a tremer como se estivesse zangada, e eu segurei sua mão e a conduzi pela porta da frente e assim que viramos para trás para mais uma olhada as luzes surgiram na rampa de carros com o barulho repulsivo das sirenes e fomos detidas na soleira da porta, sob a luz. Constance encostou o rosto em mim para se esconder, e então apareceu Jim Donell, o primeiro a saltar do caminhão de bombeiros

e subir a escada correndo. "Saiam do caminho", ele ordenou, e nos empurrou e entrou na nossa casa. Guiei Constance pela varanda, rumo ao canto onde as videiras cresciam em abundância, e ela se dirigiu ao cantinho e se apertou contra as videiras. Segurei sua mão com força, e juntas assistimos à numerosa infantaria de homens atravessando o umbral de nossa porta, arrastando as mangueiras, levando sujeira e confusão e perigo para dentro de nossa casa. Mais luzes surgiram na rampa e subiram os degraus, e a frente da casa ficou branca e pálida e desconfortável por estar tão claramente visível; nunca havia sido iluminada. O barulho era demais para eu ouvi-lo todo ao mesmo tempo, mas em algum lugar do barulho estava presente a voz de Charles, ainda incessante. "Pega o cofre no escritório", ele repetia milhares de vezes.

A fumaça se espremia porta afora, passando por entre os homenzarrões que avançavam porta adentro. "Constance", sussurrei, "Constance, não olha para eles."

"Eles estão me vendo?", ela sussurrou de volta. "Tem alguém olhando?"

"Eles estão todos olhando o fogo. Fica bem quietinha."

Olhei com cuidado por entre as videiras. Havia uma longa fila de carros e o caminhão de bombeiros do vilarejo, todos estacionados o mais perto possível da casa, e todo mundo do vilarejo estava ali, levantando a cabeça e observando. Vi caras risonhas e caras que pareciam assustadas, e então alguém bradou, bem pertinho de nós, "E as moças, e o velho? Alguém viu?".

"Eles foram avisados várias vezes", Charles berrou de algum lugar, "eles estão bem."

Tio Julian manejava a cadeira de rodas bem o suficiente para sair pela porta dos fundos, pensei, mas o fogo não parecia se aproximar da cozinha ou do quarto de tio Julian; eu via as mangueiras e ouvia os homens gritarem, e estavam todos na escada e nos quartos do segundo andar com vista para a frente da casa. Eu não poderia cruzar a porta da frente, e mesmo se pudesse largar Constance ali não teria como dar a volta até a porta dos fundos sem descer os degraus sob a luz, com todos assistindo. "Tio Julian ficou assustado?", murmurei para Constance.

"Acho que ele ficou irritado", ela disse. Poucos minutos depois continuou, "A gente vai ter que esfregar um bocado para o hall ficar limpo outra vez", e suspirou. Fiquei satisfeita porque ela pensava na casa e se esquecia das pessoas ali fora.

"E o Jonas?", disse a ela; "cadê ele?"

Percebi que ela dava um leve sorriso na escuridão das videiras. "Ele também ficou irritado", ela disse. "Saiu pela porta dos fundos quando eu levei o tio Julian para

dentro para ele pegar os papéis."

Estávamos bem. Tio Julian era bem capaz de esquecer que havia um incêndio caso se interessasse pela papelada, e praticamente não havia dúvida de que Jonas assistia sob as sombras das árvores. Quando terminassem de apagar o incêndio de Charles eu levaria Constance de volta para dentro e poderíamos começar a limpar a casa de novo. Constance estava mais sossegada, embora houvesse um número cada vez maior de carros subindo a rampa e o tamborilar interminável de pés indo e voltando do umbral de nossa porta. Tirando Jim Donell, que usava um capacete que o proclamava "Chefe", era impossível identificar qualquer outra pessoa, assim como não era possível ligar um nome a nenhuma das caras diante de nossa casa, olhando para cima e rindo do incêndio.

Tentei pensar com clareza. A casa pegava fogo; havia fogo dentro de nossa casa, mas Jim Donell e os outros homens, anônimos, de capacete e capas de chuva curiosamente tinham capacidade de destruir o fogo que percorria os ossos de nossa casa. Era o incêndio de Charles. Quando ficava atenta especialmente ao fogo eu conseguia ouvi-lo, um ruído quente cantarolado lá em cima, mas acima e em torno dele, extinguindo-o, havia as vozes dos homens lá dentro e as vozes das pessoas assistindo de fora e o barulho distante de carros na rampa. Ao meu lado, Constance estava quieta, às vezes olhando para os homens que entravam na casa, mas de modo geral tampando os olhos com as mãos; estava agitada, pensei, mas não corria nenhum risco. Vez por outra dava para ouvir uma voz se sobrepor as outras; Jim Donell berrava uma instrução ou alguém na multidão bradava. "Por que não deixar queimar?", uma voz feminina disse bem alto, aos risos; e "Pega o cofre no escritório do primeiro andar", era Charles, a salvo entre o povo da frente.

"Por que não deixar queimar?", a mulher insistia em gritar, e um dos homens misteriosos que entrava e saía pela nossa porta da frente se virou e acenou e abriu um sorriso. "Nós somos os bombeiros", ele justificou, "nós *temos* que apagar."

"Deixa queimar", a mulher gritou.

A fumaça estava em todo lugar, densa e feia. Às vezes, quando eu olhava, os rostos das pessoas eram turvados pela fumaça, e ela vinha da porta da frente em assustadoras ondas. Uma hora aconteceu um colapso dentro da casa e as vozes falavam rápido e com urgência, e os rostos ali fora se revelavam felizes na fumaça, as bocas abertas. "Pega o cofre", Charles gritava em desespero, "uns dois ou três de vocês têm que ir

pegar o cofre no escritório; a casa inteira vai explodir."

"Deixa queimar", a mulher gritou.

Estava com fome e queria meu jantar, e me perguntava quanto tempo poderiam fazer o incêndio durar antes de apagá-lo e irem embora e Constance e eu podermos voltar lá para dentro. Um ou dois dos meninos do vilarejo margeava a varanda, perigosamente próximo de onde estávamos, mas olhava apenas para dentro, não para a varanda, e tentava ficar na ponta dos pés e ver além dos bombeiros e das mangueiras. Estava cansada e queria que aquilo tudo acabasse. Percebi então que a luz diminuía, os rostos no gramado estavam menos nítidos, e um novo tom se apossava do barulho; as vozes lá dentro pareciam mais firmes, menos ríspidas, quase satisfeitas, e as vozes de fora estavam mais baixas, e decepcionadas.

"Está se apagando", alguém disse.

"Sob controle", outra voz acrescentou.

"Mas causou muito estrago." Houve risadas. "Sem dúvida fez uma bagunça nessa casa velha."

"Devia ter sido destruída pelo fogo anos atrás."

"E com elas dentro."

Referem-se a nós, pensei, a Constance e a mim.

"Então... alguém *viu* elas?"

"Não demos essa sorte. Os bombeiros botaram elas para fora."

"Que pena."

A luz estava quase apagada. As pessoas ao ar livre agora estavam à sombra, os rostos estreitos e escuros, com apenas os faróis dos carros a iluminá-los; vi o lampejo de um sorriso, e em outro ponto uma mão levantada para acenar, e as vozes continuaram a lamentar.

"Está quase acabado."

"Belo incêndio."

Jim Donell saiu pela porta da frente. Todos o reconheciam por causa do tamanho e do capacete que dizia CHEFE. "Diga lá, Jim", alguém berrou, "por que você não deixou queimar?"

Ele ergueu as mãos para calar todo mundo. "O incêndio acabou, pessoal", anunciou.

Com muito cuidado, ele levantou os braços e tirou o capacete que dizia CHEFE e, com todos observando, caminhou devagar pelos degraus e foi ao caminhão de

bombeiros e pôs o capacete no banco da frente. Em seguida se curvou, procurando atentamente, e por fim, com todos observando, pegou uma pedra. Em silêncio absoluto ele virou lentamente e então levantou o braço e lançou a pedra contra uma das janelas grandes da sala de visitas de nossa mãe. Um muro de gargalhadas surgiu e cresceu atrás dele e então, primeiro os garotos nos degraus e depois os outros homens e por fim as mulheres e as crianças pequenas, se moveram como uma onda em direção à nossa casa.

"Constance", chamei, "Constance", mas ela tampava os olhos com as mãos.

A outra janela da sala de visitas se estilhaçou, desta vez de dentro para fora, e vi que foi destruída pela luminária que sempre ficava ao lado da cadeira de Constance na sala de visitas.

Sobrepondo-se a tudo isso, o mais horrível, estava a gargalhada. Vi uma das estatuetas de Dresden ser atirada e se quebrar no parapeito da varanda, e outra caiu e não se quebrou e rolou pelo gramado. Escutei a harpa de Constance ser derrubada com um lamento musical, e o som do que eu sabia se tratar de uma cadeira sendo esmagada contra a parede.

"Escutem", Charles disse de algum lugar, "será que alguns de vocês não podem me ajudar com este cofre?"

Logo depois, em meio aos risos, alguém começou, "Merricat, disse Constance, você não quer uma xícara de chá?". Era ritmada e persistente. Sou a lua, pensei, por favor me deixe ser a lua. Então escutei o barulho dos pratos se quebrando e naquele instante me dei conta de que estávamos diante das janelas grandes da sala de jantar e eles estavam chegando bem perto.

"Constance", eu disse, "a gente tem que fugir."

Ela fez que não, o rosto coberto pelas mãos.

"Daqui a pouquinho eles acham a gente. Por favor, Constance querida; foge comigo."

"Não posso", ela disse, e logo ali ao nosso lado, da janela da sala de jantar, um berro emergiu, "Merricat, disse Constance, você não quer ir dormir?", e puxei Constance um segundo antes de a janela se quebrar; imaginei que tivessem atirado uma cadeira nela, talvez a cadeira da sala de jantar onde nosso pai se sentava e Charles se sentava. "Corre", eu disse, incapaz de ficar quieta no meio de toda aquela barulheira, e puxando Constance pela mão eu avancei rumo aos degraus. Quando ficamos sob a luz

ela jogou o xale de tio Julian no rosto para escondê-lo.

Uma menininha saiu pela porta da frente carregando alguma coisa, e a mãe, logo atrás, segurou-a pela parte de trás do vestido e deu tapas em suas mãos. "Não enfia esse troço na boca", a mãe berrou, e a menininha largou um punhado dos biscoitos condimentados de Constance.

"Merricat, disse Constance, você não quer uma xícara de chá?"

"Merricat, disse Constance, você não quer ir dormir?"

"Ah não, disse Merricat, você vai me envenenar."

Tínhamos de descer os degraus e entrar no bosque para ficarmos seguras; não era longe, mas os faróis dos carros iluminavam o gramado. Eu me perguntava se Constance escorregaria e cairia ao correr em meio à luz, mas precisávamos chegar ao bosque e não havia outro jeito. Hesitamos perto da escada, nenhuma de nós ousando ir em frente, mas as janelas estavam sendo quebradas e lá dentro atiravam nossos pratos e nossos copos e nossa prataria e até as panelas que Constance usava para cozinhar; eu me perguntava se meu banquinho no canto da cozinha já teria sido destruído. Enquanto permanecíamos imóveis por mais um minuto, um carro subia a rampa e mais outro vinha atrás; pararam diante da casa, jogando mais luz sobre o gramado. "Mas que diabo, o que é que está *acontecendo* aqui?", exclamou Jim Clarke, saltando do primeiro carro, e Helen Clarke, do outro lado, abriu a boca e ficou encarando tudo. Gritando e empurrando, e sem nos ver, Jim Clarke cruzou a nossa porta e entrou na nossa casa, "Mas que diabo dos infernos, o que é que está *acontecendo* aqui?", ele não parava de repetir, e do lado de fora Helen Clarke não nos viu, apenas ficou olhando fixamente para nossa casa. "Seus malucos", Jim Clarke berrou lá dentro, "seu bando de malucos bêbados." O dr. Levy saiu do segundo carro e avançou em direção à casa. "Será que todo mundo aqui enlouqueceu?", Jim Clarke dizia lá dentro, e houve um surto de gargalhadas. "Você não quer uma xícara de chá?", alguém gritou lá dentro, e eles riram. "Tem que derrubar tijolo por tijolo", alguém disse.

O médico subiu a escadinha correndo e nos empurrou para o lado sem olhar. "Onde está Julian Blackwood?", perguntou a uma mulher junto à porta, e a mulher respondeu, "Está lá no cemitério, com a terra a engolir".

Estava na hora; segurei firme na mão de Constance e descemos os degraus com cuidado. Ainda não correria porque temia que Constance caísse, assim eu a levei

devagar escadinha abaixo; ninguém podia nos ver além de Helen Clarke, e ela estava contemplando a casa. Às nossas costas, ouvia Jim Clarke gritar; ele tentava fazer as pessoas saírem da nossa casa, e antes de chegarmos ao último degrau, escutamos vozes atrás de nós.

"Aí estão elas", alguém bradou, e acho que foi Stella. "Aí estão elas, aí estão elas, aí estão elas", e eu comecei a correr, mas Constance tropeçou e eles nos cercaram por todos os lados, empurrando e gargalhando e tentando se aproximar para ver. Constance tampava o rosto com o xale de tio Julian para que não pudessem vê-la, e por um instante ficamos imóveis, presas pela sensação das pessoas ao nosso redor.

"Ponham elas de volta dentro de casa e recomecem o incêndio."

"Nós arrumamos tudo direitinho para vocês, meninas, como vocês sempre quiseram."

"Merricat, disse Constance, você não quer uma xícara de chá?"

Durante um minuto terrível pensei que iriam juntar as mãos e dançar em volta de nós, cantando. Vi Helen Clarke ao longe, espremida contra a lateral do carro; ela chorava e dizia algo e embora não desse para escutá-la em meio ao barulho sabia que estava dizendo, "Eu quero ir para casa, por favor, quero ir para casa".

"Merricat, disse Constance, você não quer ir dormir?"

Tentavam não encostar em nós; sempre que me virava eles recuavam um pouco; uma vez, por entre dois ombros, vi Harler do ferro-velho perambulando na varanda de nossa casa, catando coisas e colocando-as de lado numa pilha. Eu me mexi um pouco, segurando firme a mão de Constance, e quando recuaram nós saímos correndo de repente, em direção às árvores, mas a esposa de Jim Donell e a sra. Mueller se postaram diante de nós, rindo e esticando os braços, então paramos. Eu me virei e dei um puxão em Constance, e corremos, mas Stella e os meninos da família Harris passaram na nossa frente, gargalhando, e os meninos Harris berrando, "Lá no cemitério, com a terra a engolir", e paramos. Depois me virei em direção à casa, correndo de novo e puxando Constance atrás de mim, e Elbert o comerciante e sua esposa gananciosa estavam lá, esticando os braços para nos deter, quase dançando juntos, e paramos. Então fui para o lado, e Jim Donell parou à nossa frente, e paramos.

"Ah não, disse Merricat, você vai me envenenar", Jim Donell disse polidamente, e eles nos rodearam de novo, fazendo um círculo e tomando o cuidado de se manterem

fora do nosso alcance. "Merricat, disse Constance, você não quer ir dormir?" Acima de tudo havia a gargalhada, praticamente abafando o canto e os gritos e os uivos dos meninos da família Harris.

"Merricat, disse Constance, você não quer uma xícara de chá?"

Constance se segurava em mim com uma das mãos e com a outra tampava o rosto com o xale de tio Julian. Percebi uma abertura no círculo ao nosso redor e de novo corri em direção às árvores, mas todos os meninos Harris estavam lá, um no chão de tanto gargalhar, e paramos. Tornei a me virar e corri para a casa, mas Stella se adiantou, e paramos. Constance se atrapalhava e eu me perguntava se cairíamos no chão na frente deles, ficaríamos deitadas ali onde poderiam nos pisotear com suas danças, e fiquei imóvel: não tinha como deixar que Constance caísse na frente deles.

"Agora chega", Jim Clarke disse da varanda. Sua voz não era alta, mas todos escutaram. "Já basta", ele disse. Houve um breve silêncio respeitoso, e então alguém disse, "Lá no cemitério, com a terra a engolir", e a gargalhada se ergueu.

"Escutem o que vou dizer", pediu Jim Clarke, levantando a voz, "escutem o que vou dizer. Julian Blackwood morreu."

Então enfim fizeram silêncio. Após um instante Charles Blackwood disse do meio da multidão ao nosso redor: "Ela matou ele?". Eles se afastaram de nós, dando passos pequenos e lentos, recuando, até haver um amplo espaço vazio à nossa volta e Constance nitidamente tapando o rosto com o xale de tio Julian. "Ela matou ele?", Charles Blackwood tornou a perguntar.

"Ela não matou", disse o médico, parado na soleira da porta de nossa casa. "Julian morreu como eu sempre soube que morreria; fazia muito tempo que ele vinha esperando."

"Agora vão embora em silêncio", Jim Clarke disse. Começou a pegar as pessoas pelos ombros, empurrando-as de leve pelas costas, virando-as para seus carros e a rampa. "Vão logo", ele pediu, "Houve uma morte nesta casa."

O silêncio era tamanho, apesar das muitas pessoas andando pelo gramado e se retirando, que ouvi Helen Clarke lamentar, "Coitado do Julian".

Dei um passo cauteloso rumo à escuridão, puxando Constance um pouquinho para que me seguisse. "Coração", o médico afirmou da varanda, e eu subi mais um degrau. Ninguém se virou para nos olhar. Portas de carros bateram suavemente e motores foram ligados. Olhei para trás uma vez. Um grupinho estava parado em torno do

médico na escadinha. A maioria das luzes se voltava para outra direção, descendo a rampa de carros. Quando sentia as sombras das árvores incidirem sobre nós, fui rápida; mais um passo e entramos. Puxando Constance, me precipitei embaixo das árvores, na escuridão; ao sentir meus pés deixarem a grama da entrada e tocarem o macio solo musguento da trilha que atravessava o bosque e ao me dar conta de que as árvores nos cercavam, eu estanquei e pus os braços ao redor de Constance. "Acabou tudo", anunciei, e a apertei com força. "Está tudo bem", eu disse, "agora está tudo bem."

Conhecia o caminho nas trevas ou na luz. Teve um momento em que pensei que bom foi ter arrumado meu esconderijo e o renovado, pois agora seria aprazível para Constance. Eu a cobriria de folhas, como as crianças de uma história, e a manteria em segurança e quentinha. Talvez cantasse para ela e lhe contasse histórias; lhe traria frutas coloridas e amoras e água em um copo de folha. Um dia iríamos à lua. Achei a entrada do meu esconderijo e conduzi Constance até lá e a levei ao canto onde havia uma pilha nova de folhas e um cobertor. Empurrei-a com delicadeza até ela se sentar e tirei o xale de tio Julian da mão dela e a cobri com ele. Um ronronado baixinho veio do canto e entendi que Jonas ficara me esperando ali.

Pus galhos na entrada; mesmo se viessem com luzes não nos veriam. Não era uma escuridão total; conseguia enxergar a sombra que era Constance, e quando encostei a cabeça vi duas ou três estrelas, brilhando ao longe entre as folhas e os galhos e sobre a minha cabeça.

Uma das estatuetas de Dresden de nossa mãe se quebrou, pensei, e falei em voz alta para Constance, "Vou pôr morte na comida deles todos e ver eles morrendo".

Constance se agitou, e as folhas farfalharam. "Que nem você fez antes?", ela indagou.

Nós duas nunca tínhamos falado do assunto, nem sequer uma vez em seis anos.

"Isso", respondi após um instante, "que nem eu fiz antes."

9

Em algum momento durante a noite uma ambulância surgiu e levou tio Julian embora, e me perguntei se teriam sentido falta de seu xale, enrolado em volta de Constance enquanto ela dormia. Vi as luzes da ambulância se virando na rampa de carros, com a luzinha vermelha no alto, e escutei os ruídos distantes da partida de tio Julian, as vozes falando com suavidade devido à presença do morto, e as portas se abrindo e fechando. Nos chamaram duas ou três vezes, talvez para perguntar se poderiam levar tio Julian, mas suas vozes eram brandas e ninguém entrou no bosque. Sentei à margem do riacho, desejando ter sido mais gentil com tio Julian. Ele acreditara que eu estava morta, e agora era ele quem estava morto; curvem-se diante de nossa adorada Mary Katherine, pensei, ou morrerão.

A água corria com sonolência na escuridão e eu me perguntava que tipo de casa teríamos agora. Talvez o fogo tivesse destruído tudo e voltássemos no dia seguinte e descobríssemos que os últimos seis anos haviam sido queimados e eles nos aguardavam, sentados em torno da mesa da sala de jantar esperando Constance lhes servir o jantar. Talvez nos pegássemos na casa Rochester, ou morando no vilarejo ou em um barco no rio ou na torre no alto de um morro; talvez o fogo pudesse ser convencido a se reverter e abandonar nossa casa e em vez disso destruir o vilarejo; talvez agora os moradores estivessem todos mortos. Talvez o vilarejo fosse na verdade um grande jogo de tabuleiro, com os quadradinhos bem demarcados, e eu tivesse conseguido passar a casa em que estava escrito "Incêndio; volte ao Começo", e agora estivesse nos últimos espaços, faltando só mais uma rodada para chegar em casa.

A pelugem de Jonas cheirava a queimado. Hoje era o dia de Helen Clarke vir para o chá, mas hoje não haveria chá, pois teríamos de arrumar a casa, embora não fosse o dia normal de arrumação da casa. Queria que Constance tivesse preparado sanduíches para levarmos ao riacho, e me perguntava se Helen Clarke tentaria vir para o chá apesar da casa não estar pronta. Resolvi que dali em diante eu não teria

permissão para entregar xícaras de chá.

Quando começou a clarear ouvi Constance se mexer nas folhas e fui para o meu esconderijo para estar perto dela quando acordasse. Quando abriu os olhos, olhou primeiro as árvores sobre sua cabeça e depois para mim, e sorriu.

"Finalmente estamos na lua", informei a ela, e ela sorriu.

"Achei que tinha sonhado com aquilo tudo", ela disse.

"Aconteceu de verdade", respondi.

"Coitado do tio Julian."

"Eles vieram de noite e o levaram embora, e nós ficamos aqui na lua."

"Fico contente de estar aqui", ela disse. "Obrigada por ter me trazido."

Havia folhas em seu cabelo e terra no rosto, e Jonas, que me seguira até o esconderijo, a encarava, surpreso; nunca tinha visto Constance de rosto sujo. Por um instante ela ficou em silêncio, sem mais sorrir, retribuindo o olhar de Jonas, se dando conta de que estava suja, e então ela disse, "Merricat, o que é que a gente vai fazer?".

"Primeiro a gente tem que arrumar a casa, apesar de não ser o dia certo."

"A casa", ela disse. "Ah, Merricat."

"Não jantei ontem à noite", eu lhe disse.

"Ah, *Merricat*." Ela se recostou e se desvencilhou logo do xale de tio Julian e das folhas; "Ah, Merricat, pobrezinha", ela exclamou. "Vamos correndo", e ela se esforçou para se levantar.

"Primeiro é melhor você lavar o rosto."

Ela foi ao riacho e molhou o lenço e esfregou o rosto enquanto eu balançava o xale de tio Julian e o dobrava pensando em como tudo estava esquisito e do avesso esta manhã; nunca tinha tocado no xale de tio Julian. Já percebia que as regras seriam diferentes, mas era estranho dobrar o xale de tio Julian. Mais tarde, pensei, eu voltaria ali ao meu esconderijo e o limparia, e poria folhas novas.

"Merricat, você vai morrer de fome."

"Temos que ficar de olho", expliquei, segurando a mão dela para desacelerá-la. "A gente tem que ir sem fazer barulho e com muito cuidado; pode ser que alguns deles ainda estejam por aí, esperando."

Entrei na trilha primeiro, caminhando em silêncio, com Constance e Jonas atrás de mim. Constance não pisava com a suavidade que eu conseguia ter, mas fez pouquíssimo barulho e é claro que Jonas não fez ruído nenhum. Tomei o rumo que

dava do bosque até os fundos da casa, perto da horta, e quando cheguei aos limites do bosque parei e detive Constance enquanto olhávamos com atenção se ainda havia alguém por perto. Em um primeiro instante vimos apenas a horta e a porta da cozinha, exatamente como antes, e então Constance perdeu o fôlego e disse, "Ah, *Merricat*", com um gemidinho, e eu fiquei perfeitamente imóvel, pois a parte de cima de nossa casa havia sumido.

Lembrei que tinha ficado parada olhando nossa casa com amor na véspera, e pensado em como sempre tinha sido tão alta, alcançando as árvores. Hoje a casa terminava na soleira da porta da cozinha em um pesadelo de madeira negra e retorcida; vi parte da moldura de uma janela ainda amparando a vidraça quebrada e pensei: essa era a minha janela; eu olhava por essa janela quando estava no meu quarto.

Não havia ninguém ali, e nenhum barulho. Caminhamos juntas bem devagar em direção à casa, tentando entender sua feiura e ruína e vergonha. Percebi que as cinzas tinham caído entre as plantas da horta; a alface teria de ser lavada para que eu pudesse comê-la, além dos tomates. O fogo não fora para aquele lado, mas tudo, a grama e as macieiras e o banco de mármore no jardim de Constance, tinha um ar fumegante e tudo estava sujo. À medida que nos aproximávamos da casa víamos com mais clareza que o fogo não havia atingido o térreo, mas havia se contentado com os quartos e o sótão. Constance hesitou na porta da cozinha, mas já a abrira milhares de vezes antes e sem dúvida ela reconheceria o toque de sua mão, então ela pegou o ferrolho e o levantou. A casa pareceu estremecer quando ela abriu a porta, embora mais uma brisa dificilmente fosse capaz de esfriá-la agora. Constance teve de empurrar a porta para abri-la, mas nenhuma viga queimada despencou, e não houve, como eu meio que imaginei que haveria, uma súbita precipitação do todo, como se a casa, aparentemente sólida mas na verdade feita apenas de cinzas, pudesse se dissolver com um toque.

"Minha cozinha", Constance disse. "Minha cozinha."

Ela parou na porta, observando. Pensei que de algum modo não tínhamos achado o caminho certo no meio da noite, que de algum modo tínhamos nos perdido e voltado por meio da brecha errada no tempo, ou a porta errada, ou o conto de fadas errado. Constance pôs a mão no batente da porta para se equilibrar, e repetiu, "Minha cozinha, Merricat".

"Meu banquinho continua ali", constatei.

O obstáculo que dificultava a abertura da porta era a mesa da cozinha, caída de lado. Endireitei-a e fomos lá para dentro. Duas das cadeiras foram quebradas, e o chão estava um horror, com pratos e copos estilhaçados e caixas de comida destruídas e papéis das prateleiras rasgados. Potes de geleia e calda e ketchup tinham sido atirados contra a parede. A pia em que Constance lavava a louça estava cheia de vidros quebrados, como se copo atrás de copo tivesse sido jogado ali metodicamente, um seguido do outro. Gavetas de prataria e utensílios de cozinha foram puxados e quebrados na mesa e nas paredes, e a prataria que estava na casa havia gerações de esposas dos Blackwood estava torta e espalhada pelo chão. Toalhas de mesa e guardanapos embainhados pelas mulheres da família Blackwood e lavados e passados inúmeras vezes, remendados e acarinhados, foram arrancados do aparador da sala de jantar e arrastados até a cozinha. Parecia que toda a riqueza e os tesouros escondidos de nossa casa haviam sido descobertos e rasgados e maculados; vi pratos quebrados que tinham saído das prateleiras mais altas do armário da cozinha, e nosso açucareiro pequeno com rosas estava praticamente aos meus pés, as asas desaparecidas. Constance se abaixou e pegou uma colher de prata. "É a estampa que foi usada no casamento da nossa avó", ela disse, e pôs a colher em cima da mesa. Em seguida, falou "As conservas" e se virou rumo ao porão; a porta estava fechada, e eu esperava que talvez não as tivessem visto, ou que talvez não tivessem tido tempo de descer a escada. Constance escolheu bem onde pisar e abriu a porta do porão e olhou para baixo. Pensei nos potes e mais potes tão belamente conservados em montes de cacos grudentos no porão, mas Constance desceu um ou dois degraus e declarou, "Não, está tudo bem: não tocaram em nada aqui". Ela fechou a porta e abriu caminho até a pia para lavar as mãos e secá-las num pano de prato pego do chão. "Primeiro, seu café da manhã", ela disse.

Jonas se sentou na entrada sob a luz do sol cada vez mais forte, olhando a cozinha com assombro; chegou a levantar os olhos para mim uma vez, e me perguntei se ele achava que Constance e eu tínhamos feito aquela bagunça. Vi uma xícara que não estava quebrada, peguei e coloquei em cima da mesa, e então pensei em procurar mais objetos que poderiam ter escapado. Lembrei que uma das estatuetas de Dresden de nossa mãe havia se salvado ao rolar pelo gramado e me perguntei se tinha se escondido bem e se preservado; eu a procuraria mais tarde.

Nada estava em ordem, nada fora planejado; não era um dia qualquer. Constance

foi ao porão e voltou com os braços cheios. "Sopa de legumes", ela disse, quase cantando, "e geleia de morango, e canja de galinha, e bife em salmoura." Ela arrumou os potes na mesa da cozinha e se virou devagar, olhando para o chão. "Pronto", disse enfim, e foi ao canto para recolher uma panelinha de molho. Então, numa sacada repentina, largou a panelinha e foi à despensa. "Merricat", ela chamou em meio a risos, "eles não viram a farinha no barril. Nem o sal. Nem as batatas."

Acharam o açúcar, pensei. O assoalho estava arenoso e praticamente vivo sob meus pés, e eu pensei é claro; é claro que iriam procurar o açúcar e se divertir à beça; vai ver que tinham jogado punhados de açúcar uns nos outros, berrando, "Açúcar Blackwood, açúcar Blackwood, quer provar?".

"Eles mexeram nas prateleiras da despensa", Constance prosseguiu, "nos cereais e nos temperos e nos enlatados."

Caminhei lentamente pela cozinha, observando o chão. Imaginei que provavelmente tivessem derrubado coisas às braçadas, visto que latas de comida estavam espalhadas e amassadas como se atiradas ao ar, e as caixas de cereais e chás e biscoitos amassadas sob os pés e abertas pelos rasgos. As latas de temperos estavam todas juntas, jogadas em um canto, fechadas; imaginei ainda sentir o cheiro fraco dos biscoitos condimentados de Constance e em seguida vi alguns deles, esmigalhados no chão.

Constance saiu da despensa carregando um pão. "Olha só o que eles não acharam", ela disse, "e tem ovo e leite e manteiga na geladeira." Como não tinham encontrado a porta do porão, não tinham encontrado a geladeira logo ali dentro, e fiquei contente por não terem descoberto os ovos para misturá-los à bagunça do chão.

De uma só vez vi três cadeiras quebradas e as pus no lugar que lhes cabia, em volta da mesa. Jonas estava acomodado no meu canto, no meu banco, nos observando. Tomei canja de galinha em uma xícara sem asa e Constance lavou uma faca para espalhar manteiga no pão. Apesar de não ter notado naquela hora, o tempo e a estrutura sistemática de nossos dias passados haviam terminado; não sei quando achei as três cadeiras e quando comi o pão com manteiga, se achei as cadeiras e depois comi pão ou se comi primeiro ou até se fiz as duas coisas ao mesmo tempo. Constance se virou de repente e largou a faca; se dirigiu à porta fechada do quarto de tio Julian e então deu meia-volta, sorrindo de leve. "Tive a impressão de ouvir ele acordar", ela disse, e tornou a se sentar.

Ainda não tínhamos saído da cozinha. Ainda não sabíamos quanto da casa nos

restava ou o que talvez nos aguardasse atrás das portas da sala de jantar e do corredor. Ficamos na cozinha, em silêncio, gratas pelas cadeiras e a canja de galinha e o sol que entrava pela porta, e ainda despreparadas para ir em frente.

"O que é que eles vão fazer com tio Julian?", perguntei.

"Vão fazer um funeral", Constance explicou com tristeza. "Você se lembra dos outros?"

"Eu estava no orfanato."

"Eles me deixaram ir aos funerais dos outros. Eu lembro. Vão fazer um funeral para o tio Julian, e os Clarke vão comparecer, e os Carrington, e certamente a pequena sra. Wright. Vão trocar palavras sobre a tristeza que estão sentindo. Vão ficar olhando se a gente está lá."

Eu os senti olhando se a gente estava lá e estremeci.

"Vão enterrá-lo junto com os outros."

"Eu queria enterrar alguma coisa pelo tio Julian", declarei.

Constance se calou, observando os dedos inertes e longos sobre a mesa. "O tio Julian morreu, e os outros", ela concluiu. "Boa parte da nossa família se foi, Merricat; só restou a gente."

"Jonas."

"Jonas. Agora a gente vai se trancafiar mais do que nunca."

"Mas hoje é o dia em que a Helen Clarke aparece para o chá."

"Não", ela respondeu. "De novo não. Não aqui."

Enquanto ficássemos ali quietas na cozinha seria possível adiar a verificação do resto da casa. Os livros da biblioteca continuavam na prateleira, intocados, e eu imaginei que ninguém tivesse sentido vontade de tocar nos livros que pertenciam à biblioteca; havia multa, afinal de contas, pela destruição de bens da biblioteca.

Constance, que sempre dançava, agora parecia não querer nem se mexer; ficou sentada à mesa da cozinha com as mãos esticadas à sua frente, sem olhar a destruição ao redor, e quase sonhando, como se nunca tivesse acreditado que havia acordado naquela manhã. "Temos que arrumar a casa", eu lhe disse em tom relutante, e ela me lançou um sorriso.

Quando senti que não poderia mais esperá-la, disse, "Vou dar uma olhada", e me levantei e fui até a porta da sala de jantar. Ela me observou, imóvel. Ao abrir a porta da sala de jantar senti o odor chocante de umidade e madeira queimada e destruição,

e vidro das janelas largas caído no chão e o aparelho de chá de prata derrubado do aparador e transformado em figuras grotescas, irreconhecíveis. As cadeiras também estavam quebradas; me lembrava de terem pegado as cadeiras e as lançado contra as janelas e paredes. Atravessei a sala de jantar e entrei no hall. A porta da frente estava escancarada, e o sol matutino formava desenhos no chão do hall, encostando nos cacos de vidro e tecidos rasgados; passado um minuto reconheci no pano a cortina da sala de visitas que nossa mãe fizera com quatro metros de comprimento. Não havia ninguém lá fora; fiquei parada diante da porta aberta e vi que o gramado estava marcado por pneus de carros e os pés que haviam dançado, e por onde as mangueiras tinham passado havia poças e lama. A varanda estava imunda, e me lembrei da pilha organizada de móveis parcialmente quebrados que Harler o sucateiro tinha montado na noite anterior. Fiquei pensando se ele planejara vir hoje com uma caminhonete e recolher tudo o que pudesse, ou se tinha feito a pilha apenas porque adorava enormes pilhas de objetos quebrados e não resistia a empilhar sucata sempre que achava. Esperei junto à porta para ter certeza de que ninguém me observava e então desci os degraus correndo rumo ao gramado e achei a estatueta inteira de Dresden de nossa mãe no lugar onde fora escondida, nas raízes de um arbusto; pensei em levá-la para Constance.

Ela continuava sentada quietinha à mesa da cozinha, e quando pus a estatueta de Dresden à sua frente, ela a contemplou por um instante e depois a pegou nas mãos e a apertou contra a bochecha. "Foi tudo culpa minha", ela afirmou. "De um jeito ou de outro foi tudo culpa minha."

"Eu te amo, Constance", eu disse.

"E eu amo você, Merricat."

"E você pode fazer aquele bolinho para o Jonas e para mim? Glacê rosa, com folhas douradas na borda?"

Ela balançou a cabeça e por um momento imaginei que não fosse me responder, e então ela respirou fundo e se levantou. "Primeiro", anunciou, "vou limpar esta cozinha."

"O que é que você vai fazer com isto aqui?", perguntei a ela, tocando na estatueta de Dresden com a pontinha do dedo.

"Botar de volta no lugar dela", ela disse, e fui atrás quando ela abriu a porta do corredor e foi do corredor até a porta da sala de visitas. O corredor estava menos

emporcalhado do que os quartos, pois havia menos coisa a estraçalhar, mas havia fragmentos tirados da cozinha, e pisamos em colheres e pratos jogados ali. Entrei em choque quando chegamos à sala de visitas e vimos o retrato de nossa mãe nos olhando graciosamente com sua sala destruída ao seu redor. O acabamento branco de bolo de noiva foi escurecido pela fumaça e pela fuligem e jamais ficaria limpo outra vez; gostei de ver a sala de visitas ainda menos do que a cozinha e a sala de jantar, já que sempre a mantínhamos tão limpa, e nossa mãe amava aquele cômodo. Eu me perguntei quem tinha derrubado a harpa de Constance e me lembrei de ter ouvido seu som ao cair. O brocado de rosas nas poltronas estava rasgado e sujo, manchado pelas marcas dos pés molhados que as chutaram e as estamparam no sofá. As janelas dali também estavam quebradas, e com a cortina arrancada estávamos visíveis para o lado de fora.

"Acho que dá para fechar as persianas", eu disse, enquanto Constance hesitava na porta, sem vontade de avançar sala adentro. Entrei na varanda pela janela quebrada, pensando que ninguém jamais chegara ali daquele jeito, e descobri que era fácil destravar as persianas. Elas eram tão altas quanto as janelas; originalmente, a intenção era de que um homem com uma escada fechasse as persianas quando o verão acabasse e a família fosse para a casa na cidade, mas tantos anos haviam transcorrido desde que as persianas foram fechadas que os ganchos tinham enferrujado, e eu precisei apenas sacudir as pesadas persianas para puxar os ganchos da parede da casa. Balancei as persianas para fechá-las, mas só conseguia alcançar o ferrolho mais baixo para travá-las; havia mais dois ferrolhos bem acima da minha cabeça; talvez uma noite eu fosse ali com uma escada, mas a trava mais baixa teria de segurá-las por enquanto. Depois de fechar as persianas de ambas as janelas altas da sala de visitas, percorri a varanda e entrei, com formalidade, pela porta da frente e na sala de visitas onde agora Constance estava parada na semiescuridão, sem a luz do sol. Constance foi à cornija da lareira e pôs a estatueta de Dresden no lugar sob o retrato de nossa mãe, e por um breve minuto o espaçoso cômodo escuro se uniu de novo, como deveria ser, e então se despedaçou para sempre.

Tínhamos de tomar cuidado ao andar por causa dos objetos quebrados no chão. O cofre de nosso pai estava ao lado da porta da sala de visitas, e eu ri e até Constance sorriu, já que não havia sido aberto e era óbvio que fora impossível levá-lo para além daquele ponto. "Loucura", disse Constance, que tocou o cofre com o dedo do pé.

Nossa mãe sempre ficava contente quando as pessoas admiravam sua sala de visitas,

mas agora ninguém poderia se aproximar das janelas e olhar para dentro, e ninguém jamais tornaria a vê-la. Constance e eu fechamos a porta da sala de visitas ao sair e depois não voltamos a abri-la. Constance esperava ao lado da porta da frente enquanto eu ia novamente à varanda e fechava as persianas sobre as janelas altas da sala de jantar, e então entrei e trancamos a porta da frente e estávamos a salvo. O corredor estava escuro, com duas linhas estreitas de luz do sol entrando pelas duas vidraças estreitas nas laterais da porta; podíamos olhar lá fora através do vidro, mas ninguém via lá dentro, nem olhando de pertinho, pois o corredor estava na escuridão. Acima de nós, a escada estava preta e levava às trevas ou a quartos queimados com, o que era incrível, pontinhos de céu aparecendo. Até agora, o telhado sempre nos escondera do céu, mas eu não achava que havia alguma maneira de ficarmos vulneráveis do alto, e fechei a mente contra a ideia de criaturas aladas silenciosas saindo de árvores para se empoleirarem nas vigas queimadas e quebradas de nossa casa, espiando lá embaixo. Imaginei que seria sensato fazer uma barricada na escada colocando alguma coisa — uma cadeira quebrada, quem sabe — na frente dela. Um colchão, encharcado e imundo, estava no meio da escada; era lá que haviam ficado com as mangueiras e lutado para o fogo recuar e estancar. Parei ao pé da escada, olhando para cima, me perguntando aonde nossa casa teria ido, as paredes e assoalhos e as camas e as caixas de objetos no sótão; o relógio de nosso pai fora consumido pelo fogo, além das caixinhas em padrão tartaruga. Sentia o sopro de ar na minha face; vinha do céu que eu enxergava, mas tinha cheiro de fumaça e ruína. Nossa casa era um castelo, com torres e aberta ao céu.

"Volta para a cozinha", Constance pediu. "Não posso ficar aqui."

Assim como crianças caçando conchas, ou duas senhorinhas revirando folhas mortas à procura de moedinhas, arrastávamos os pés no chão da cozinha, mexendo no lixo de coisas quebradas a fim de achar algo ainda inteiro e útil. Depois de examinarmos a cozinha de cabo a rabo e na diagonal, acumulamos uma pilha pequena de objetos úteis sobre a mesa, e havia coisas suficientes para nós duas. Havia duas xícaras com asas e várias sem, e meia dúzia de pratos, e três tigelas. Conseguimos salvar todas as latas de comida intactas e as latas de condimentos foram organizadas na prateleira delas. Achamos boa parte da prataria e também endireitamos boa parte da melhor maneira possível e colocamos de volta nas gavetas corretas. Como todas as noivas da família Blackwood tinham levado suas pratarias e louças e artigos de banho

e mesa para a casa, sempre tivemos dezenas de facas de manteiga e conchas de sopa e pás de bolo; os melhores talheres de nossa mãe ficavam em uma caixa à prova de embaçamento no aparador da sala de jantar, mas eles os haviam encontrado e espalhado no chão.

Uma de nossas xícaras inteiras era verde com o interior amarelo pálido, e Constance disse que eu poderia ficar com ela. "Nunca vi ninguém usando", ela disse. "Imagino que a avó ou a tia-bisavó de alguém tenha trazido esse jogo para a casa porque foi a louça do casamento. Antes tinha pratos combinando." A xícara escolhida por Constance era branca com flores laranja, e um dos pratos combinava com ela. "Lembro de quando usávamos esses pratos", Constance disse; "eles eram os pratos do dia a dia quando eu era pequenininha. A melhor louça naquela época era branca com bordas douradas. Então a mãe comprou novas louças melhores, e a louça branca e dourada passou a ser usada no dia a dia e estes pratos floridos foram para a prateleira da despensa junto com os outros conjuntos dos quais só sobrava a metade. Nestes últimos anos sempre usei a louça que a mãe usava no dia a dia, a não ser quando Helen Clarke vinha tomar chá. Nós vamos fazer as refeições feito damas", ela disse, "usando xícaras com asas."

Quando juntamos tudo o que queríamos e poderíamos usar, Constance pegou a vassoura pesada e empurrou todo o entulho para a sala de jantar. "Agora a gente não precisa mais ver", ela disse. Limpou o corredor para que pudéssemos ir da cozinha para a porta da frente sem atravessar a sala de jantar e depois fechamos todas as portas que davam na sala de jantar e nunca mais as abrimos. Pensei na estatueta de Dresden pequenina e corajosa sob o retrato de nossa mãe na sala de visitas escura e lembrei que jamais voltaríamos a espaná-la. Antes de Constance varrer o tecido rasgado que era a cortina da sala de visitas eu pedi que ela me cortasse um pedaço do cordão que antigamente a abria e fechava, e ela cortou um pedaço com borla dourada na ponta; me perguntava se seria o objeto certo a enterrar em homenagem ao tio Julian.

Quando terminamos e Constance esfregou o piso da cozinha nossa casa pareceu limpa e nova; da porta da frente à porta da cozinha tudo estava asseado e varrido. Tantas coisas haviam sumido da cozinha que ela parecia vazia, mas Constance pôs nossas xícaras e pratos e tigelas na prateleira, e achou uma caçarola para servir o leite de Jonas, e estávamos bastante seguras. A porta da frente estava trancada e a porta da

cozinha estava trancada e aferrolhada e estávamos sentadas à mesa tomando leite em nossas duas xícaras e Jonas bebia de sua caçarola quando ouvimos batidas na porta da frente. Constance correu para o porão e eu me contive só até ter a certeza de que a porta da cozinha estava aferrolhada, então fui atrás dela. Nos sentamos na escada do porão, no escuro, e prestamos atenção. Ao longe, na porta da frente, as batidas continuavam, e depois uma voz chamou, "Constance? Mary Katherine?".

"É Helen Clarke", Constance disse num sussurro.

"Você acha que ela veio para o chá?"

"Não. Nunca mais."

Assim como nós duas sabíamos que ela faria, ela deu a volta na casa chamando nossos nomes. Quando bateu na porta da cozinha, prendemos a respiração, nenhuma das duas se mexendo, já que a metade de cima da porta da cozinha era de vidro e sabíamos que ela poderia ver lá dentro, mas estávamos seguras na escada do porão e ela não conseguiria abrir a porta.

"Constance? Mary Katherine? Vocês estão *aí dentro*?" Ela sacudiu a maçaneta como as pessoas fazem quando querem que a porta se abra e pensam em pegá-la desprevenida e entrar de fininho antes que a trava se ajuste. "Jim", ela chamou, "eu *sei* que elas estão lá dentro. Dá para ver que tem alguma coisa no fogão. Você tem que abrir a porta", ela mandou, levantando a voz. "Constance, vem aqui conversar comigo; eu quero te ver. Jim", ela disse, "elas estão lá dentro e estão me ouvindo, eu sei disso."

"Tenho certeza de que elas estão te ouvindo", Jim Clarke concordou. "Deve estar dando para te ouvir lá do vilarejo."

"Mas eu tenho certeza de que elas entenderam mal o pessoal de ontem à noite; tenho certeza de que Constance ficou chateada, e eu *preciso* falar para elas que ninguém quis ofender. Constance, me escuta, por favor. Nós queremos que você e a Mary Katherine venham para a nossa casa até a gente resolver o que fazer com vocês. Está tudo bem, de verdade; vamos esquecer tudo o que aconteceu."

"Você acha que ela vai derrubar a casa?", sussurrei para Constance, e Constance balançou a cabeça sem dizer nada.

"Jim, acha que dá para você arrombar a porta?"

"Com certeza não. Deixa as duas em paz, Helen, elas vão sair quando estiverem prontas."

"Mas Constance leva essas coisas *tão a sério*. Garanto que ela está amedrontada."

"Deixa as duas em paz."

"Não se pode deixar as duas sozinhas, essa é a pior atitude possível para elas. Eu quero que saiam daí e venham para casa comigo, onde posso cuidar delas."

"Parece que elas não querem ir", Jim Clarke disse.

"Constance? Constance? Eu sei que você está aí dentro; vem abrir a porta."

Pensei que poderíamos muito bem botar um pano ou um papelão para cobrir a janela da porta da cozinha; seria simplesmente insuportável lidar com Helen Clarke volta e meia espiando e vendo panelas no fogão. Podíamos prender as cortinas em cima das janelas da cozinha, e talvez se as janelas fossem todas cobertas pudéssemos ficar quietas em volta da mesa quando Helen Clarke viesse bater na porta e não precisássemos nos esconder na escada do porão.

"Vamos embora", Jim Clarke pediu. "Elas não vão te atender."

"Mas eu quero levá-las para casa comigo."

"A gente fez o que pôde. A gente volta outra hora, quando elas estiverem com mais vontade de te ver."

"Constance? Constance, *por favor*, me responde."

Constance suspirou e tamborilou com irritação e quase sem fazer barulho no corrimão da escada. "Queria que ela fosse logo", ela disse no meu ouvido, "a minha sopa vai ferver."

Helen Clarke chamou diversas vezes, dando a volta na casa para chegar ao carro, gritando "Constance? Constance?" como se pudéssemos estar em algum lugar do bosque, talvez no alto de uma árvore, ou debaixo das folhas de alface, ou esperando atrás de um arbusto. Quando escutamos o carro arrancar, à distância, saímos do porão e Constance apagou o fogo da sopa e eu passei pelo corredor a caminho da porta da frente para me assegurar de que tinham mesmo ido embora e de que a porta estava bem trancada. Vi o carro virar no final da rampa e imaginei ainda ser capaz de ouvir Helen Clarke chamar, "Constance? Constance?".

"Sem dúvida ela queria tomar o chá dela", disse a Constance quando voltei à cozinha.

"Nós temos só duas xícaras com asas", disse Constance. "Ela nunca mais vai tomar chá aqui."

"Que bom que o tio Julian partiu, senão uma de nós teria que usar uma xícara quebrada. Você vai arrumar o quarto do tio Julian?"

"Merricat." Constance se virou do fogão para me encarar. "O que é que a gente vai fazer?"

"Nós arrumamos a casa. Temos comida. Nos escondemos da Helen Clarke. O que *é que* a gente vai fazer?"

"Onde é que a gente vai dormir? Como a gente vai saber que horas são? Que roupas a gente vai usar?"

"Para que a gente precisa saber que horas são?"

"Nossa comida não vai durar para sempre, nem as conservas."

"A gente pode dormir no meu esconderijo perto do riacho."

"Não. Tudo bem como esconderijo, mas você precisa de uma cama de verdade."

"Eu vi um colchão na escada. Vai ver que é da minha cama antiga. A gente pode puxar pra baixo e lavar e deixar secar ao sol. Um dos cantos está queimado."

"Ótimo", disse Constance. Fomos juntas até a escada e seguramos o colchão de uma forma desajeitada; estava repulsivamente úmido e sujo. Nós o arrastamos, puxando juntas pelo corredor, com pedacinhos de madeira e vidro grudando nele, e conseguimos empurrá-lo pelo chão limpo da cozinha de Constance até a porta. Antes de destrancá-la olhei para fora com atenção, e mesmo de porta aberta saí primeiro para olhar em todas as direções, mas era seguro. Puxamos o colchão até o gramado e o colocamos no sol, perto do banco de mármore de nossa mãe.

"Tio Julian se sentava bem aqui", comentei.

"Seria um bom dia, hoje, para o tio Julian ficar sentado ao sol."

"Espero que tenha ficado quentinho quando morreu. Quem sabe não se lembrou do sol por um instante."

"Eu estava com o xale dele; espero que ele não tenha sentido falta. Merricat, vou plantar alguma coisa aqui, onde ele se sentava."

"Eu vou enterrar alguma coisa em homenagem a ele. O que é que você vai plantar?"

"Uma flor." Constance se curvou e tocou o gramado com delicadeza. "Alguma flor amarela."

"Vai ficar engraçado, bem no meio do gramado."

"A gente vai saber por que ela está aí, e ninguém nunca vai ver."

"E eu vou enterrar alguma coisa amarela, para manter o tio Julian quentinho."

"Mas primeiro, minha Merricat preguiçosa, você vai pegar um pote de água e esfregar o colchão até ele ficar limpo. E eu vou lavar o chão da cozinha outra vez."

Seríamos muito felizes, pensei. Havia inúmeras coisas para fazer, e uma estrutura totalmente nova de dias para organizar, mas pensei que seríamos muito felizes. Constance estava pálida, e ainda entristecida pelo que haviam feito com sua cozinha, mas tinha esfregado cada uma das prateleiras e limpado a mesa diversas vezes, e lavado as janelas e o assoalho. Nossos pratos ocupavam suas prateleiras com valentia e as latas e caixas de comida intactas que resgatamos formavam uma fileira considerável na despensa.

"Eu podia treinar Jonas para nos trazer coelhos para a gente fazer ensopado", eu lhe disse, e ela riu e Jonas olhou para ela com serenidade.

"Esse gato está tão acostumado a viver de bolinho de baunilha e rum e ovo amanteigado que eu duvido que ele seja capaz de pegar um gafanhoto", ela disse.

"Acho que eu não ia gostar muito de ensopado de gafanhoto."

"De qualquer forma, *agorinha* mesmo vou fazer uma torta de cebola."

Enquanto Constance lavava a cozinha descobri uma caixa de papelão pesada que desmontei com cuidado, e assim obtive vários pedaços grandes de papelão para tampar a parte de vidro da porta da cozinha. O martelo e os pregos estavam no galpão onde Charles Blackwood os deixara depois de tentar arrumar o degrau estragado, e eu preguei papelão na porta da cozinha até o vidro ser totalmente coberto e ninguém conseguir espiar lá dentro. Preguei mais papelão nas duas janelas da cozinha e o ambiente ficou escuro, porém protegido. "Seria mais seguro deixar as janelas da cozinha ficarem sujas", eu disse a Constance, mas ela ficou chocada e declarou, "Eu não moraria numa casa com janelas sujas".

Quando terminamos a cozinha estava bem limpa, mas não brilhava porque havia pouquíssima luz, e percebi que Constance não estava satisfeita. Ela adorava sol e claridade e cozinhar em uma cozinha adorável e iluminada. "A gente pode deixar a porta aberta", sugeri, "se ficar de olho aberto o tempo todo. A gente vai ouvir se algum carro parar na frente da casa. Quando der", eu disse, "vou tentar pensar num jeito de construir barricadas nas laterais da casa para que ninguém consiga dar a volta e chegar aqui nos fundos."

"Tenho certeza de que Helen Clarke vai tentar de novo."

"Em todo caso, ela não tem mais como espiar aqui dentro."

A tarde se aproximava; mesmo de porta aberta o sol se espalhava no chão apenas um pouco, e Jonas abordou Constance no fogão, pedindo o jantar. A cozinha estava

quentinha e confortável e familiar e limpa. Seria bom uma lareira ali, ponderei; poderíamos nos sentar ao lado do fogo, e então pensei não, já passamos pelo fogo.

"Vou lá verificar se a porta da frente está trancada", anunciei.

A porta da frente estava trancada e não havia ninguém lá fora. Quando voltei à cozinha, Constance disse, "Amanhã eu limpo o quarto do tio Julian. Sobrou tão pouca casa para a gente que ela toda tem que estar bem limpinha".

"Você vai dormir lá? Na cama do tio Julian?"

"Não, Merricat. Eu quero que você durma lá. É a única cama que a gente tem."

"Não tenho permissão para entrar no quarto do tio Julian."

Ela ficou quieta por um instante, me olhando com curiosidade, e então perguntou, "Mesmo o tio Julian tendo morrido, Merricat?".

"Além do mais, eu achei o colchão, e limpei, e ele veio da minha cama. Quero ele no chão, no meu canto."

"Como você é boba, Merricat. De qualquer forma, acho que nós duas vamos dormir no chão hoje. O colchão só vai estar seco amanhã, e a cama do tio Julian não está limpa."

"Posso trazer galhos do meu esconderijo, e folhas."

"Para o chão limpo da minha cozinha?"

"Mas eu pego o cobertor, e também o xale do tio Julian."

"Você vai sair? Agora? Ir até lá?"

"Não tem ninguém lá fora", afirmei. "Já está quase escuro e é bem seguro ir lá. Se alguém aparecer, fecha a porta e tranca; se eu perceber que a porta está fechada eu espero à margem do riacho até poder voltar com segurança. E eu levo o Jonas para me proteger."

Corri até o riacho, mas Jonas foi mais veloz e já estava me esperando quando cheguei ao meu esconderijo. Era bom correr, e bom voltar de novo à nossa casa e ver a porta da cozinha aberta e a luz quente de seu interior. Quando Jonas e eu entramos, fechei a porta com o ferrolho e estávamos prontos para a noite.

"É um bom jantar", Constance anunciou, entusiasmada e feliz por conta do preparo da comida. "Vem cá e senta, Merricat." Com a porta fechada ela teve de acender a luz do teto, e nossos pratos estavam bem organizados em cima da mesa. "Amanhã vou tentar lustrar a prataria", ela disse, "e a gente tem que trazer as coisas do jardim."

"A alface está cheia de cinzas."

"Amanhã, também", Constance disse, olhando os quadrados pretos de papelão que cobriam as janelas, "vou pensar em algum tipo de cortina que cubra o seu papelão."

"Amanhã eu vou fazer barricadas nas laterais da casa. Amanhã o Jonas vai pegar um coelho para a gente. Amanhã eu vou estimar para você que horas são."

Ao longe, na frente de nossa casa, um carro parou, e nos calamos, trocando olhares; agora, pensei, agora vamos saber até que ponto estamos seguras, e me levantei e averiguei se a porta da cozinha estava aferrolhada; não dava para olhar para fora através do papelão e tinha certeza de que não tinham como olhar para dentro. As batidas começaram na porta da frente, mas não havia tempo de garantir que ela estava trancada. Bateram apenas por um instante, como se soubessem que não estaríamos na parte da frente da casa, e então os ouvimos tropeçando na escuridão ao tentar dar a volta para chegar aos fundos da casa. Escutei a voz de Jim Clarke, e outra que lembrei ser a voz do dr. Levy.

"Não dá para ver nada", Jim Clarke constatou. "Está um breu só."

"Tem uma fresta de luz vindo de uma das janelas."

Qual delas, me perguntei; qual das janelas ainda tinha uma fresta?

"Elas estão aí dentro mesmo", Jim Clarke admitiu. "Não tem outro lugar onde possam estar."

"Só quero saber se elas se machucaram ou se estão doentes; não gosto de pensar nelas trancadas aí precisando de ajuda."

"Eu tenho de levar elas para casa comigo", Jim Clarke explicou.

Eles vieram à porta dos fundos; suas vozes estavam bem ali, e Constance estendeu a mão para mim por cima da mesa; se parecesse que conseguiriam espiar lá dentro poderíamos correr juntas até o porão. "A porcaria da casa está toda tampada", Jim Clarke reclamou, e eu pensei, bom, ah, que bom. Tinha me esquecido de que havia tábuas de verdade no galpão; só tinha pensado em papelão, que era bastante frágil.

"Senhorita Blackwood?", o médico chamou, e um deles bateu à porta. "Senhorita Blackwood? É o dr. Levy."

"E Jim Clarke. Marido da Helen. A Helen está muito preocupada com vocês."

"Vocês se machucaram? Estão doentes? Precisam de ajuda?"

"A Helen quer que vocês venham para a nossa casa; ela está esperando vocês lá."

"Escuta", disse o médico, e pensei que a cara dele estava bem perto do vidro, quase encostando nele. Falava num tom bastante amistoso, e sereno. "Escuta, ninguém vai

fazer mal a vocês. Somos seus amigos. Viemos até aqui para ajudar e ter a certeza de que vocês estão bem e não queremos incomodar. A bem da verdade, a gente promete não incomodar mais, nunca mais, se vocês disserem só uma vez que estão sãs e salvas. Só uma palavrinha."

"Vocês não podem deixar que as pessoas fiquem se preocupando com vocês", Jim Clarke declarou.

"Só uma palavrinha", disse o médico. "Vocês só precisam dizer que estão bem."

Eles aguardaram; eu os sentia encostando o rosto no vidro, desejosos de enxergar lá dentro. Constance me olhou do lado oposto da mesa e deu um leve sorriso, e eu retribui o sorriso; estávamos bem protegidas e não conseguiam enxergar lá dentro.

"Escutem", pediu o médico, e ele levantou a voz um pouquinho; "escutem, o funeral do Julian é amanhã. A gente achou que vocês iam querer saber."

"Já tem um monte de flores", Jim Clarke contou. "Vocês adorariam ver aquele monte de flores. Nós mandamos flores, os Wright, os Carrington. Eu acho que a impressão que vocês têm dos amigos mudaria um pouquinho se vissem as flores que todos nós mandamos para o Julian."

Eu me perguntei por que nossa impressão mudaria um pouquinho caso víssemos quem mandou flores ao tio Julian. Sem dúvida que tio Julian enterrado em flores, apinhado de flores, não lembraria o tio Julian que víamos todos os dias. Talvez o amontoado de flores esquentasse tio Julian morto; tentei pensar em tio Julian morto e só consegui me lembrar dele dormindo. Pensei nos Clarke e nos Carrington e nos Wright despejando braçadas de flores sobre o coitado do velho tio Julian, desamparadamente morto.

"Vocês não vão ganhar nada se afastando dos amigos, sabe? A Helen pediu para eu falar para vocês..."

"Escuta." Eu os sentia empurrando a porta. "Ninguém vai incomodar. Apenas digam, vocês estão bem?"

"A gente não vai ficar voltando, sabe? Os amigos têm limites."

Jonas bocejou. Em silêncio, Constance se virou, com cuidado e lentidão, tornando a ficar de frente para seu lugar à mesa, e pegou um biscoito amanteigado e deu uma mordiscada silenciosa. Tive vontade de rir e tampei a boca com as mãos; Constance comer biscoito sem fazer barulho era engraçado, como uma boneca fingindo comer.

"*Droga*", Jim Clarke exclamou. Bateu à porta. "*Droga*", repetiu.

"Pela última vez", disse o médico, "a gente sabe que vocês estão aí dentro; pela última vez, será que vocês não…"

"Ah, vamos embora", disse Jim Clarke. "Não vale a pena toda essa gritaria."

"Escutem", disse o médico, e imaginei que estava com a boca na porta, "um dia desses vocês vão *precisar* de ajuda. Vocês vão adoecer, ou se machucar. Vocês vão *precisar* de ajuda. *Aí* vocês vão rapidinho…"

"Deixa elas", Jim Clarke disse. "Vamos embora."

Ouvi seus passos dando a volta na casa e me perguntei se estavam nos ludibriando, fingindo ir embora e então retornando em silêncio para ficar calados diante de nossa porta, à espera. Pensei em Constance comendo o biscoito silenciosamente ali dentro e Jim Clarke escutando silenciosamente lá fora e um calafriozinho percorreu minha espinha; talvez nunca mais houvesse outro ruído no mundo. Então o carro arrancou na frente da casa e o escutamos se afastar e Constance largou o garfo no prato com uma pancadinha e tornei a respirar e disse, "Para onde você acha que eles levaram tio Julian?".

"Para o mesmo lugar", Constance disse sem pensar, "na cidade. Merricat", ela disse, de repente erguendo o rosto.

"Sim, Constance?"

"Eu queria me desculpar. Fui má ontem à noite."

Eu estava inerte e fria, olhando para ela e recordando.

"Fui muito má", ela declarou. "Nunca devia ter lembrado a você o motivo para eles todos terem morrido."

"Então não me lembre agora." Não consegui estender o braço para segurar a mão dela.

"Eu queria que você esquecesse isso. Nunca quis falar disso, nunca, e peço desculpa por ter falado."

"Eu botei no açúcar."

"Eu sei. Eu sabia na época."

"Você nunca usava açúcar."

"Não."

"Então botei no açúcar."

Constance suspirou. "Merricat", ela disse, "a gente nunca mais vai falar disso. Nunca."

Gelei, mas ela me deu um sorriso carinhoso e ficou tudo bem.

"Eu amo você, Constance", eu disse.

"E eu amo você, minha Merricat."

Jonas se sentou no chão e dormiu e pensei que não deveria ser tão difícil para mim. Constance devia ficar com as folhas e o musgo macio debaixo do cobertor, mas não podíamos sujar o chão da cozinha de novo. Pus meu cobertor no canto, perto do meu banco, já que era o lugar que eu conhecia melhor, e Jonas subiu no banco e se sentou lá, olhando para mim. Constance se deitou no chão perto do fogão; estava escuro, mas dava para ver a palidez de seu rosto do outro lado da cozinha. "Está confortável?", perguntei, e ela riu.

"Já passei muito tempo nesta cozinha", ela disse, "mas nunca tinha tentado deitar no chão. Fui tão cuidadosa que ele tem de me acolher, acho eu."

"Amanhã a gente traz a alface."

1

Aos poucos a rotina de nossos dias foi se moldando e começou a se parecer com uma vida feliz. De manhã quando acordava eu ia logo até o corredor para ver se a porta da frente estava trancada. Éramos mais ativas nas primeiras horas da manhã porque nunca havia ninguém por perto. Não tínhamos nos dado conta de que, com os portões abertos e a trilha exposta à utilização pública, as crianças apareceriam; uma manhã fiquei parada ao lado da porta da frente, olhando pela vidraça estreita, e vi crianças brincando no nosso gramado da frente. Talvez os pais tivessem mandado que explorassem o caminho e averiguassem se era de fato navegável, ou talvez as crianças não conseguissem resistir a brincar em qualquer lugar; pareciam apreensivas brincando na frente de nossa casa, e as vozes eram desanimadas. Imaginei que talvez só fingissem brincar, visto que eram crianças e deveriam brincar, mas talvez na verdade tivessem sido enviadas para nos procurar, sutilmente disfarçadas de crianças. Não eram muito convincentes, concluí ao observá-las; seus movimentos eram desajeitados, e nem uma única vez olharam, pelo que pude ver, para nossa casa. Eu me perguntei quanto tempo levariam para avançar rumo à varanda e apertar suas carinhas contra as persianas, tentando ver através das frestas. Constance parou atrás de mim e olhou por cima de meu ombro. "São filhos de estranhos", eu lhe disse. "Eles não têm rosto."

"Têm olhos."

"Finge que são passarinhos. Não nos enxergam. Eles ainda não sabem, não querem acreditar, mas nunca mais vão nos ver."

"Imagino que agora que já vieram uma vez, eles virão de novo."

"Todos os estranhos virão, mas não têm como ver aqui dentro. E agora, por favor, prepara meu café da manhã?"

A cozinha estava sempre escura de manhã até eu desaferrolhar a porta e abri-la para deixar o sol entrar. Depois Jonas se sentava na escadinha e se lavava e Constance

cantava durante o preparo de nosso café da manhã. Depois do café me sentava no degrau com Jonas enquanto Constance limpava a cozinha.

Fazer barricadas nas laterais da casa foi mais fácil do que eu imaginava; consegui terminar em uma noite, com Constance segurando a lanterna para mim. De ambos os lados de nossa casa havia um ponto em que as árvores e os arbustos cresciam próximos de casa, cobrindo a parte dos fundos e estreitando a trilha que era o único jeito de dar a volta. Levei peça por peça da pilha de sucata que o sr. Harler tinha feito na nossa varanda e amontoei as tábuas e móveis quebrados nos pontos mais estreitos. Na verdade não impediria ninguém de entrar, claro; as crianças poderiam escalar facilmente, mas se alguém tentasse ultrapassar, o barulho e a queda das tábuas quebradas seriam suficientes para termos bastante tempo para fechar e aferrolhar a porta da cozinha. Tinha encontrado umas tábuas em volta do galpão e pregado grosseiramente em cima do vidro da porta da cozinha, mas não gostava de colocá-las nas laterais da casa como barricada, onde qualquer um poderia vê-las e perceber minha falta de jeito. Talvez, eu disse a mim mesma, eu devesse treinar tentando consertar o degrau quebrado.

"Do que é que você está rindo agora?", Constance me perguntou.

"Estou imaginando que estamos na lua, mas que não é exatamente como eu achava que seria."

"Mas é um lugar bem feliz." Constance levava o café da manhã à mesa: ovos mexidos e biscoitos torrados e geleia de amora-preta que ela fizera em algum verão dourado. "A gente tem que trazer o máximo de comida possível", ela disse. "Não gosto de pensar na horta esperando a gente ir lá para colher o que cresceu. E eu me sentiria bem melhor se tivéssemos mais comida guardada em casa, em segurança."

"Vou subir no meu cavalo alado e trazer canela e tomilho, esmeraldas e cravo, brocado de ouro e couve."

"E ruibarbo."

Conseguíamos deixar a porta da cozinha aberta quando íamos à horta, pois veríamos claramente se alguém se aproximasse das minhas barricadas e correríamos de volta para casa se necessário. Eu carregava a cesta, e pegávamos alface, ainda tingida pelas cinzas, e rabanete, além de tomate e pepino e, mais tarde, frutinhas e melões. Em geral, eu comia frutas e legumes ainda úmidos do solo e do ar, mas não gostava de comer quando ainda estavam sujos das cinzas de nossa casa incendiada.

Boa parte da sujeira e da fuligem tinha voado e o ar em torno da horta estava fresco e limpo, mas a fumaça estava no chão e imaginei que sempre estaria.

Assim que nos acomodamos com segurança, Constance abriu o quarto de tio Julian e fez a limpeza. Tirou as cobertas da cama, e os lençóis, e os lavou na pia da cozinha e os colocou lá fora para secar ao sol. "O que é que você vai fazer com a papelada do tio Julian?", perguntei, e ela pousou as mãos na beirada da pia, hesitante.

"Acho que vou deixar tudo na caixa", ela respondeu por fim. "Acho que vou colocar a caixa no porão."

"E conservá-la?"

"E conservá-la. Ele gostaria de pensar que os papéis dele foram tratados com respeito. E eu não gostaria que o tio Julian desconfiasse de que os papéis dele não foram conservados."

"Melhor eu ir lá verificar se a porta da frente está trancada."

As crianças volta e meia estavam lá, no gramado na frente de nossa casa, jogando seus jogos de cartas e sem olhar para nossa casa, movimentando-se sem jeito com corridinhas animadas e se estapeando sem motivo. Sempre que eu me assegurava de que a porta da frente estava trancada, olhava se as crianças continuavam lá. Agora era muito comum eu ver pessoas percorrendo nossa trilha, usando-a para ir de um lugar a outro, colocando os pés onde antigamente só os meus pisavam; imaginei que usassem a trilha sem querer, como se todos tivessem de atravessá-la uma vez para demonstrar que era possível, mas pensei que somente uns poucos, os odiosos desafiadores, iam além da primeira vez.

Passava a longa tarde sonhando enquanto Constance limpava o quarto de tio Julian; me sentava na porta com Jonas dormindo ao meu lado, e contemplava a horta silenciosa e segura.

"Olha, Merricat", disse Constance, aproximando-se com o braço cheio de roupas, "olha, o tio Julian tinha dois ternos e um sobretudo e um chapéu."

"Ele conseguia ficar de pé; ele mesmo nos dizia."

"Me lembro vagamente dele, anos atrás, saindo um dia para comprar um terno, e imagino que tenha sido um desses que ele comprou; nenhum dos dois está muito usado."

"O que ele teria usado no último dia com eles? Que gravata ele estava usando no jantar? Sem dúvida ele gostaria que esses dados fossem lembrados."

Ela me olhou por um minuto, sem sorrir. "É bem improvável que tenha sido um desses; quando fui buscá-lo, depois, no hospital, ele estava de pijama e roupão."

"Pode ser uma boa ele ficar com um desses ternos agora."

"Ele provavelmente foi enterrado com um terno velho do Jim Clarke." Constance virou-se para ir ao porão, mas parou de súbito. "Merricat?"

"Sim, Constance?"

"Você já se deu conta de que esses pertences do tio Julian são as únicas roupas que sobraram na nossa casa? Todas as minhas pegaram fogo, e todas as suas."

"E tudo que era deles que estava no sótão."

"Eu só tenho este vestido cor-de-rosa que estou usando."

Olhei para baixo. "E eu estou de marrom."

"E o seu precisa ser lavado e remendado; *como* você consegue rasgar tanto as suas roupas, minha Merricat?"

"Vou fazer um terninho de folhas. Agorinha mesmo. Com nozes no lugar dos botões."

"Merricat, é sério. Nós vamos ter que usar as roupas do tio Julian."

"Não tenho permissão para tocar nas coisas do tio Julian. Preciso de um forro de musgo, para os dias frios de inverno, e um chapéu feito de penas de pássaro."

"Pode ser ótimo para a lua, Dona Insensatez. Na lua você pode usar um terninho de pelo que nem o Jonas, se depender de mim. Mas aqui na nossa casa você vai usar uma das blusas velhas do tio Julian, e quem sabe não usa também uma das calças."

"Ou o roupão e o pijama do tio Julian, imagino. Não; não tenho permissão para tocar nas coisas do tio Julian; vou usar folhas."

"Mas você tem permissão. Declaro que você tem permissão."

"Não."

Ela suspirou. "Bom", ela disse, "é bem provável que você me veja usá-los." Então ela parou e riu, e me olhou, e riu de novo.

"Constance?", eu disse.

Ela pôs as roupas de tio Julian no espaldar da cadeira e, ainda aos risos, foi à despensa e abriu uma das gavetas. Eu me lembrei o que ela estava procurando e também ri. Em seguida, ela retornou e pôs um monte de toalhas de mesa ao meu lado.

"Vão lhe cair muito bem, elegante Merricat. Olha; como é que você vai se sentir com esta aqui, com bainha de flores amarelas? Ou este lindo xadrez vermelho e

branco? O adamascado, receio eu, é tão duro que vai ser desconfortável, e além do mais já foi remendado."

Levantei e segurei a toalha xadrez contra o corpo. "Você pode cortar um buraco para a minha cabeça", sugeri; estava satisfeita.

"Não tenho material de costura. Você vai ter que amarrar a toalha na cintura com um cordão ou deixar ela solta como se fosse uma toga."

"Vou usar o adamascado como manto; quem é que usa manto de damasco?"

"Merricat, ah, Merricat." Constance largou a toalha de mesa que segurava e passou os braços em volta de mim. "O que foi que eu fiz com a minha pequenina Merricat?", ela disse. "Sem casa. Sem comida. E vestida com uma toalha de mesa; o que foi que *eu fiz*?"

"Constance", eu disse, "eu te amo, Constance".

"Vestida com toalha de mesa que nem uma boneca de pano."

"Constance. Nós vamos ser muito felizes, Constance."

"Ah, Merricat", ela disse, me abraçando.

"Me escuta, Constance. Nós vamos ser muito felizes."

Num instante eu me vesti, sem querer dar a Constance mais tempo para pensar. Escolhi o xadrez vermelho e branco, e depois de Constance fazer um buraco para a minha cabeça peguei o cordão com borla dourada que Constance cortara da cortina da sala de visitas e o amarrei como cinto e meu visual, pensei, estava ótimo. A princípio Constance ficou triste e se virou com tristeza ao me ver, e esfregou furiosamente meu vestido marrom na pia para deixá-lo limpo, e gostei do meu roupão, e dancei com ele, e em pouco tempo ela tornou a sorrir e depois riu de mim.

"Robinson Crusoé usava peles de animais", contei a ela. "Não tinha roupas alegres com cintos dourados."

"Tenho que admitir que você nunca me pareceu tão animada."

"Você vai usar as peles do tio Julian; eu prefiro minha toalha de mesa."

"Creio que essa que você está vestindo agora era usada nos cafés da manhã que fazíamos no verão no gramado, muitos anos atrás. Xadrez vermelho e branco jamais seria usado na sala de jantar, é claro."

"Alguns dias serei o café da manhã de verão no gramado e em outros dias serei um jantar formal à luz de velas, e certos dias serei…"

"Uma Merricat imunda. Seu vestido é ótimo, mas seu rosto está sujo. Nós

perdemos quase tudo, mocinha, mas pelo menos ainda temos água potável e um pente."

Uma coisa sobre o quarto de tio Julian que era uma sorte grande: convenci Constance a pegar a cadeira dele e empurrá-la pelo jardim para reforçar minha barricada. Era estranho ver Constance empurrar a cadeira vazia, e por um instante tentei ver tio Julian outra vez, passeando com as mãos no colo, mas só o que restava da presença dele eram os pedaços gastos da cadeira e um lenço enfiado debaixo da almofada. A cadeira seria de grande eficácia para a minha barricada, no entanto, sempre fazendo intrusos desviarem o olhar através da ameaça vaga do finado tio Julian. Me perturbava pensar que tio Julian poderia desaparecer por completo, com seus papéis na caixa e a cadeira na barricada e a escova de dentes jogada fora e até o cheiro de tio Julian sumindo de seu quarto, mas quando a terra estava fofa Constance plantou uma roseira amarela no lugar de tio Julian no gramado, e uma noite fui ao riacho e enterrei o lápis dourado com as iniciais de tio Julian perto da água, assim o riacho sempre falaria seu nome. Jonas deu para entrar no quarto de tio Julian, onde nunca estivera, mas eu não entrava.

Helen Clarke veio à nossa porta mais duas vezes, batendo e chamando e implorando que atendêssemos, mas ficamos quietas, e quando ela descobriu que não podia mais dar a volta na casa por conta de minha barricada, nos disse da porta da frente que não voltaria, e não voltou. Uma noite, talvez a do dia em que Constance plantou a roseira de tio Julian, ouvimos uma batidinha bem suave na porta da frente enquanto estávamos jantando à mesa. A batida era leve demais para Helen Clarke, e me levantei da mesa e corri silenciosamente pelo corredor para verificar se a porta da frente estava trancada, e Constance me seguiu, curiosa. Nos encostamos na porta e prestamos atenção.

"Srta. Blackwood?", alguém chamou lá de fora, em voz baixa; eu me perguntei se ele desconfiava de que estávamos tão próximas dele. "Srta. Constance? Srta. Mary Katherine?"

Não estava muito escuro lá fora, mas ali dentro onde estávamos nós só víamos uma a outra vagamente, duas caras brancas contra a porta. "Srta. Constance?", ele repetiu. "Escuta."

Imaginei que estivesse balançando a cabeça de um lado para o outro para se

certificar de que não era visto. "Escuta", ele disse, "eu trouxe frango."

Ele bateu de leve na porta. "Espero que vocês consigam me ouvir", ele disse. "Eu trouxe um frango. Minha esposa preparou, assou direitinho, e tem biscoito e torta. Espero que vocês consigam me ouvir."

Percebi que os olhos de Constance estavam arregalados de espanto. Eu a fitei e ela me fitou.

"Espero mesmo que vocês consigam me ouvir, senhoritas Blackwood. Quebrei uma das cadeiras e sinto muito." Ele bateu na porta de novo, bem suavemente. "Bom", ele disse. "Vou deixar a cesta aqui na entrada. Espero que vocês tenham me ouvido. Adeus."

Escutamos os passos tranquilos se afastando, e depois de um minuto Constance disse, "O que a gente faz? Vamos abrir a porta?".

"Mais tarde", respondi. "Eu venho quando estiver bem escuro."

"Fico me perguntando que tipo de torta deve ser. Você acha que é tão boa quanto as minhas?"

Terminamos nosso jantar e esperamos ter a certeza de que ninguém poderia ver a porta da frente se abrir, e então cruzei o corredor e destranquei a porta e espiei lá fora. A cesta estava na nossa porta, coberta por um guardanapo de pano. Eu a levei para dentro e tranquei a porta enquanto Constance tirava a cesta de mim e a carregava para a cozinha. "Mirtilo", ela disse quando cheguei. "Bem boa, também; ainda está quentinha."

Ela pegou o frango, embrulhado em guardanapo, e o pacotinho de biscoitos, tocando em cada um com carinho e com delicadeza. "Ainda está tudo quentinho", ela afirmou. "Ela deve ter assado depois do jantar para ele trazer logo. Vai ver que ela assou duas tortas, uma para deixar em casa. Ela embalou tudo quando ainda estava quentinho e mandou ele trazer. Esses biscoitos não estão muito crocantes."

"Vou pegar a cesta e deixar na varanda, assim ele fica sabendo que nós pegamos."

"Não, não." Constance me segurou pelo braço. "Só depois de eu lavar os guardanapos; o que ela iria pensar de mim?"

Às vezes traziam bacon curado caseiro, ou frutas, ou as próprias conservas, nunca tão boas quanto as conservas que Constance fazia. Normalmente traziam frango assado; de vez em quando um bolo ou torta, muitas vezes biscoitos, às vezes salada de batata ou de repolho. Uma vez trouxeram uma panela de guisado, que Constance

cortou e juntou de novo de acordo com suas próprias regras de guisado, e às vezes havia potes de feijão cozido ou macarrão. "Somos a maior ceia de igreja que eles já fizeram", Constance comentou uma vez, olhando um pão caseiro que eu tinha acabado de trazer lá de fora.

Essas coisas eram sempre deixadas na entrada de casa, sempre em silêncio e à noite. Imaginávamos que os homens chegassem em casa após o trabalho e as mulheres tivessem cestas prontas para eles entregarem; talvez viessem na escuridão para não serem reconhecidos, como se uns quisessem se esconder dos outros e nos trazer comida fosse uma atitude vexaminosa de tomar em público. Havia muitas mulheres cozinhando, Constance concluiu. "Essa aqui", ela me explicou uma vez, provando o feijão, "é a que usa ketchup, e exagera na mão; e aquela última usava muito melado." Vez por outra havia um bilhete na cesta: "Isto é pela louça quebrada", ou "Pedimos desculpas pelas cortinas", ou "Desculpe pela sua harpa". Sempre colocávamos as cestas onde as encontrávamos e nunca abríamos a porta da frente sem que estivesse totalmente escuro e tivéssemos certeza de que não havia ninguém por perto. Depois eu sempre verificava com cuidado se a porta da frente estava trancada.

Descobri que não tinha mais permissão para ir ao riacho; tio Julian estava lá, e era longe demais de Constance. Eu nunca ia muito além dos limites do bosque, e Constance só ia até a horta. Eu não tinha permissão para enterrar mais nada, tampouco tinha permissão para tocar em pedras. Todos os dias eu olhava por cima das tábuas que tapavam as janelas da cozinha e quando notei frestas pequeninas preguei mais tábuas. Todas as manhãs eu checava logo se a porta da frente estava trancada, e todas as manhãs Constance lavava a cozinha. Passávamos boa parte do tempo junto à porta da frente, principalmente durante a tarde, quando a maioria das pessoas nos visitava; sentávamos, uma de cada lado da porta, espiando pelas vidraças estreitas que eu havia tapado quase por completo com papelão a fim de que nós duas tivéssemos apenas um buraquinho e ninguém conseguisse ver lá dentro. Observávamos as crianças brincarem, e as pessoas passando, e ouvíamos suas vozes e eram todos desconhecidos, com seus olhos arregalados e suas malditas bocas abertas. Um dia apareceu um grupo de bicicleta; havia duas mulheres e um homem, além de duas crianças. Estacionaram as bicicletas na nossa rampa e se deitaram no gramado na frente de nossa casa, puxando a grama e conversando enquanto descansavam. As crianças subiam e desciam nossa rampa correndo e davam voltas nas árvores e

arbustos. Foi nesse dia que soubemos que as videiras estavam crescendo sobre o telhado queimado de nossa casa, pois uma das mulheres olhou de soslaio para a casa e disse que as videiras já tinham quase tapado as marcas do incêndio. Raramente se viravam para encarar nossa casa de frente, mas olhavam de canto de olho ou por cima do ombro ou por entre os dedos. "Soube que era uma casa antiga e linda", comentou a mulher sentada no nosso gramado. "Ouvi dizer que já foi um lugar importante."

"Agora parece uma tumba", disse a outra mulher.

"Shh", disse a primeira mulher, e gesticulou em direção à casa com a cabeça. "Ouvi dizer", ela falou alto, "que elas tinham uma escada que era linda. Entalhada na Itália, pelo que eu soube."

"Elas não vão te escutar", a outra declarou, entretida. "E quem liga se escutarem, não é?"

"Shhh."

"Ninguém sabe com certeza se tem alguém lá dentro ou não. As pessoas daqui contam umas histórias exageradas."

"Shh. Tommy", ela chamou uma das crianças, "não chega perto do degrau."

"Por quê?", questionou a criança, recuando.

"Porque as moças vivem aí e elas não gostam."

"Por quê?", repetiu a criança, parando ao pé dos degraus e olhando de relance para trás, para a nossa porta da frente.

"As moças não gostam de meninos pequenos", disse a segunda mulher; era uma das ruins; dava para ver sua boca pela lateral e era a boca de uma cobra.

"O que elas iam fazer comigo?"

"Iam te segurar e te obrigar a comer bala cheia de veneno; ouvi dizer que dezenas de meninos malvados chegaram perto demais dessa casa e nunca mais foram vistos. Elas pegam os meninos e…"

"Shh. *Sério*, Ethel."

"Elas gostam de meninas pequenas?" A outra criança se aproximou.

"Elas odeiam meninos *e* meninas. A diferença é que elas *comem* as meninas."

"Ethel, para com isso. Você está botando medo nas crianças. Não é verdade, queridos; ela está só brincando com vocês."

"Elas só saem de noite", a malvada continuou, olhando as crianças com malícia, "e aí, quando está escuro, elas saem pra caçar criancinhas."

"Eu concordo", o homem interferiu de repente, "não quero ver as crianças chegando perto demais dessa casa."

Charles Blackwood só voltou uma vez. Veio em um carro com outro sujeito no final de uma tarde em que estávamos observando lá fora fazia tempo. Todos os estranhos se foram, e Constance tinha acabado de se levantar e anunciado "Hora de preparar as batatas" quando um carro surgiu na rampa e ela se acomodou para observar de novo. Charles e o outro homem desceram do carro em frente à casa e foram direto ao pé da escadinha, olhando para cima, embora não pudessem nos ver ali dentro. Lembrei da primeira vez que Charles aparecera e ficara olhando nossa casa do mesmo jeito, mas dessa vez ele não entraria. Estiquei o braço e toquei na tranca da porta da frente para verificar se estava fechada, e do outro lado do batente da porta Constance se virou e me fez que sim; ela também sabia que Charles nunca mais entraria.

"Está vendo?", disse Charles, lá fora, ao pé dos degraus. "Aí está a casa, como eu te disse. Não está com a cara ruim de antes, agora que as videiras cresceram tanto. Mas o telhado foi destruído pelo fogo e o interior da casa foi devastado."

"As moças estão aí dentro?"

"Claro." Charles riu, e me lembrei de sua risada e sua enorme cara branca e do outro lado da porta desejei que morresse. "Estão aí dentro, sim", ele disse. "Assim como a porcaria de uma fortuna."

"Você *sabe* disso?"

"Elas têm dinheiro aí dentro que nunca foi nem contado. Trataram de enterrar em tudo que é lugar, e têm um cofre cheio, e só Deus sabe onde mais elas esconderam. Elas nunca saem, só ficam aí dentro escondidas com esse monte de grana."

"Escuta", disse o outro homem, "elas te conhecem, não é?"

"Claro. Sou primo delas. Uma vez eu vim aqui visitar."

"Você acha que existe alguma possibilidade de você conseguir que uma delas converse com você? Quem sabe vir até a janela, para eu conseguir uma foto?"

Charles refletiu. Olhou para a casa e para o outro sujeito, e ponderou. "Se você vender, para a revista ou para outro lugar, eu fico com metade?"

"Claro, eu prometo."

"Vou tentar", Charles disse. "Fica lá atrás do carro, escondido. Com certeza elas não vão sair se virem um estranho." O outro voltou para o carro e pegou uma câmera e se acomodou do outro lado do carro, onde não o enxergávamos. "O.k.", ele avisou, e

Charles subiu a escadinha rumo à nossa porta da frente.

"Connie?", ele chamou. "Ei, Connie? É o Charles; eu voltei."

Olhei para Constance e pensei que ela nunca tinha visto Charles de maneira tão genuína.

"Connie?"

Agora ela sabia que Charles era um fantasma e um demônio, um dos estranhos.

"Vamos esquecer tudo o que aconteceu", Charles disse. Ele se aproximou da porta e falou de forma agradável, com certo tom de súplica. "Vamos ser amigos de novo."

Eu podia ver os pés dele. Um deles estava batendo sem parar no chão de nossa varanda. "Não sei o que você tem contra mim", ele reclamou, "e estou esperando há tempos que você me fale se eu posso voltar outra vez. Se eu fiz alguma coisa que te ofendeu, peço mil desculpas."

Queria que Charles pudesse ver ali dentro, pudesse nos ver sentadas no chão junto às laterais da porta da frente, escutando e olhando seus pés enquanto ele implorava para a porta, a um metro de nossas cabeças.

"Abre a porta", ele pediu com bastante delicadeza. "Connie, você podia abrir a porta pra mim, para o primo Charles?"

Constance ergueu o rosto para onde devia estar o rosto dele e deu um sorriso de desagrado. Pensei que devia ser o sorriso que vinha guardando para Charles caso um dia ele retornasse.

"Fui ver o túmulo do velho Julian hoje de manhã", disse Charles. "Voltei para visitar o túmulo do velho Julian e ver você outra vez." Ele esperou um instante e depois disse embargando um pouquinho a voz, "pus umas flores — *você* sabe — no túmulo do velho camarada; ele era um velho bacana e sempre foi bem legal comigo".

Atrás dos pés de Charles vi o outro sujeito saindo de trás do carro com a câmera. "Escuta", ele chamou, "você está gastando saliva à toa. E eu não tenho o dia todo."

"Você não entende?" Charles deu as costas para a porta, mas a voz ainda estava um pouco embargada. "Eu *tenho* que ver Constance mais uma vez. Eu fui a causa de tudo."

"O quê?"

"Por que você acha que duas solteironas se trancaram numa casa como essa? Deus é testemunha", disse Charles, "de que minha intenção não era de que a situação acabasse desse jeito."

Nesse momento imaginei que Constance fosse se pronunciar, ou pelo menos dar uma gargalhada, e estiquei a mão e toquei em seu braço, avisando que ficasse quieta, mas ela não se virou para mim.

"Se pudesse ao menos *conversar* com ela", Charles disse. "Mas você pode tirar umas fotos da casa, comigo parado aqui. Ou batendo à porta; eu poderia bater sem parar na porta."

"No que depender de mim, você poderia se esticar em frente à porta agonizando por causa do coração partido", o outro disse. Ele foi para o carro e pôs a câmera lá dentro. "Desperdício de tempo."

"E aquela grana toda. Connie", Charles chamou alto, "pelo amor de Deus, abre a porta?"

"Sabe", o outro disse do carro, "aposto que você nunca mais vai ver aquelas moedas de prata."

"Connie", Charles disse, "você não sabe o que está fazendo comigo; eu não fiz nada para merecer esse tratamento. *Por favor*, Connie."

"Você quer ir para a cidade andando?", o outro indagou. Ele fechou a porta do carro.

Charles deu as costas para a porta e depois tornou a se virar. "Está bem, Connie", ele disse, "chega. Se você deixar que eu me vá desta vez, nunca mais vai me ver. Estou falando sério, Connie."

"Estou indo", o outro anunciou do carro.

"Estou falando sério, Connie, estou mesmo." Charles começou a descer os degraus, falando por cima do ombro. "Dá uma última olhada", ele disse. "Estou indo. Uma palavra já me faria ficar."

Não achei que ele fosse embora a tempo. Francamente não sabia se Constance seria capaz de se conter até ele descer a escadinha e estar a salvo no carro. "Adeus, Connie", ele disse diante dos degraus e então se virou e se dirigiu ao carro lentamente. Olhou por um instante como se fosse enxugar os olhos ou assoar o nariz, mas o outro chamou, "Anda *logo*", e Charles olhou para trás mais uma vez, levantou a mão com tristeza e entrou no carro. Então Constance riu, e por um instante vi Charles no carro virando a cabeça rapidamente, como se ouvisse nossas risadas, mas o carro arrancou e desceu a rampa, e nos abraçamos no corredor escuro e gargalhamos, lágrimas escorrendo pelas nossas bochechas e ecos de nossos risos subindo a escada arruinada

rumo ao céu.

"Estou tão feliz", Constante declarou por fim, ofegante. "Merricat, estou tão feliz."

"Eu avisei que você ia gostar da lua."

Os Carrington pararam o carro na frente de nossa casa num domingo após a igreja e ficaram sentados, quietos, olhando nossa casa, como se supondo que sairíamos se houvesse algo que os Carrington pudessem fazer por nós. Às vezes eu pensava na sala de visitas e na sala de jantar, eternamente fechadas, com os cativantes objetos quebrados de nossa mãe espalhados, e a poeira caindo delicadamente para cobri-los; tínhamos novos pontos de referência na casa, assim como tínhamos uma nova rotina para os nossos dias. O fragmento torto, rompido, que era o que restava de nossa encantadora escada era algo pelo que passávamos todos os dias e conhecíamos nos mínimos detalhes assim como outrora conhecíamos os degraus em si. As tábuas nas janelas da cozinha eram nossas, e parte de nossa casa, e nós as amávamos. Éramos muito felizes, embora Constance estivesse sempre apavorada com a possibilidade de que uma de nossas xícaras se quebrasse e uma de nós precisasse usar uma xícara sem asa. Tínhamos nossos lugares bem conhecidos e familiares: nossas cadeiras à mesa, e nossas camas, e nossos postos ao lado da porta da frente. Constance lavava a toalha de mesa vermelha e branca e as blusas de tio Julian que ela usava, e enquanto estavam pendurados no jardim para secar, eu usava a toalha de mesa de borda amarela, que ficava linda com o meu cinto dourado. Os velhos sapatos marrons de nossa mãe foram guardados no meu canto da cozinha, já que nos dias quentes de verão eu andava descalça que nem Jonas. Constance não gostava de colher muitas flores, mas havia sempre na mesa da cozinha uma tigela com rosas ou margaridas, embora obviamente ela nunca colhesse as flores da roseira de tio Julian.

De vez em quando pensava nas minhas seis bolinhas de gude azuis, mas agora não tinha permissão para ir ao campo, e imaginei que talvez minhas seis bolinhas de gude azuis tivessem sido enterradas para proteger uma casa que já não existia e não tinha ligação nenhuma com a casa onde morávamos agora, e onde éramos muito felizes. Minhas novas salvaguardas mágicas eram a tranca da porta da frente, e as tábuas nas janelas, e as barricadas nas laterais da casa. De noite, às vezes víamos movimentação na escuridão do gramado, e escutávamos sussurros.

"Não faz isso; vai que as moças estão vendo."

"Você acha que elas enxergam no escuro?"

"Ouvi dizer que elas veem tudo o que acontece."

Então podia haver risadas, que se dissipavam no calor da escuridão.

"Daqui a pouco vão passar a chamar isto aqui de Alameda dos Amantes", comentou Constance.

"Em homenagem ao Charles, sem dúvida."

"O mínimo que o Charles poderia ter feito", disse Constance, refletindo a sério, "seria dar um tiro na cabeça ali na entrada."

Descobrimos, ao escutar conversas, que a única coisa que os estranhos viam lá de fora, quando ao menos olhavam, era uma estrutura grandiosa e arruinada coberta de videiras, que mal se reconhecia como casa. Era a metade do caminho entre o vilarejo e a estrada, o ponto no meio da via, e ninguém nunca viu nossos olhos espiando por entre as videiras.

"Não pode subir essa escadinha", as crianças advertiam umas às outras; "se você subir, as moças te pegam."

Uma vez, um menino, desafiado pelos outros, parou diante dos degraus, de frente para a casa, e estremeceu e quase chorou e quase saiu correndo, e então chamou com a voz trêmula, "Merricat, disse Constance, você não quer uma xícara de chá?" e em seguida fugiu, acompanhado por todos os outros. Nessa noite, achamos no umbral da porta uma cesta de ovos frescos e um bilhete que dizia, "Ele fez sem querer, por favor".

"Coitado do menino", disse Constance, colocando os ovos em uma tigela que iria para a geladeira. "Ele deve estar escondido debaixo da cama a esta altura."

"Quem sabe não levou umas boas palmadas para aprender a ter modos."

"Vamos comer omelete no café da manhã."

"Fico pensando se eu *conseguiria* comer uma criança se a oportunidade surgisse."

"Não sei se eu conseguiria cozinhar uma", disse Constance.

"Coitados dos desconhecidos", eu disse. "Eles têm tantos motivos para ter medo."

"Bom", disse Constance, "eu tenho medo de aranha."

"Jonas e eu não vamos deixar que aranha nenhuma chegue perto de você. Ah, Constance", eu disse, "nós somos tão felizes."

SOBRE A AUTORA

SHIRLEY JACKSON nasceu em San Francisco, Califórnia, em 1916, e faleceu em 1965. Uma das principais autoras americanas do século XX, influenciou escritores como Stephen King, Donna Tartt, Neil Gaiman e Richard Matheson. Sua obra é leitura obrigatória em diversas escolas dos Estados Unidos, e seu trabalho é aclamado por público e crítica.

Copyright © 1962 by Shirley Jackson

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
We Have Always Lived in the Castle

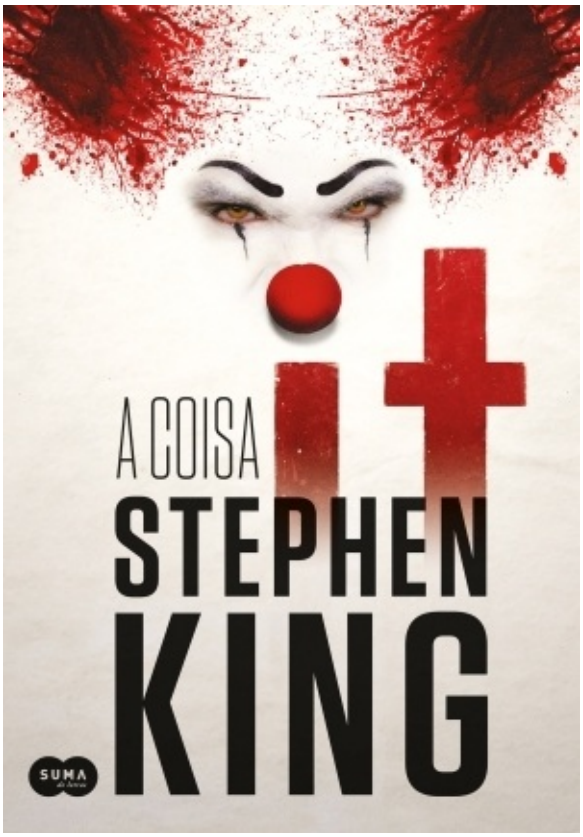
Capa e ilustração
Elisa von Randow

Preparação
André Marinho

Revisão
Adriana Bairrada
Renata Lopes Del Nero
Valquíria Della Pozza

ISBN 978-85-438-0934-2

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19 — Sala 3001
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/sumadeletrasbr
instagram.com/sumadeletras_br
twitter.com/Suma_BR


A COISA
it
STEPHEN
KING
SUMA

It: A coisa

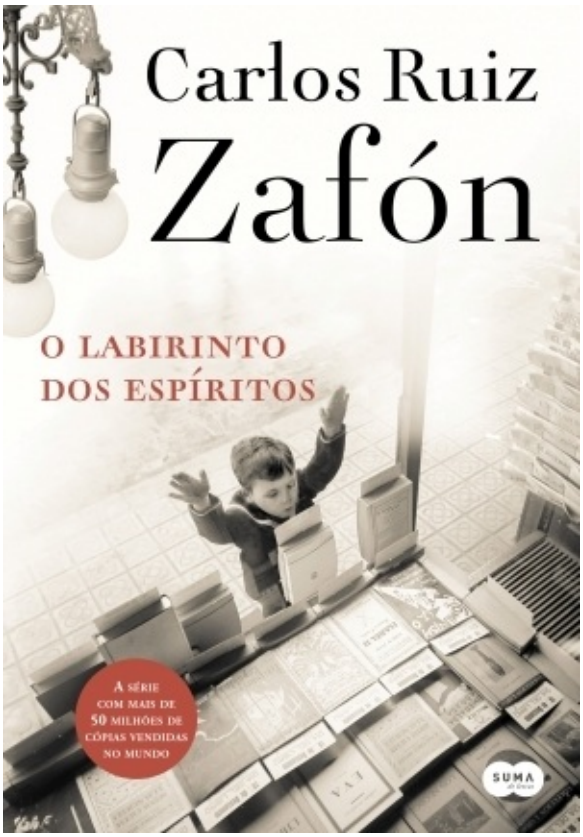
King, Stephen
9788581051529
1104 páginas

Compre agora e leia

O clássico de Stephen King em nova edição.

Durante as férias escolares de 1958, em Derry, pacata cidadezinha do Maine, Bill, Richie, Stan, Mike, Eddie, Ben e Beverly aprenderam o real sentido da amizade, do amor, da confiança e... do medo.
O mais profundo e tenebroso medo. Naquele verão, eles enfrentaram pela primeira vez a Coisa, um ser sobrenatural e maligno que deixou terríveis marcas de sangue em Derry. Quase trinta anos depois, os amigos voltam a se encontrar. Uma nova onda de terror tomou a pequena cidade. Mike Hanlon, o único que permanece em Derry, dá o sinal. Precisam unir forças novamente. A Coisa volta a atacar e eles devem cumprir a promessa selada com sangue que fizeram quando crianças. Só eles têm a chave do enigma. Só eles sabem o que se esconde nas entranhas de Derry.
O tempo é curto, mas somente eles podem vencer a Coisa. Em It: A Coisa, clássico de Stephen King em nova edição, os amigos irão até o fim, mesmo que isso signifique ultrapassar os próprios limites.

Compre agora e leia


Carlos Ruiz
Zafón
O LABIRINTO
DOS ESPÍRITOS
A SÉRIE
COM MAIS DE
50 MILHÕES DE
CÓPIAS VENDIDAS
NO MUNDO
SUMA

O labirinto dos espíritos

Zafón, Carlos Ruiz
9788543810591
680 páginas

Compre agora e leia

Livro IV da série O Cemitério dos Livros Esquecidos.

Madrid, anos 1950. Alicia Gris é uma alma nascida das sombras da guerra, que lhe tirou os pais e lhe deu em troca uma vida de dor crônica. Investigadora talentosa, é a ela que a polícia recorre quando o ilustre ministro Mauricio Valls desaparece; um mistério que os meios oficiais falharam em solucionar.
Em Barcelona, Daniel Sempere não consegue escapar dos enigmas envolvendo a morte de sua mãe, Isabella. O desejo de vingança se torna uma sombra que o espreita dia e noite, enquanto mergulha em investigações inúteis sobre seu maior suspeito — o agora desaparecido ministro Valls.
Os fios dessa trama aos poucos unem os destinos de Daniel e Alicia, conduzindo-os de volta ao passado, às celas frias da prisão de Montjuic, onde um escritor atormentado escreveu sobre sua vida e seus fantasmas; aos últimos dias de vida de Isabella, com seus arrependimentos e confissões; e a intrigas ainda mais perigosas, envolvendo figuras capazes de tudo para manter antigos esqueletos enterrados.

Compre agora e leia


STEPHEN
KING
OS OLHOS DO DRAGÃO
SUMA

Os olhos do dragão

King, Stephen
9788581051550
216 páginas

Compre agora e leia

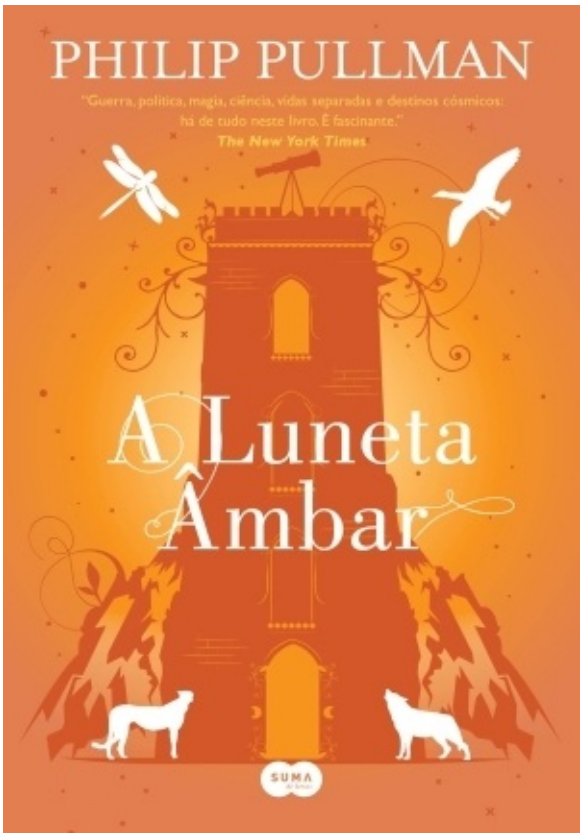
Um conto de fadas escrito pelo mestre do terror? Pode parecer estranho, mas o Os olhos do dragão é um livro de características bem diferentes das demais obras de Stephen King. Segundo o escritor, esse romance surgiu do desejo de criar algo especial para a sua pequena filha, Naomi. Surgiu, então, a idéia de uma fábula. O resultado é uma história sobre o amor fraternal na qual o autor se dirige ao leitor como se estivesse contando uma lenda em voz alta.

O livro conta a história de um reino chamado Delain onde viviam Sua Majestade, Rolando, a rainha Sacha e seus filhos, Pedro e Tomas. Apesar de ser esforçado, Rolando não tinha carisma e era considerado um rei medíocre. Quem contava com a simpatia e o respeito do povo era a rainha. Essa admiração alimentava o ódio de um perigoso inimigo — Flagg, o feiticeiro, um influente conselheiro nas decisões reais.

Mas eis que Sacha morre misteriosamente. E Flagg, que planejava dominar o reino, começa a agir. Elimina o tolo Rolando; em seguida, afasta Pedro do trono levando ao poder o pequeno Tomas, a quem Flagg tinha certeza que poderia manipular facilmente. Mas o que Flagg não sabia é que Tomas escondia um segredo que nem a bola de cristal do mago poderia vislumbrar. E nem tudo sai como Flagg

planejara.

Compre agora e leia


PHILIP PULLMAN
"Guerra, política, magia, ciência, vidas separadas e destinos cósmicos: há de tudo neste livro. É fascinante."
The New York Times
A Luneta Âmbar
SUMA

A luneta âmbar

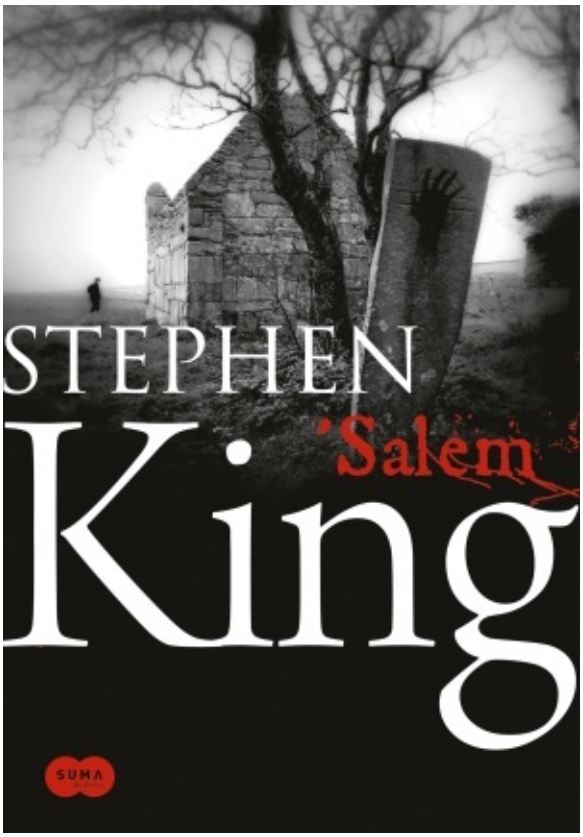
Pullman, Philip
9788543810560
504 páginas

Compre agora e leia

Volume III da trilogia Fronteiras do Universo.

Em todos os universos, forças se reúnem para tomar um lado na audaciosa rebelião de lorde Asriel contra a Autoridade. Cada soldado tem um papel a desempenhar – e um sacrifício a fazer. Feiticeiras, anjos, espiões, assassinos e mentirosos: ninguém sairá ileso.
Lyra e Will têm a tarefa mais perigosa de todas. Com a ajuda de Iorek Byrnison, o urso de armadura, e de dois minúsculos espiões galivespianos, eles devem alcançar um mundo de sombras, onde nenhuma alma viva jamais pisou e de onde não há saída.
Enquanto a guerra é travada e o Pó desaparece nos céus, o destino dos vivos – e dos mortos – recai sobre os ombros dos dois. Will e Lyra precisam fazer uma escolha simples, e a mais difícil de todas, com consequências brutais.
A luneta âmbar é o último livro da trilogia Fronteiras do Universo, que teve início com A bússola de ouro e A faca sutil. Uma conclusão emocionante, que leva o leitor a novos e fantásticos universos.

Compre agora e leia


STEPHEN
'Salem
King
SUMA

Salem

King, Stephen
9788581050324
264 páginas

Compre agora e leia

Publicado originalmente em 1975, Salem é inspirado em o Drácula de Bram Stoker. Segundo livro da carreira de King, a obra deu origem ao filme Os Vampiros de Salem, dirigido por Tobe Hopper, de O Massacre da Serra Elétrica.
Ambientado na cidadezinha de Jerusalem`s Lot, na Nova Inglaterra, conta a história de três forasteiros. Ben Mears, um escritor que viveu alguns anos na cidade quando criança e está disposto a acertar contas com o próprio passado, Mark Petrie, um menino obcecado por monstros e filmes de terror e o Senhor Barlow, uma figura misteriosa que decide abrir uma loja na cidade.
Após a chegada desses forasteiros, fatos inexplicáveis começam perturbar a rotina provinciana de Jerusalem`s Lot: uma criança é encontrada morta, habitantes começam a desaparecer sem deixar vestígios ou sucumbem a uma estranha doença. A morte passa a envolver a pequena cidade com seu toque maléfico e Ben e Mark são obrigados a escolher o único caminho que resta aos sobreviventes da praga: fugir.
Mas isso não será tão simples: os destinos de Ben, Mark, Barlow e Jerusalem`s Lot estão agora para sempre interligados.

Compre agora e leia